



**José Carlos
de Azevedo e Sá**

**A Web 2.0 na Educação para os valores:
problema ou desafio?**



**José Carlos
de Azevedo e Sá**

**A Web 2.0 na Educação para os valores:
problema ou desafio?**

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Multimédia em Educação, realizada sob a orientação científica do Doutor António Moreira, Professor Auxiliar do Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro

“O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração” (Saint-Exupéry).

“Foi o tempo que gastaste com a tua rosa que a tornou tão especial” (Saint-Exupéry).

“Dar o primeiro passo, proferir uma nova palavra, é o que as pessoas mais temem” (Dostoievski), mas que faz toda a diferença e nos define.

Dedico este trabalho aos que acreditaram e colaboraram na caminhada da vida, e de todo o coração pretendem continuar a fazê-lo, em quaisquer circunstâncias...

o júri

presidente

Doutor Luís Manuel Ferreira Marques, Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro

Doutora Maria João da Silva Ferreira Gomes, Professora Auxiliar do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Doutor António Augusto de Freitas Gonçalves Moreira, Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro. (Orientador).

agradecimentos

Agradeço à Dr^a Dulce, pela enorme amizade que nos une, e por ter sido a principal impulsionadora deste projecto de vida.

Agradeço ao meu Orientador, Doutor António Moreira, pela forma como nos cativou, motivou, orientou e acompanhou neste projecto.

Agradeço ao Doutor Jacinto Jardim, pela amizade e pelo apoio demonstrado para o ingresso neste Mestrado.

Agradeço à Doutora Anabela Pereira pelo apoio na ingressão deste Mestrado.

Agradeço ao P. José Luís Matos, meu amigo, pelo contributo nas correcções da dissertação.

Agradeço aos jovens dos grupos “Folhas livres” e “Por amor a Deus”, público-alvo deste projecto, e às animadoras.

Agradeço ao meu grupo de trabalho “Os cinco” pelos laços criados e a interactividade estabelecida, ao longo de dois anos de formação.

Por fim, mas não em último, agradeço a Deus pelas circunstâncias que me conduziram a este Mestrado e pelas experiências, humanamente enriquecedoras e significativas, que tive a oportunidade de viver, assim como pelas pessoas especiais que colocou no meu caminho.

palavras-chave

Internet, Valores, Web 2.0, Blogue, Interactividade, Integração, Educação, Aprendizagem

resumo

Esta dissertação de mestrado surge numa tentativa de integrar a Web 2.0 no contexto da educação para os valores. Será que a Web 2.0 poderá contribuir para que a educação para os valores possa ser mais motivadora, e para a aquisição de competências humanas e sociais do público-alvo? Diante de situações de desintegração de alguns elementos dos grupos de formação, será que poderemos encontrar nas ferramentas da Web 2.0 uma solução para a integração desses elementos?

Estas foram algumas inquietações que nos ajudaram a esboçar os nossos objectivos: estudar a integração da Web 2.0 na educação para os valores; estudar a sua potencialidade como ferramenta de integração.

Para atingir estes objectivos, começámos por verificar as mudanças contínuas do mundo em que vivemos e a necessidade de uma educação que contemple o universo dos valores. Estudámos três autores clássicos, que elaboraram algumas teorias e estratégias para a educação para os valores: Kohlberg, Rath e Cabanas.

Desenvolvemos um estudo de caso, através da utilização de dois blogues na formação do público-alvo: um, vocacionado para a formação de dois grupos de jovens; o outro, destinado a um público mais abrangente.

Utilizámos uma metodologia descritiva. Pretendemos analisar a forma como se criou interacção, como esta se desenvolveu, que tipo de recursos foram mais atractivos, e como cresceu o espírito de reflexão crítica, da partilha de recursos, trabalhos e opiniões.

Utilizamos vários inquéritos como instrumentos de recolha de dados. Foram analisados a fim de nos fornecerem alguns dados sobre a literacia do público-alvo em relação às tecnologias e da sua integração em contexto de aprendizagem.

Como se tratava de um público jovem, optámos por utilizar uma estratégia que respeitasse a sua liberdade e autonomia. Foi dada a possibilidade de serem co-autores do blogue, no intuito de fortalecer a abertura, autonomia, responsabilidade, cooperação e reflexão crítica.

Como resultados, podemos afirmar que o blogue pode ser aproveitado no contexto da educação para os valores. Contribui para uma maior autonomia, poder de reflexão e espírito de partilha e cooperação. Favorece a formação contínua dos agentes formadores. Também reconhecemos as suas potencialidades enquanto ferramenta de integração para os indivíduos que se vejam impossibilitados de uma presença assídua aos encontros presenciais.

keywords

Internet, Values, Web 2.0, Blog, Interactivity, Education, Learning, Integration

abstract

The present MA dissertation is an attempt at integrating the Web 2.0 in the context of values education. Can the Web 2.0 contribute towards a more motivating values education and the acquisition of human and social competences of the target audience? When faced with situations of disintegration of some elements of the education groups can we find in Web 2.0 tools a solution for the integration of those elements?

These were some of the worries that helped us draft our objectives: to study the integration of Web 2.0 in values education; to study its impact as an integration tool.

To attain those objectives we started by identifying the continuous changes of the world in which we live and the need for an education that encompasses the universe of values. We studied three classic authors who developed some theories and strategies for values education: Kohlberg, Raths and Cabanas. We developed a case study by means of the use of two blogs in the education of the target audience: one aimed at the education of two groups of youths; the other aimed at a wider audience.

We used a descriptive methodology and aimed at analysing how interaction was created, how it developed, what kinds of resources were more attractive and how the spirit of critical reflection, of sharing of resources, work and opinions grew.

We used several questionnaires as data collection instruments. They were analysed so as to provide data on the literacy of the participants as to Technologies and their integration in the learning context.

As the participants were young, we opted for a strategy that respected their freedom and autonomy. We also offered the possibility for them to be co-authors of the blog, so as to strengthen their openness, autonomy, responsibility, cooperation and critical reflection.

The results of the study allow us to believe that the blog can be used in the context of values education. It contributes towards greater autonomy, power of reflection and sharing and cooperation spirit, fostering the continuous education of teachers. We also recognise its potentialities as an integration tool for those individuals who are unable to have a regular presence in face-to-face encounters.

INTRODUÇÃO GERAL	1
-------------------------------	----------

I PARTE

REVISÃO DA LITERATURA

1. Valores num mundo em mudança	9
1.1. Um novo conceito de aprendizagem	10
1.2. Integração da aprendizagem	14
1.3. Os alunos no centro da aprendizagem	16
1.4. Os valores e a educação	20
2. Educação para os valores	24
2.1. Modelo Cognitivista de Kohlberg	25
2.1.1. Estádios Morais	26
2.1.2. Críticas ao pensamento de Kohlberg	32
2.2. Modelo da Clarificação de valores	34
2.2.1. Apreciação crítica ao modelo da clarificação dos valores	38
2.3. Modelo da educação de carácter e Pedagogia Cosmovisional de Quintana Cabanas	40
2.4. Síntese	43
3. A Web 2.0 e a educação para os valores	48
3.1. As TIC como instrumentos de aprendizagem	49
3.2. A blogosfera	54
3.2.1. Os blogues em contexto educativo (edublogues)	57
3.2.2. Blogues como recurso e estratégia pedagógica	60
3.3. Como falar dos valores através das Web 2.0	65

II PARTE

ESTUDO EMPÍRICO

Introdução	71
4. Metodologia	72
5. Instrumento de recolha de dados	74
6. Descrição da experiência de estudo	77
7. Recolha e análise dos dados	83
8. Estratégia utilizada na educação para os valores	96
9. Discussão dos resultados	100
10. Limitações do estudo	117
Conclusão e propostas de investigação futuras	120
Bibliografia	129
Anexos	133

Índice de tabelas

Tabela 1: níveis e estádios de Kohlberg	28
Tabela 2: dilemas de Kohlberg	31

Figura 1: co-aprendizagem	17
Figura 2: implicações das TIC para a Educação	52
Figura 3: blogue como estratégia e como recurso	62
Figura 4: blogue como estratégia e como recurso 1	63
Figura 5: banda do blogue conviveronline	77
Figura 6: banda do blogue partilhar	80

Índice de gráficos

Gráfico 1: utilização da internet	86
Gráfico 2: preferências nos blogues	87
Gráfico 3: mais cuidados para publicação	88
Gráfico 4: internet na educação para os valores	89
Gráfico 5: ausências de entradas	92
Gráfico 6: ausência de comentários	94

INTRODUÇÃO GERAL

O ser humano está em crescimento contínuo, fruto das influências sistémicas a que está sujeito. Tudo o que envolve o sujeito, seja de forma directa ou indirecta, está a influenciá-lo, de forma positiva ou negativa, não passando indiferente à sua interpretação e consequente integração cognitiva, sentimental e volitiva; ou seja, tudo o que acontece à nossa volta não parte sem antes ter deixado marcas, seja na razão, na emoção ou no comportamento do indivíduo. Por outro lado, tudo o que ele opera, pelos mesmos canais, também inflige consequências nos outros indivíduos que o rodeiam.

Há quem pretenda acentuar, de forma exclusiva, a aquisição de competências cognitivas nos alunos. Desta forma, evidenciam um claro desprezo pelo comportamento moral dos cidadãos. Não podemos esquecer que o ser humano é um ser complexo, onde as diversas dimensões da vida funcionam como num sistema de vasos comunicantes e não por compartimentos estanques.

A educação dos valores deve ser equacionada no sistema de ensino e reavaliada a sua transversalidade a todo o currículo académico. A formação integral da pessoa não deve ser desvalorizada nem ignorada. Se o fizermos, estaremos a hipotecar o desenvolvimento integral e saudável, tanto pessoal como social, das crianças e jovens.

Ao elaborarmos este estudo, desejamos que a educação para os valores seja valorizada na sua dimensão científica, contribuindo para uma educação mais plena e significativa dos jovens. Importa questionar as estratégias educativas que, tradicionalmente, são utilizadas. É imperioso que se encontre novas linguagens, novos métodos, estratégias diferenciadas, capazes de desenvolver competências que potenciem o espírito crítico, a liberdade, a autonomia, a reflexão e a cooperação de todos os intervenientes no processo educativo. Exige-se a aquisição de novas formas de aprender e ensinar, que tenham em consideração os saberes previamente adquiridos e vivenciados, integrando-os em todo o processo formativo e na vida.

A presença das novas tecnologias na paisagem cultural dos homens e mulheres é um facto incontornável. Hoje, as economias do mundo transitaram da lógica industrial para a lógica do saber, onde a capacidade de adaptação constante a novas formas de aprendizagem significativas é crucial para a sobrevivência. Esta aprendizagem do saber é uma actividade cada vez mais colaborativa, convertendo-se numa actividade social plenamente integrada.

Cada vez mais aquilo que se aprende nos bancos da escola é relativizado, talvez por esta não ter na devida conta o contexto vivencial dos seus alunos e da sua inclusão na aprendizagem escolar.

No mundo contemporâneo, sujeito a revoluções contínuas, onde as tecnologias da informação e comunicação, para muitos na aurora, estão a caminho do zénite, não se pode ignorar as potencialidades de que são portadoras e de as colocar ao serviço de um projecto educativo.

As tecnologias exercem uma enorme influência no quotidiano dos nossos educandos. Em função deste fenómeno, urge que se coloquem algumas perguntas e que se procurem respostas que constituam verdadeiros desafios ao processo educativo. Será benéfico rejeitar esta influência em vez de a rentabilizarmos? Será que as ferramentas da chamada Web 2.0 poderão ser uma mais-valia no universo da educação e, no nosso caso, da educação para os valores? Será que estas tecnologias potenciam o desenvolvimento dos valores? Será possível criar uma comunidade virtual, onde se debatam e aprofundem temas, e se partilhem experiências?

Hoje em dia, em virtude da mobilidade humana, das limitações do espaço e do tempo, deparamo-nos com graves problemas de integração dos nossos jovens, conduzindo a situações de exclusão social e consequente desmotivação pela formação moral. Será que poderemos encontrar nas TIC uma possível saída capaz de minimizar esses limites? Poderemos socorrer-nos das Web 2.0 para reforçar a integração de todos os formandos?

Diante de uma panóplia de situações potencialmente problemáticas, e de recursos que a Web nos disponibiliza, estas foram algumas questões que nos foram desafiando e para as quais procuraremos esboçar algumas respostas.

Desta feita, começamos a presente dissertação por contextualizar o mundo em que vivemos, sujeito a constantes transformações. Exige um novo conceito de aprendizagem, onde se dá relevo à integração da aprendizagem que cada um já carrega consigo e que tem consequência, directa ou indirecta, nos novos conhecimentos a construir. Para isto, é necessário olhar para a pessoa que existe no aluno, colocando-o no centro do processo. Os valores fazem parte do processo de aprendizagem, na transversalidade do currículo e como disciplina autónoma.

No segundo capítulo, vamos abordar a educação para os valores, debruçando-nos sobre as teorias desenvolvidas por três autores: Kohlberg, Rath e Cabanas. Vamos analisar as vantagens e algumas críticas às suas ideias.

Posteriormente, vamos reflectir sobre a Web 2.0 e suas potencialidades no contexto da educação para os valores. Efectivamente, as tecnologias da Web 2.0 lançam-nos desafios no universo da educação para os valores.

Estudaremos o mundo da blogosfera e do seu aproveitamento em contexto educativo, nomeadamente os edublogues, como recurso e/ou como estratégia pedagógica. Como falar dos valores através da Web 2.0 constitui a última parte deste capítulo.

No estudo de caso analisaremos os resultados obtidos no decorrer do projecto desenvolvido. Iremos apresentar a metodologia que adoptámos, seguindo-se os instrumentos de recolha de dados. A descrição da experiência de estudo é o passo que segue. Foram feitos alguns inquéritos no decorrer do projecto pelo que apresentaremos o fruto dessa recolha bem como a nossa análise e interpretação dos dados.

Como qualquer projecto educativo também o da educação para os valores requer uma estratégia para o seu potencial sucesso. Nesse sentido, identificaremos a eleição da nossa estratégia para atingir os nossos objectivos.

Depois destes conteúdos, que nos contextualizam dentro do projecto e justificam as nossas opções, iniciamos uma discussão dos resultados obtidos. A capacidade de reflexão e avaliação deve ser uma constante em todas as planificações. É essa a nossa finalidade: tomar consciência das experiências vividas e delas tirar ilações para futuros trabalhos, sejam científicos ou de planificação de encontros juvenis.

Importa ter consciência dos limites com que nos deparamos. Também eles constituem uma fonte rica de lições e experiências, capazes de nos relançar por caminhos e estratégias novos e renovadores. Também iremos expor quais foram esses limites que enfrentámos.

Por último, apresentaremos as conclusões a que chegámos com o nosso estudo, e deixaremos uma proposta para futura investigação científica.

Com todo este estudo, desejamos encontrar uma possível resposta para a pergunta que constitui o tema desta dissertação: será que a Web 2.0, no contexto da educação para os valores, constitui um desafio ou um problema? Será o blogue, ferramenta da Web 2.0, capaz de criar ambientes pedagógicos criadores de experiências educativas ricas e significativas?

Sabemos que este assunto não é pacífico, relativamente à necessidade de introduzir as TIC na educação para os valores. Trata-se de um ambiente tradicionalmente mais fechado e conservador. No entanto, ousamos aceitar o desafio, tentando, pelo menos, estimular uma salutar discussão em torno da necessidade de pensar a educação para os valores tendo em conta a integração das tecnologias, retirando delas o melhor proveito.

I PARTE

REVISÃO DA LITERATURA

1. Valores num mundo em mudança

O mundo em que hoje nós vivemos e os conhecimentos que adquirimos não podem ser considerados como imutáveis. O mundo está em mudança contínua e os conhecimentos acompanham esta evolução. Partilhamos da opinião de Rogers (1985:38) quando afirma que “a vida, no que tem de melhor, é um processo que flui, que se altera e onde nada está fixado”.

“As mudanças que estão a transformar o rosto do mundo são de tal forma profundas - tocam aspectos essenciais da vida, abrangentes - atingem todas as áreas da actividade humana, rápidas - tornam-se imparáveis na sua aceleração, irreversíveis - abrem caminhos para o futuro, que nos ‘obrigam’ a um esforço desmedido para as compreender e a uma coragem quase heróica para lhes fazer frente”, refere-nos Ferreira (1994:24).

Estas mudanças atingiram a totalidade da vida humana, em todos os seus âmbitos. Juste (2007) fala-nos de mudanças na rapidez e profundidade com que o conhecimento evolui e os novos modelos de formação que surgem a cada momento.

Refere-se também às mudanças a que a instituição família está sujeita.

Os avanços na comunicação e tecnologias da informação são também aspectos a ter em conta. A humanidade corre a passos largos para a solidificação desta aldeia global, onde as pessoas experimentam a necessidade de auto-afirmação para que não seja diluída a sua identidade neste mar da uniformidade.

Diante desta realidade, urge adquirir competências no sentido de uma adaptação efectiva, através de uma formação capaz de otimizar os conhecimentos adquiridos, a fim de que se tornem mais significativos, isto é, que tenham mais em conta a experiência humana de cada sujeito, todos os nós da teia de relações de que ele faz parte, e que lhe forneça ferramentas capazes de o ajudar a solucionar problemas e desafios novos. Para isto exige-se novas formas de aprender e de ensinar.

Durante muito tempo, pensou-se que a melhor forma de aprender e ensinar seria a transmissão de conhecimentos que permitissem à pessoa o desempenho das suas funções de uma forma estável e duradoira. Nos tempos que correm, damos-nos conta que este processo de aprendizagem é falível, por não ser nem estável nem duradoiro, precisamente pela mutação rápida do mundo, e por não proporcionar ao aluno as

condições necessárias para uma aprendizagem ao longo da vida, procurando e construindo conhecimentos capazes de se adaptarem a cada época e a cada circunstância.

Segundo Lengrand (1978, citado por Ferreira, 1994:31) que “o que importa não é ensinar matérias: é fornecer ao futuro adulto instrumentos de expressão e de comunicação de que ele necessitará durante toda a vida”. Continua Ferreira (1994:31) dizendo que “o saber é, cada vez mais, o que, progressivamente, se vai conquistando a partir do real e do vivenciado e não o que passivamente, se recebeu e acumulou. Assim sendo, e uma vez que o lugar privilegiado de aprendizagem é o aqui e o agora de cada situação e não, unicamente, a escola, como certos defendem, há que ‘saltar’ os muros dos ‘estabelecimentos de ensino’, exorcizar o dogmatismo dos programas e romper a rigidez dos métodos, possibilitando a cada pessoa o desenvolvimento máximo das suas capacidades de observação, análise, sentido crítico e proposta”.

Esta dimensão do espírito crítico é de especial importância, pois sem esta competência, limitamo-nos a ser meros espectadores ou consumidores de mudanças, ficando aprisionados ao lugar que ocupamos, não passando de uma bola de futebol no jogo da história (Ferreira, 1994).

Este ambiente de mudança é tão acentuado e pertinente que não dá tempo a que o ser humano interiorize as novas experiências. O mundo está em mutação vertiginosa, mas a mente humana acompanhará esta revolução sistemática, e acima e tudo, sem perda da sua própria identidade e valores?

Por causa desta realidade inquestionável, já houve quem apelidasse as gerações nascidas nesta sociedade, de geração *light*, sem valores, virada para o niilismo, o hedonismo, o relativismo e o cepticismo (Rojas, 1994).

Esta é uma forma de ver as situações de mudança numa perspectiva menos positiva, não querendo significar que seja totalmente irreal.

Uma outra abordagem que defendemos é a de ver uma oportunidade que surge para se conseguir otimizar o que as mudanças trazem de bem e ultrapassar as dimensões menos positivas com criatividade.

Num ambiente de mudanças aceleradas, como este que nós vivemos, onde se enquadra a questão dos valores, que dizemos serem os de sempre e para sempre?

Para dar resposta a esta pergunta, existem dois caminhos:

Há quem se limite a criticar negativamente estas mudanças: são os “profetas da desgraça”;

E há quem procure descortinar uma possibilidade de adaptação a esta situação, com novas abordagens. Exprime muito bem esta situação o provérbio chinês que diz o seguinte: “Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento”.

1.1 Um novo conceito de aprendizagem

Todas as mudanças a que nos referimos anteriormente tiveram e continuam a ter influência na forma de pensar, sentir, agir e, logicamente, na forma de ensinar e aprender. Cada vez mais crescemos com a ideia de que os conhecimentos até agora construídos ou adquiridos não são imutáveis, pois sendo válidos a maioria deles, as circunstâncias da sua aplicação vão divergindo.

Assistimos a uma mudança do paradigma educacional, em que o aprendente tem uma participação mais activa na construção do seu conhecimento. Exige-se uma nova postura face à informação e ao mundo. Esta forma de estar passa por uma actualização e adaptação contínuas, onde a mudança é a palavra de ordem.

Este novo paradigma educacional é mais exigente em relação à autonomia dos aprendentes. A insegurança é o mote para uma situação de crise, desconforto e intranquilidade. A sociedade gira de uma forma vertiginosa, mas nem sempre a nossa “mente espiritual” consegue acompanhar este ritmo, provocando um grande desequilíbrio emocional, que pode conduzir a uma crise de autonomia e de outros valores.

Diante de uma “nova juventude”, com novas competências, capacidades e recursos, mas também com novos problemas e desafios, as instituições educativas podem sentir-se perdidas e incapazes de propor alternativas credíveis e que sejam aceites, que respeitem a identidade de cada indivíduo e os ajudem a um maior desenvolvimento pessoal e social.

Será que as instituições com responsabilidades na educação dos valores são capazes de ir ao encontro das necessidades dos indivíduos de forma eficaz e atractiva?

Para que isso aconteça, exige-se “uma revisão na proposta educativa no sentido de uma expansão da compreensão da realidade e do desenvolvimento do ser humano nos seus níveis intelectual, afectivo, emocional e espiritual, seu compromisso com a ética e

a responsabilidade social e planetária, numa visão integradora e formadora de carácter” (Migliori, 2004).

Juste (2007) reforça esta ideia afirmando que as circunstâncias do nosso tempo exigem aprendizagens inovadoras, capazes de antever os problemas e de se envolver na sua resolução. Desta forma, estamos a capacitar os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem a enfrentarem situações novas, ajudando-os a descobrir “ferramentas de formação intelectual” capazes de os ajudarem a continuar neste processo de aprendizagem ao longo da vida, posteriormente à sua saída da instituição escolar.

Em que nos apoiamos para falamos de um novo paradigma no processo de aprendizagem? Carl Rogers (1985) explica muito bem, num conjunto de vários pressupostos que apresentou numa reunião de estudo organizada pela Universidade de Harvard sobre o tema: “Perspectivas sobre a influência das aulas no comportamento humano”. Estes temas foram uma boa base para a reflexão desse grupo de trabalho, e consideramos que o é ainda hoje.

Diz então Rogers (1985:249-251) que:

a) “Aquilo que se pode ensinar a outra pessoa não tem grandes consequências, como pouca ou nenhuma influência significativa tem sobre o comportamento.

b) Compreendo cada vez melhor que apenas estou interessado naquilo que tenha uma influência significativa sobre o comportamento.

c) Cheguei à conclusão que a única coisa que se aprende de modo a influenciar significativamente o comportamento é um resultado da descoberta de si, de algo que é captado pelo indivíduo.

d) Um conhecimento desse tipo, descoberto pelo indivíduo, essa verdade que foi captada e assinalada na experiência de um modo pessoal, não se pode comunicar directamente a outra pessoa. Assim que um indivíduo tenta comunicar essa experiência directamente (...) começa a ensinar, e os resultados disso não têm consequências.

e) Quando tento ensinar (...) fico consternado pelos resultados, que me parecem praticamente inconsequentes, porque, por vezes, o ensino parece ser bem sucedido. Quando isto acontece, verifico que os resultados são prejudiciais, parecem levar o indivíduo a desconfiar da sua própria experiência e isso destrói uma aquisição de conhecimentos que seja significativa. *Por isso, cheguei à conclusão de que os resultados do ensino ou não têm importância ou são perniciosos”.*

f) Compreendi que estava unicamente interessado em ser um aluno, de preferência em matérias que tenham qualquer influência significativa sobre o meu próprio comportamento.

g) Sinto que é extremamente compensador aprender, em grupo, nas relações com outra pessoa (...) ou por mim próprio.

h) Julgo que uma das melhores maneiras, mas das mais difíceis, para mim de aprender é abandonar a minha própria atitude de defesa, pelo menos temporariamente, e tentar compreender como é que a outra pessoa encara e sente a sua própria experiência.

i) Uma outra forma de aprender é confessar as minhas próprias dúvidas, procurar esclarecer os meus enigmas, a fim de compreender melhor o significado actual da minha experiência”.

Rogers conclui que ninguém aprende nada de significativo com base em conclusões.

Estes pressupostos descrevem bem a necessidade de uma mudança na aprendizagem. Efectivamente, o método de ensino utilizado durante muitos anos, e ainda em vigor, está centrado no professor, fazendo do aluno alguém que apenas recebe o que lhe é transmitido como certo e inquestionável. É o modelo de aprendizagem cognitivo (Pinto, 2002).

Neste modelo de aprendizagem, o professor ocupa o principal papel no processo de aprendizagem. Ele é o agente gestor da educação, fornecendo os suportes informativos e organizacionais que possibilitem ao aluno aprender por “encaixe”. Por outras palavras, o professor é o detentor de todos os conhecimentos, fazendo tábua rasa das experiências e aprendizagens do aluno, cabendo a este o papel passivo de assimilar os conteúdos programados e transmitidos pelo professor.

Para facilitar o processo de aprendizagem neste modelo, o docente recorre ao treino repetitivo até à assimilação dos conteúdos de aprendizagem. Este treino é feito sempre numa ordem crescente de dificuldade, sempre focalizada no problema em questão, fornecendo-se exemplos concretos e exemplificativos que ajudem a memorizar as soluções programadas para o dito problema. O aluno é tão-somente o depósito dos conteúdos que alguém lhe transmite. É aquilo a que Freire (1979:38) denomina “a consciência bancária da educação”, em que se educa para arquivar, e se pensa que quanto mais se dá mais se sabe.

Esta maneira de encarar o ensino, ainda hoje adoptada de uma forma generalizada nos nossos estabelecimentos de ensino, não permite desenvolver a dimensão crítica por parte dos alunos, possibilitando-lhes uma preparação efectiva para que, em situações novas, possam encontrar soluções diferentes.

Este modelo é portador de uma dimensão positiva, pois em muitos níveis de ensino temos mesmo de aprender recorrendo a ele. No entanto, se nos níveis mais avançados

não evoluir para outras metodologias e estratégias de aprendizagem, que tenha em conta as experiências vivenciais dos sujeitos e que os ajude na construção de competências cognitivas adaptadas a cada situação concreta, revelar-se-á insuficiente e desmotivador.

A taxa de insucesso e abandono escolar, a tão famigerada crise de valores que é apregoada, constituem prova de que este método deve ser reformulado no sentido de envolver mais o aprendente em todas as suas dimensões: pessoal, social e cultural.

No modelo de cognição flexibilizada, o aluno desempenha um papel activo no processo de aprendizagem, onde todos os seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida são tidos em conta. Spiro e Jehng escreveram que ‘... com cognição flexibilizada queremos significar a capacidade de reestruturar espontaneamente os saberes próprios ou adquiridos, de muitas formas diferentes, como resposta adequada a solicitações externas que podem ser radicalmente distintas...’ (Pinto, 2002:278).

O objectivo principal deste modelo é permitir que o sujeito crie múltiplas representações e ligações através do conhecimento que construiu. Uma pessoa educada com base neste modelo poderá encontrar soluções novas para questões novas, socorrendo-se sempre da capacidade criadora de todas as fontes de conhecimento até então construídas.

1.2. Integração da aprendizagem

Tem-se falado muito em integração dos conhecimentos adquiridos ou construídos, conforme o caso. Que se pretende com a integração, afinal?

Pretende-se “levar até à vida real, a adequação dos saberes construídos, de modo a que sirvam eles próprios como instrumento de vida, de profissão e de ser social. Em termos educativos, diz-se que se dá a integração das aprendizagens quando, a partir de um número limitado de situações de aprendizagem, seja possível ao sujeito criar um número ilimitado de situações reais” (Pinto, 2002:148).

Desta forma, estamos a ajudar o sujeito de aprendizagem na construção de competências de generalização. Esta capacidade que se conquista irá ajudar o indivíduo a construir o seu próprio conhecimento, com base no que já foi adquirido, e na consequência das novas soluções para os novos problemas que surgiram. A isto

chamamos também a aprendizagem ao longo da vida. Se queremos estar actualizados e preparados para os novos desafios, urge que conquistemos competências na área da auto-formação, em que poderemos pesquisar, consultar, seleccionar, produzir e distribuir informação, fonte de aprendizagem.

Desde Piaget que o processo de aprendizagem é mais construtivo do que transmitido. É por isso que uma actividade que se limite apenas a validar a informação que fora transmitida e integrada tem muito pouco de educativa.

Este processo de aprendizagem caracteriza-se pela criação de pontes entre o que se sabe e o que se pressente. Este processo é chamado por Pinto (2002) de transferência. O sujeito é capaz de transferir os conhecimentos adquiridos para um novo enquadramento, construindo assim novos conhecimentos que por sua vez serão também eles transferíveis.

Por este motivo, afirmamos que um dos objectivos educativos passa pela aquisição de competências no aprender a aprender, ao longo da vida. Todos os aprendentes, sejam alunos ou professores, devem ter enraizado nas suas estruturas cognitivas, a vontade de aprender continuamente e de adaptar, e readaptar, os conhecimentos prévios e adquiridos.

Para atingir estes objectivos, encontramos nas tecnologias grandes potencialidades, capazes de projectar o processo educativo para consequências mais amplas: com repercussões na formação integral do aprendente e eficácia efectiva no mundo do trabalho e cognitivo do indivíduo.

O documento da UNESCO (2008:1) refere que a utilização da tecnologia, de uma forma eficaz, possibilita a aquisição de diversas habilidades, quanto à utilização, busca, tratamento e avaliação da informação, ajudando na resolução de problemas, produzindo com criatividade e eficácia, comunicando e colaborando com outros indivíduos: “To live, learn, and work successfully in an increasingly complex, information-rich and knowledgebased society, students and teachers must utilize technology effectively. Within a sound educational setting, technology can enable students to become:

- Capable information technology users
- Information seekers, analyzers, and evaluators
- Problem solvers and decision makers
- Creative and effective users of productivity tools
- Communicators, collaborators, publishers, and producers
- Informed, responsible, and contributing citizens”.

Para que todas as competências enumeradas sejam atingidas, exige-se uma

mudança de paradigma educativo. O docente assumirá um papel de facilitador, criando as possibilidades de aprendizagem, que facilitem a utilização das tecnologias, por parte do aluno, para aprender, comunicar e criar produtos de conhecimento. Ao assumir este papel educativo, o docente estará a colocar o aluno no centro da aprendizagem, onde possa assumir um papel mais activo no processo de construção de conhecimentos. Desta forma, estarão a capacitar os alunos de competências que potenciem a aplicação prática dos conhecimentos construídos, com vista à resolução de problemas e de situações que se verifiquem no trabalho, na sociedade e na vida.

1.3. O aluno no centro da aprendizagem

Desde sempre se pensou que os professores estão no centro da aprendizagem como transmissores de conhecimentos. Aos alunos competia o papel passivo de aceitar esses conhecimentos. Era aquilo a que Paulo Freire chama “concepção bancária da educação”, definida por Pinto (2000) como um processo de transferência caracterizado pela unilateralidade e pela unidireccionalidade. O conhecimento vem sempre e exclusivamente do professor.

Esta forma de encarar a aprendizagem conduziu a uma concepção mecanicista do ensino, no pensamento de R. Carneiro, citado por Correia *et al* (2007), onde o papel activo é atribuído ao professor, convertendo os alunos em sujeitos obedientes, pouco actantes, excluídos do seu próprio processo de aprendizagem e construção do seu próprio conhecimento. É exigido ao aluno memorização, repetição, privilegiando os conteúdos e os resultados, castigando os erros.

O resultado deste tipo de atitude perante a aprendizagem terá contribuído significativamente para que o aluno se excluísse do processo de construção de conhecimento, visto que o ensino não teria em conta as suas necessidades e experiências pessoais. Desta forma não se sentiria envolvido, e por isso desmotivado. Como consequência deparamo-nos com o problema do insucesso e abandono escolar.

Sobre esta metodologia, Hegel, citado por Correia *et al* (2007:9), diz que não se pode conceber a aprendizagem “como mera recepção e assunto da memória, um aspecto altamente incompleto de ensino. (...)”

Se o aprender se limitasse a uma simples recepção, o seu efeito não seria melhor do que se escrevêssemos frases sobre a água; pois não é só o receber, mas só a auto-actividade de compreensão e a capacidade de o utilizar de novo que fazem de um conhecimento propriedade nossa. (...)

A recepção deve conduzir necessariamente ao esforço próprio, não como produção de uma invenção, mas como aplicação do que foi aprendido, como tentativa de, através do que se aprendeu, conseguir obter resultados imediatamente noutros casos singulares, noutras matérias concretas”.

Sentiu-se necessidade de envolver os alunos no processo de construção do seu próprio saber. Para isso é necessário conhecer as suas experiências e transferi-las para dentro do contexto educativo. Para se atingir este objectivo urge uma mudança de mentalidade quer por parte do professor quer por parte do aluno. Ambos devem ter consciência do papel de co-aprendizagem. Por outras palavras, os professores aprendem com os procedimentos dos alunos, os alunos aprendem com o apoio e saberes dos professores. Desta forma, tanto professores como alunos vivem num contínuo aprender e ensinar mútuo. Esta co-aprendizagem está bem esquematizada no gráfico de Pinto (2002:105):

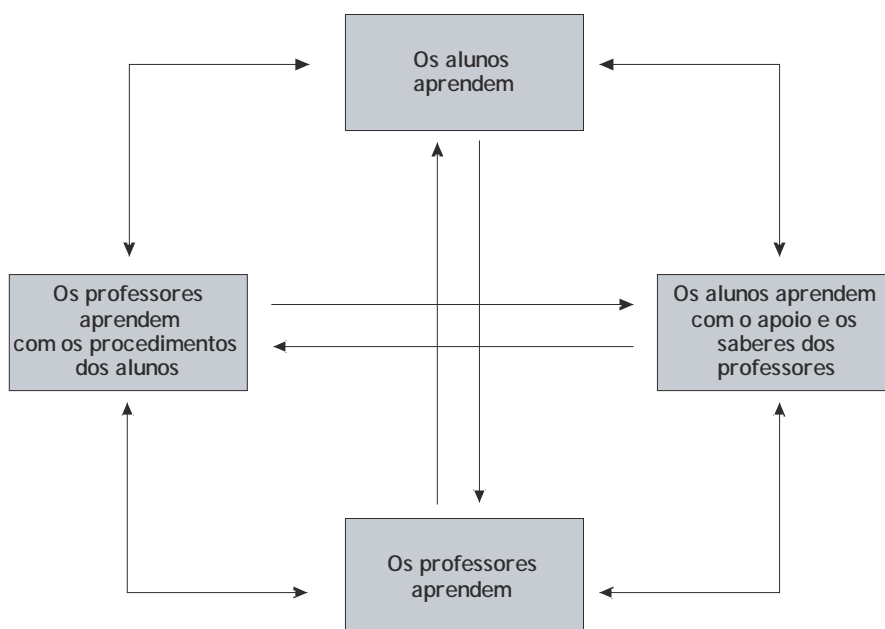


Figura 1: co-aprendizagem

Concordamos com Correia *et al* (2007: 8) quando “considera que ensinar e aprender são entidades intimamente associadas”. Continua afirmando que “o progresso do ensino e da aprendizagem depende, frequentemente, do seu correcto balanceio, ou seja, ensina tanto melhor todo o sujeito que muito aprende, sendo que neste contexto os termos inversos da proposição são igualmente verdadeiros, aprende melhor aquele que muito ensina, seja nas áreas dos conhecimentos formais, seja nos saberes tácticos, isto é, nas múltiplas e diversas aprendizagens. Nesta nova abordagem pedagógica, ensinar e aprender assumem um carácter bidireccional, na medida em que a interactividade desenvolvida por professores e alunos proporciona que sejam co-construtores de saberes, focalizando e valorizando mais o processo de aprendizagem do que a instrução e transmissão de conteúdos”.

Não estamos a desvalorizar o papel do professor e a sobrevalorizar o do aluno. Apenas se defende uma alteração do papel do professor de forma a integrar os saberes e contextos vivenciais dos alunos, dando-lhes um papel activo na construção dos seus conhecimentos, através de pesquisa, selecção, reflexão crítica e produção de conhecimentos. Desta forma estará o aluno a adquirir competências no campo da transferência dos conhecimentos construídos em ordem à sua posterior adaptação a casos singulares e à resolução de problemas.

Na verdade, cada um é artesão do seu próprio conhecimento (Paiva, 2002). Cada sujeito só aprende se quiser aprender, sentindo-se envolvido no processo e se a aprendizagem for verdadeiramente significativa, isto é, se puder ser integrada na sua vida. É ao professor “que compete e competirá, cada vez mais, tornar-se um gestor quer dos procedimentos da aprendizagem quer das características essenciais da informação a tratar, construindo com o sujeito (e não ‘sobre’ o sujeito) modelos de triagem e de pesquisa, de operacionalidade e de grau de profundidade da informação” (Paiva, 2002: 24). O professor passa a ser um nó na rede de informação.

Como se caracteriza a aprendizagem num sistema de rede, segundo Collot, citado por Paiva (2002):

1. Como um sistema aberto, que derruba as fronteiras do espaço físico, permitindo toda a espécie de trocas com o exterior, criando novos nós na rede da informação. Num sistema aberto como este, nunca se sabe o que está a acontecer no que concerne à informação. Por isso, há a necessidade de estarmos dotados de uma enorme capacidade educacional e de recursos que nos permitam actuar em cima do que está a acontecer.

2. Uma segunda característica é um ambiente dinâmico. Isto quer dizer que entre todos os intervenientes no processo de educação não pode existir uma atitude passiva e

estática. Não se pode limitar a receber uma informação, mas a provocá-la, buscando-a, trabalhando-a e substituindo-a por informação nova, mais completa e mais complexa, dando-lhe utilidade no processo construtivo do saber.

3. O professor não filtra a informação. A informação existe e torna-se cada vez mais fácil o acesso a ela. Por isso, o professor deve converter-se num facilitador do tratamento da informação ou um gestor da sua análise.

4. Percursos diferenciados da informação. O que, sendo uma mais-valia, acarreta um grande risco de deturpação da informação, potenciando a aquisição de informação errónea. Por isso deve-se ajudar a que cada sujeito comece a criar um modelo de triagem, capaz de separar o essencial do acessório da informação. Por outras palavras, deve-se desenvolver um espírito crítico de reflexão que desenvolva competências de discernimento.

Cabe agora uma pergunta muito prática e que está relacionada com tudo o que dissemos até agora: estarão os nossos alunos preparados para assumirem um papel activo no processo de construção da sua educação? Esta é uma pergunta que é feita, muitas vezes, como desculpa para que continue tudo na mesma.

É necessário implementar uma mudança de mentalidade nos docentes, para que ela chegue também aos alunos. Podemos começar pela sugestão que Sebastião da Gama dá no seu diário (2003:15): "Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já me esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos."

Esta atitude perante a aprendizagem, ajudará a criar uma nova mentalidade e novas práticas pedagógicas. O documento da UNESCO (2008:7) reforça esta ideia, ao afirmar que a pedagogia a aplicar na docência deve ser pautada pela colaboração, utilizando o recurso à análise de problemas, onde se integre os conhecimentos prévios que cada um possui. Desta forma, a aprendizagem centra-se no aluno, assumindo, o docente, o papel de estruturador das tarefas e de orientador das compreensões dos alunos, e de serem capazes de definir, projectar e utilizar as actividades específicas. "This approach often requires changes in the curriculum that emphasize depth of understanding over coverage of content and assessments that emphasize the application of understanding to real-world problems. Assessment change focuses on complex problem solving and incorporating assessments into the ongoing activities of the class. Classroom pedagogy associated with this approach includes collaborative problem - and

project-based learning in which students explore a subject deeply and bring their knowledge to bear on complex, every-day questions, issues, and problems. Teaching is student-centered in this approach and the teacher's role is to structure problem tasks, guide student understanding, and support student collaborative projects. In this role, teachers help students create, implement, and monitor project plans and solutions".

No Diário de Sebastião da Gama (2003: 16) encontramos descrita qual a melhor atitude para conseguir envolver os alunos no processo de aprendizagem. Afirma que "as aulas más são as aulas que os rapazes não querem ouvir. Mas então - poderia eu defender-me - que culpa temos nós de os rapazes serem barulhentos, desinquietos e desatentos? É verdade que, às vezes, a culpa não é nossa: é toda deles, a quem mais apetecia estar na rua que na escola. Mas para isso justamente é que serve o bom professor - e o meu drama resulta de que a mim só me interessa ser bom professor. Ser bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar todos os alunos a estar interessados; a não se lembrarem de que lá fora é melhor".

Utilizando esta pedagogia, em que colocamos o aluno no centro da aprendizagem, envolvendo-o na construção do seu próprio conhecimento, de uma forma colaborativa, criam-se as condições favoráveis para se falar dos valores em regime de educação.

1.4. Os valores e a educação

O termo valor tem a sua origem no latim "valore" e significa aquilo que vale alguma coisa, que tem merecimento. O Dicionário da Língua Portuguesa de José Pedro Machado, define valor nestes termos: "Aquilo que uma coisa vale. (...) Valor intrínseco, valor real, independente de qualquer convenção ou arbítrio. Valor respeitante à essência, à doutrina".

Diz também o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, citado por Marques (2003: 15) "que valor é aquilo que é valioso, que tem grande interesse e que é de grande qualidade. Diz também que tem valor tudo que é considerado belo, digno e verdadeiro, segundo o juízo pessoal feito de acordo com os padrões sociais de determinada época".

Desta forma, entendemos que o valor é algo intrínseco à condição humana. Poderemos dizer que todo o ser humano é portador de valores pelos quais ele orientará

o seu comportamento pessoal e social, tendo uma enorme influência nas tomadas de decisão. Embora sejam indissociáveis da condição humana, os valores revestem-se de uma dimensão objectiva e subjectiva. Objectiva, na medida em que os valores são metas, objectivos, fins que pautam a conduta humana; subjectiva porque estão intimamente ligados às motivações e desejos, dependendo, portanto, da energia emocional e sentimental que impulsiona as acções” (Sousa, 2001: 18).

Bruxarrais (1997:83) acrescenta mais uma dimensão às anteriores de Sousa: “um carácter social enquanto aspiração de uma determinada colectividade ou grupo”.

Assim sendo, os valores podem ter uma dimensão objectiva, isto é, valor em si mesmo, independente do juízo pessoal que cada pessoa possa ter. Uma dimensão subjectiva, na medida em que umas pessoas valorizam mais uns e menos outros, dependendo dos seus conhecimentos, educação, experiências de vida e motivações. E uma dimensão social em que o indivíduo procura adaptar-se aos valores que lhe são propostos por um grupo social com o objectivo de ser aceite e integrado no seu seio.

Para Marques (2003:16), os valores revestem-se de algumas características: “Os valores não são coisas mas sim qualidades que as coisas possuem mas que não estão nelas de um modo sensível; os valores são estimados e inferidos, através da inteligência, do sentimento e das emoções; estimar um valor é apreendê-lo; os valores produzem reacções nas pessoas; os valores recebem grande poder energético dos afectos e são motivadores das atitudes e comportamentos das pessoas; apesar da inteligência ser necessária ao processo de apreensão dos valores, são as emoções e os sentimentos que mais pesam nesse processo; os valores não são transmitidos ou construídos mas sim descobertos através da identificação, do testemunho, do exemplo e da vivência; os valores possuem bipolaridade e hierarquia, ou seja, os valores podem ser colocados num determinado ponto entre um extremo positivo e um extremo negativo (bipolaridade) e subordinam-se uns aos outros, uma vez que uns são mais valiosos do que outros (hierarquia) ”.

Esta hierarquia de importância de valores é tão diversificada quanto o número de indivíduos existentes. Por outras palavras, cada pessoa cria a sua própria ordem de valores conforme a importância que lhes queira dar. Desde Platão até aos dias de hoje muitas teorias filosóficas têm sido desenvolvidas sobre o que as pessoas mais valorizam. Todos terão a sua razão, porque para além da condicionante subjectiva, existem outras sociais que condicionam essas pessoais e que são próprias de cada tempo e da sua história.

Se a questão dos valores é tão intrínseca ao ser humano, como já referimos, não a poderemos descurar no processo de aprendizagem. Alguns autores preferem denominá-la por educação para a cidadania em vez de educação para os valores. No fundo, estão todos a falar do mesmo, pois todos estão a contribuir para o desenvolvimento pleno do ser humano, em todas as suas dimensões: pessoal e social.

A Lei de Bases do Sistema Educativo em Portugal diz no seu Artigo 3º, alínea b, que o sistema educativo organiza-se de forma a “contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos”.

E na alínea c, continua: “Assegurar a formação cívica e moral dos jovens”. No Artigo 5º, referente à Educação pré-escolar, no número 1, alínea d, diz que são objectivos da educação pré-escolar “desenvolver a formação moral da criança e o sentido da responsabilidade, associado ao da liberdade”.

Para o Ensino Básico, diz no seu Artigo 7º que os objectivos são: alínea a) “Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social”.

Na alínea f, h e i, salienta a formação de uma consciência nacional numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação, com a criação de hábitos positivos de relação e a aquisição de atitudes autónomas. Na alínea n, renova a necessidade de proporcionar a aquisição de noções de educação cívica e moral.

Para o Ensino Secundário, aponta como objectivo, no Artigo 9º, alínea a, o “assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística”.

Constatamos a preocupação por uma formação na área dos valores que trespassa todas as etapas formativas e que se reveste de uma componente transversal a toda a vida académica e curricular.

Poderemos perguntar se, apesar da importância demonstrada na Lei de Bases, nas escolas se conseguiu implementar com sucesso esta dimensão da educação. Embora não nos tenhamos debruçado sobre esta temática, Marchand defende que “na opinião de diversos autores (cf. Beltrão e Nascimento, 2000), a proposta de educação para os valores da reforma de 1986, não teve sucesso”.

Afonso (s.d.:453) comunga da mesma opinião, referindo que “o objectivo de levar as crianças e os jovens a fazer uma aprendizagem na autonomia, do respeito, da justiça e da solidariedade, no reconhecimento de valores plurais, comuns e diferentes, não estava a ser satisfatoriamente atingido, tendo até aumentado, em muitos casos, a dimensão e a complexidade dos problemas”.

As principais causas são referidas pelos mesmos autores como sendo: 1) “Querer mudar sem ter em conta os factores de resistência à mudança”; 2) “O divórcio entre a teoria e a prática”; 3) “A falta de sentido de pertença e de cultura da escola”.

Uma quarta razão é acrescentada por Marchand como sendo a falta de formação dos docentes.

Efectivamente, se não tivermos em conta e não englobarmos neste processo toda a comunidade educativa, se não tivermos em devida consideração os actores do processo, a saber, professores e alunos, e se faltar a motivação para fazermos parte de uma comunidade educativa e não existir co-responsabilidade, torna-se difícil garantir o sucesso na educação.

No entanto, apesar das dificuldades, espera-se que a escola seja capaz de ajudar os alunos a adquirirem competências que os ajudem a serem bons profissionais, cidadãos bem formados e indivíduos autónomos, utilizando métodos pedagógicos respeitadores da autonomia dos alunos, como referiu a Ministra da Educação Maria de Lurdes Rodrigues, na sessão de abertura do “Fórum para a Cidadania” (2006).

2. Educação para os valores

Estamos habituados a ouvir referências à actual crise de valores de que a nossa sociedade é portadora e vítima. A escola, e todas as outras instituições que têm como missão a educação para os valores e a cidadania, encontram, no seu interior, conflitos e aflições que inquietam os indivíduos, hipotecando o sucesso da aprendizagem e das relações humanas.

Esta realidade afecta cada indivíduo na sua identidade e também, como consequência, nas comunidades em que está inserido. Constata-se que “no nosso tempo, com a pressão de muitas mensagens contraditórias que nos envolvem, muitas pessoas debatem-se na confusão, apatia ou inconsistência, sem conseguirem clarificar os seus próprios valores, pelo que se deve encorajá-las a reflectirem de forma mais deliberada nos seus valores e nos da sociedade como um todo” (Valente, 2006:4).

Mas será só a sociedade que está inserida nesta crise de valores? Será que as instituições educativas sabem como proporcionar oportunidade de reflexão, em diferentes contextos, aos seus membros? Será que se socorrem de uma linguagem adequada, atractiva e adaptada aos sujeitos que pretendem atingir?

A questão dos valores é um tema que todos achamos importante, pertinente; sentimos os efeitos da sua ausência, mas, na prática, prestamos-lhe pouca atenção.

Este é um assunto que não se pode evitar. Ele é transversal a múltiplos contextos, e realiza-se em todos os momentos. Manifesta-se tanto no foro mais íntimo de cada indivíduo, independentemente do credo que professe, como nas relações que estabelece com a sociedade nos mais variados contextos de intervenção. A questão moral surge sempre que alguém se manifesta a favor ou contra qualquer comportamento, situação, pessoa ou objecto.

Todas as instituições educativas devem ter a preocupação permanente de ajudar na formação de cidadãos felizes, adaptados, respeitados e respeitadores, capazes de aceitar e conviver com as diferenças, não impondo receitas estandardizadas, mas capazes de um diálogo franco, aberto e tolerante.

Na verdade, “o desafio da educação está nos processos de revisão de uma cultura organizativa, da metodologia que potencie nos cidadãos e cidadãs as capacidades para compreender e interpretar a realidade, para fazer uma leitura crítica dos acontecimentos mediante um diálogo construtivo. Além disto, deverá ser capaz de

ajudar a transformar as relações das pessoas com as novas sensibilidades interculturais, meio-ambientais, solidárias e igualitárias” (Oxfam, 2005: 5).

O tema da educação para os valores é pertinente e, porque não dizê-lo, inerente à condição humana. Independentemente de haver valores ligados ao foro da consciência e de profissões religiosas, esta questão abrange o ser humano na sua globalidade, isto é, nas suas opções, pensamentos e atitudes comportamentais. Podemos afirmar que não é possível existir um sujeito que não seja portador de valores.

Será que poderemos falar de valores universais? Como se pode fazer educação para os valores? Os valores têm uma dimensão objectiva e outra subjectiva. Mas as duas estão intimamente ligadas. Qual a melhor pedagogia para se educar nos valores?

Ao longo dos tempos foram aparecendo muitas teorias, fruto de reflexões e estudos. Pretendemos agora fazer uma abordagem às teorias e práticas mais utilizadas.

2. 1. Modelo Cognitivista de Kohlberg

Lawrence Kohlberg doutorou-se em Psicologia na Universidade de Chicago, decorria o ano de 1958. A Tese de Doutoramento estudava o Raciocínio Moral em Rapazes Adolescentes.

O pensamento de Kohlberg foi influenciado pelas ideias de John Dewey e pela teoria dos estádios de Jean Piaget. A ética humanista presente em todos os seus estudos é de influência kantiana (Marques, 2003).

Existem três ideias basilares na teoria que Kohlberg estudou e desenvolveu, que são: “Organização estrutural”, “Sequência de desenvolvimento” e “Interaccionismo”.

“Organização estrutural”: ao ter em consideração que o modo como cada pessoa analisa e interpreta os acontecimentos com que se depara e as decisões que toma em consequência dos problemas são importantes no seu desenvolvimento.

“Sequência de desenvolvimento”: ao considerar que o desenvolvimento moral se processa de modo a poder ser caracterizado por estádios de desenvolvimento, onde os sujeitos progridem de forma sequencial.

“Interaccionismo”: pela forma como a estrutura cognitiva se desenvolve, reformulando-se para dar sentido às novas experiência (Valente, 2006).

Kohlberg afastou-se das influências comportamentalistas, defendidas por Freud e Skinner, e abraçou a psicologia cognitivista cujo autor representativo é Piaget. Afasta-se

da procura de conteúdos morais, defendidos pelos defensores comportamentalistas, apelidando-os de fomentadores de “sacos de virtudes”. Filosoficamente, recusou a influência analítica e adopta uma filosofia crítica de inspiração kantiana. Sociologicamente, procurou razões para a defesa de uma ética universal, independentemente de quaisquer condicionalismos, sejam de ordem social ou cultural. Rejeita o colectivismo da transmissão cultural defendida pela teoria comportamentalista, que advoga que os valores morais são fruto da cultura e que cabe ao indivíduo a sua interiorização passiva e agir em conformidade ao estabelecido culturalmente.

Ao invés, Kohlberg defende que o conhecimento se constrói a partir da interacção do sujeito com o objecto, entre a pessoa e o meio.

Esta ligação entre o pessoal e o social assume um papel central em toda a teoria cognitiva de Kohlberg. A justiça surge naturalmente como o expoente máximo desta inter-relação, pressupondo que cada pessoa seja capaz de equilibrar os seus interesses pessoais com os interesses da sociedade (Marques, 2003).

Segundo Valente (2006:15) “a abordagem chama-se *cognitiva* porque considera que a educação moral tem as suas bases no pensamento activo e *desenvolvimentista* do indivíduo porque vê o objectivo da educação moral como um movimento através de estádios morais”.

2.1.1. Estádios Morais

Piaget estruturou o desenvolvimento moral da criança em 3 estádios. Kohlberg, fundamentando-se no estudo desenvolvido por Piaget, desenvolveu o estudo, e defendeu a existência de 6 estádios.

“Estádios, em Piaget e Kohlberg, são sistemas estruturados que formam uma sequência invariante em todas as condições, salvo em situações de trauma; e são integrações hierárquicas, isto é, pensar num estágio superior compreende o ser capaz de pensar em estádios inferiores” (Valente, 2006: 16).

Piaget tinha começado o estudo sobre os estádios do raciocínio moral da criança, depois de as ver jogar e ao entrevistá-las sobre as regras do jogo. Chamou-os:

1. Estádio pré-moral
2. Estádio heterónimo.
3. Estádio autónomo.

No primeiro estágio, verificou que as crianças não tinham sentido de obrigação às regras. No segundo, existe obrigação às regras e a submissão ao poder e à punição. No terceiro estágio piagetiano são considerados os fins e as consequências na reciprocidade e troca entre os pares.

Kohlberg, por seu turno, identificou três níveis de desenvolvimento moral, pré-convencional, convencional e pós-convencional, que se subdividem em dois estádios, somando um total de seis estádios do desenvolvimento moral, estruturas de raciocínio e de juízo e não de conteúdo (Bento, 2001). Nas palavras de Valente (2006:17): “Uma questão importante a salientar é a de que os estádios morais são estruturas de raciocínio moral e não de conteúdo moral, isto é, ao ser-se confrontado com um dilema não importam tanto as escolhas que são feitas, mas o tipo de raciocínio aduzido, para fazer não importa qual escolha”.

Estes níveis identificados por Kohlberg tiveram a influência dos três níveis que Dewey considerou: o nível pré-moral ou pré-convencional, onde o comportamento do indivíduo é comandado por impulsos biológicos e sociais; o nível convencional, através da aceitação das normas impostas pelo grupo; e o nível autónomo, em que a conduta é orientada pela reflexão que cada pessoa faz sobre o bem (VALENTE, 2006).

Podemos agrupar os níveis e os estádios de Kohlberg da seguinte forma:

Níveis	Estádios	Explicação
Pré-convencional	1. Orientação para a punição e para a obediência.	As consequências determinam o certo.
	2. Orientação calculista e instrumental; pura troca, hedonismo e pragmatismo.	O certo é aquilo que satisfaz as necessidades próprias.
Convencional	3. Orientação para o bom menino e para uma moralidade de aprovação social e interpessoal.	A manutenção das boas relações com os outros e a sua aprovação é que é considerado certo.
	4. Orientação para a manutenção da lei, da ordem e do progresso social.	A obediência à autoridade e o cumprimento do dever é o que está certo.
Pós-convencional	5. Orientação para o contrato social, para o relativismo da lei e para o maior bem para o maior número de pessoas.	Os padrões examinados criticamente e aprovados pela sociedade determinam o que está certo.
	6. Orientação para os princípios éticos universais, auto-escolhidos e generalizáveis.	A decisão depende da consciência individual, de acordo com os princípios escolhidos por si, fundamentados na compreensão lógica, na universalidade e na consistência. O que é certo depende dos princípios éticos universais.

Tabela 1: níveis e estádios de Kohlberg (adaptado de Marques, 2003:49)

“A teoria de Kohlberg é um dos exemplos mais significativos de uma teoria moral centrada na defesa dos princípios éticos e preocupada com o desenvolvimento do raciocínio moral, em vez da defesa das convenções sociais, regras de conduta e leis” (MARQUES, 2003:52). Efectivamente este modo de encarar o desenvolvimento moral é polémico e valeu-lhe muitas críticas.

Kohlberg aponta o sexto estágio como o ideal, mas também o mais difícil de ser atingido. Só mesmo excepcionalmente pode ser atingido. Este estágio apresenta o modelo do indivíduo com uma moral perfeita. A pessoa que atinge este patamar de desenvolvimento orienta-se por princípios éticos universais.

Como define o autor o princípio ético? Acima de tudo, nas palavras de Ramiro Marques (2003:52), “é um procedimento ou um conjunto de orientações para habilitar a pessoa ao confronto de escolhas morais alternativas. Constitui uma forma universal de tomada de decisões morais, com base na lógica formal e na razão”.

Como a moral de Kohlberg é fortemente influenciada pelo conceito de justiça, o princípio ético é a forma plena, mais avançada e madura, de encarar o conceito de justiça. Por outras palavras, o princípio ético significa duas coisas: “um procedimento racional para orientar a reflexão sobre questões morais e um conteúdo identificável com o conceito de justiça” (Marques, 2003:52).

Já que o conceito de justiça é tão fulcral no pensamento de Kohlberg, que entende ele por justiça? “A justiça é o mesmo que igualdade e universalidade dos direitos humanos. Podemos, então, afirmar que justiça é o mesmo que fraternidade, em que o outro tem valor em si mesmo e como tal deve ser tratado, e não apenas como um meio para se atingir um fim. E por isso mesmo, a pessoa progride de um estágio para o seguinte na medida em que começa por se preocupar com o bem-estar do outro, de procurar o bem maior para o maior número.

Os conflitos morais são conflitos entre direitos das pessoas, à luz de princípios de justiça. Para qualquer estágio moral há preocupações de justiça, mas a concepção de justiça vai evoluindo e sendo reajustada. No estágio I, a justiça é a condenação dos maus em termos de “olho por olho, dente por dente”. No estágio II, é a troca de favores e bens. Os estágios III e IV, consiste em tratar as pessoas tal como elas desejam, em termos de regras convencionais. No estágio V, reconhece-se que todas as regras e leis saem da justiça, contrato social entre governantes e governados. No estágio VI, os princípios morais são princípios de justiça, que qualquer membro de uma sociedade poderia escolher para essa sociedade se não soubesse qual seria a sua posição nela, admitindo vir a ser um dos menos privilegiados” (Valente, 2006:19).

O pensamento moral de Kohlberg é caracterizado pela interactividade e pela operação lógica que um indivíduo processa perante os problemas, experiências e situações com que se depara. O nosso autor considera que o pensamento moral passa pela aplicação de certos princípios e práticas a estruturas concretas e dilemas.

O objectivo dos dilemas é “criar as condições necessárias ao desenvolvimento moral e à mudança para o estágio imediatamente superior. Os dilemas – que podem ser hipotéticos ou reais – são breves relatos narrativos de situações que apresentam um conflito moral e, geralmente, contêm posições distintas, ambas defensáveis” (Bento, 2001:139).

O estágio de desenvolvimento de um indivíduo é definido não pela escolha que faz, mas pelo tipo de raciocínio que o levou a chegar àquela conclusão. O conteúdo moral, assim como a acção da pessoa, têm pouca relação com o estágio do desenvolvimento moral. O essencial é a cognição no processo de desenvolvimento moral.

A título de exemplo, fazemos agora referência a um dos mais conhecidos dilemas de Kohlberg, citado por Valente (2006:20-21).

“Uma mulher estava a morrer, com um tipo especial de cancro. Havia um medicamento que, segundo pensavam os médicos, podia salvá-la. Era uma forma de *radium* que um farmacêutico, na mesma cidade, descobrira recentemente. A manipulação do medicamento era cara, mas o farmacêutico cobrava dez vezes mais do que o preço do custo. Pagava \$200 pelo *radium* e cobrava \$2,000 por uma pequena dose do medicamento. O marido da senhora doente, Heinz, recorreu a toda a gente que conhecia para pedir emprestado o dinheiro, mas só reuniu \$1,000, o que era apenas metade do custo. Disse ao farmacêutico que a sua mulher estava a morrer e pediu-lhe para o vender mais barato ou se podia pagá-lo mais tarde. Mas o farmacêutico disse: ‘Não! descobri o medicamento e vou fazer dinheiro com ele.’ Então, Heinz fica desesperado e pensa em assaltar a loja do homem e roubar o medicamento para a sua mulher.”

De forma a despertar o raciocínio, e a conhecer o estágio em que o indivíduo se encontra, já que o que conta são as explicações para a resposta, este dilema pode ser desenvolvido da seguinte maneira:

- “1. Heinz devia roubar o medicamento?
 - 1.a. Porquê? Ou por que não?
2. Se Heinz não amasse a sua mulher, devia roubar o medicamento para ela?
 - 2.a. Porquê? Ou por que não?
3. Suponha que a pessoa doente não é a sua mulher, mas uma estranha. Heinz devia roubar o medicamento para a pessoa estranha?
 - 3.a. Porquê? Ou por que não?
4. No caso de ser a favor do roubo para a pessoa estranha: suponha que se trata de um animal de estimação. Heinz devia roubar para o salvar?
 - 4.a. Porquê? Ou por que não?
5. É importante para as pessoas fazer tudo o que possam para salvar a vida de outrem?
 - 5.a. Porquê? Ou por que não?”

Dependendo do raciocínio aduzido para a resposta, e situando o estágio de desenvolvimento moral, Valente apresenta este quadro representativo. Através deste quadro, e tendo em conta a justificação para a resposta dada, poderemos verificar qual o estágio em que o indivíduo se encontra. Na coluna da esquerda, encontramos o género de argumento a favor da acção provocada pelo dilema. Na coluna da direita,

constatamos o género de argumento utilizado na defesa da acção contrária. Na coluna do meio, verificamos o estágio correspondente e a sua caracterização.

Razões a favor	Estádio I	Razões contra
Se a mulher morrer, fico cheio de problemas. Serei julgado por não ter gasto o dinheiro para salvar a mulher e haverá investigação para apurar responsabilidades pela morte da mulher.	Acção motivada pelo medo do castigo. A consciência é o medo irracional do castigo.	Não roubaria porque seria apanhado e mandado para a cadeia. Se escapasse passaria o tempo receoso de ser apanhado pela polícia.
Estádio II		
Se for apanhado, dou a droga de volta e não terei grande castigo. Mesmo que fique um ou dois dias na cadeia, não faz mal se a encontrar viva quando voltar.	Acção motivada pelo desejo de recompensa ou benefício. Reacções de remorsos são ignoradas e o castigo é analisado em termos práticos.	Não ficaria muito tempo na cadeia, mas a mulher poderia morrer antes que voltasse, e por isso não me adiantava muito. Se a mulher morrer não era culpa minha, mas do cancro.
Estádio III		
Ninguém pensa que sou mau se roubar, mas a família pensará que sou desumano, se não roubar.	Acção motivada pela antecipação da reprovação real ou hipotética dos outros.	Não é só o droguista que pensa que sou um criminoso. Os outros também. Não serei capaz de olhar para a cara dos meus familiares.
Estádio IV		
Não teria nenhum sentido de honra, se deixasse a mulher morrer, porque estava com medo de fazer a única coisa que a poderia salvar.	Acção motivada pela antecipação da desonra, por falta de cumprimento de um dever e por remorsos de provocar danos a outros.	Estava desesperado e podia não saber que fazia mal ao roubar a droga. Mas sabê-lo-ia ao ser castigado e posto na cadeia. Sentir-me-ia sempre culpado pela desonestidade e agressão à lei.
Estádio V		
Perderia o respeito dos outros, se não roubasse. Se deixasse a mulher morrer seria por causa do medo. Perderia o respeito pessoal e o dos outros.	Preocupação em manter o respeito dos iguais e o da comunidade; preocupação com o auto-respeito, com o julgar irracional, inconsistente, sem propósitos.	Violaria a lei e perderia o respeito da comunidade. Perderia o respeito por mim, se me deixar guiar por emoções e perder uma perspectiva mais alargada e a longo prazo.
Estádio VI		
Se não roubar a droga e deixar a mulher morrer, condenar-me-ia por toda a vida, por não ter feito todo o possível por salvar uma vida.	Preocupação com a auto-condenação por violação dos princípios pessoais. (Distinção entre o respeito da comunidade e o auto-respeito. Distinção entre auto-respeito resultante da racionalidade e auto-respeito por se sustentar princípios morais).	Se roubar a droga, as outras pessoas não me condenariam, mas eu condenar-me-ia por não ter sido capaz de ir até às últimas consequências da minha consciência e honestidade.

Tabela 2: dilemas de Kohlberg (adaptado de Valente, 2006:22)

Neste processo, já que não existem conteúdos a apreciar, se a moral não pode ser transmitida e se a acção não é significativa para o desenvolvimento moral, qual o papel do professor em todo este processo?

Para Kohlberg, o papel do professor traduz-se pelo de facilitador do processo de cognição. O professor é um recurso do aluno, e deve ajudar no processo de reflexão e elaboração de juízos. Ele faz isto na medida em que ajuda o aluno a não esgotar o assunto, a não se contentar com a primeira resposta, mas a ir mais fundo no seu poder de argumentação. O professor deve ajudar a reformular perguntas, a colocar novas questões, a definir conceitos e a distinguir os vários pontos de vista.

Por outras palavras, deve ajudar a manter acesa a discussão em torno do problema e de ajudar o aluno a combater uma atitude passiva, permitindo que todos os alunos participem na discussão. Desta forma, os aprendentes estão a reflectir de uma forma crítica sobre a adequação dos processos de raciocínio aplicados, a sua coerência pessoal e sobre a sua lógica. Em todo este processo é exigido que o professor esteja sempre num estágio superior ao dos seus alunos (Marques, 2003).

2.1.2. Críticas ao pensamento de Kohlberg

É através de uma reflexão crítica que o indivíduo vai evoluindo, e as teorias vão amadurecendo e conhecendo novos contornos. É certo que tudo o que há de novo surgiu porque existe algo prévio, já que ninguém parte do zero. No entanto, se nos contentamos com a posição actual, se não se parte para uma nova etapa, se não se alimenta o espírito de insatisfação, não progredimos, não fazemos caminho. Nesse sentido, vamos ver as críticas à teoria desenvolvida por Kohlberg.

Se a cognição defendida por ele tem um papel central na sua teoria, também é verdade que o acusam de lhe conceder demasiada importância, em detrimento das emoções, dos sentimentos e dos hábitos. Como, para o autor, tudo se resume ao papel do raciocínio, também é acusado pela ausência do papel da vontade no seu sistema de educação moral.

Kohlberg afastou-se da enraizada noção da virtude aristotélica. Ao contrário do pensamento de Aristóteles, “não é possível separar a dimensão intelectual da comportamental. Kohlberg insere-se na tradição socrática e platónica que assume que ‘aquele que conhece o bem praticará o bem’ e que a imoralidade é uma questão de

ignorância. A crença de que a pessoa tende a agir de acordo com os seus juízos morais é central na teoria da educação de Kohlberg e é essa correspondência que o obriga a desvalorizar uma educação preocupada com o desenvolvimento do carácter e com os comportamentos e acções morais” (Marques, 2003:53-54).

Ramiro Marques (2003:57) refere ainda mais quatro críticas à teoria de Kohlberg: “Dúvida sobre a universalidade dos estádios; acusação de elitismo; ignorância da especificidade do desenvolvimento moral das mulheres; desvalorização do papel da emoção e do hábito no processo de desenvolvimento moral”.

Sobre a primeira, a universalidade dos estádios, Kohlberg é criticado principalmente pelos comportamentalistas. Consideram questionável a rigidez dos estádios, principalmente em relação ao sexto estágio, que defende a orientação para os princípios éticos universais, auto-escolhidos e generalizáveis. Esses críticos afirmam que a sequência dos estádios proposta é típica das sociedades de capitalismo liberal, não sendo aplicável em outras sociedades, mormente as agrárias.

Kohlberg defende que a moralidade fundamentada no conceito de justiça é o único tipo de moralidade considerada universal, mas, segundo Valente (2006), Fraenkel afirma existir demasiadas evidências de que não é assim. Cita o exemplo do povo do noroeste do Uganda, que desenvolveu novos valores em antítese ao conceito de justiça, quando tiveram de ser mudados para uma nova área montanhosa.

Ainda em relação aos estádios, “ainda não está provado que todos os estádios sejam qualitativamente diferentes, invocando que, de acordo com N. William e S. William, os estádios III e IV parecem mais alternativos ou estádios paralelos do que graus sequenciais” (Valente, 2006:29).

A segunda crítica incide sobre o facto de ter ignorado as especificidades das mulheres, a forma como elas raciocinam sobre questões morais quando estão em conflito as regras sociais e os princípios éticos.

Efectivamente, Carol Gilligan acusa Lawrence Kohlberg, de ter desenvolvido a sua tese de doutoramento estudando uma amostra de adolescentes do sexo masculino. Diz Ramos (2003:58), que “a importância do trabalho de Carol Gilligan reside no facto de ter chamado a atenção para a existência de duas vozes morais, duas linguagens, duas formas de raciocinar ao nível pós-convencional, as quais devem ser incorporadas no discurso pedagógico e nos programas educativos de educação moral”.

“Para Carol Gilligan, para além da moralidade preocupada com a justiça, os direitos e os deveres, existe uma moralidade relacionada com o cuidar dos outros, a qual privilegia a manutenção das relações interpessoais, a ligação afectiva entre as pessoas e

os sentimentos” (Marques, 2003: 58). Esta referência conduz-nos a outra crítica: a ignorância do papel da vontade, das emoções e dos hábitos.

A acusação sobre a teoria elitista fundamenta-se na tese de que divide os seres humanos em dois grupos: os que são mais morais e os que são menos morais.

Em relação às exigências feitas ao professor, Kohlberg afirma que estes devem estar sempre um grau acima dos alunos. Ora, como ele defende que menos de 10% da população é que atinge os dois últimos estádios, o quinto e o sexto, devem existir muitos professores que não atingiram o desenvolvimento cognitivo pleno, raciocinando nos estádios mais baixos e, portanto, incapacitados para estimular o desenvolvimento moral dos seus alunos (Valente, 2006).

Por último, Ramiro Marques (2003:61) refere a crítica que Quintana Cabanas, de inspiração humanista personalista, faz à teoria construtivista e ao cognitivismo de Kohlberg. Acusa o seu modelo de ser meramente discursivo, formalista, cognitivo e justicialista. “É apenas discursivo porque se preocupa só com o desenvolvimento do juízo moral, com base na discussão de dilemas morais. É apenas formalista, porque se limita a desenvolver o raciocínio dos alunos sem uma preocupação evidente com a acção moral, a conduta e o desenvolvimento do carácter. É apenas cognitivo, porque esquece as restantes dimensões da vida humana: as dimensões espiritual, emocional e social. É apenas justicialista porque reduz a ética à justiça, esquecendo que a ética é o conhecimento do Bem. A redução da moralidade à prática da justiça constitui uma visão redutora da moral”.

2.2. Modelo da clarificação de valores

Foi nos anos 60 que Raths, Harmin e Simons estudaram e criaram o modelo da clarificação de valores. Raths e seus discípulos foram influenciados “quer pelas teorias psicanalíticas, quer pelas teorias personalistas, libertárias e não directivas” (RAMOS, 2003: 67).

Raths parte do princípio de que não existem valores absolutos, o que conduz a uma concepção relativista das normas morais. A não existência de critérios universais e a pluralidade de valores pode gerar confusão e apatia entre os jovens, se não forem

ajudados a descobrir e a clarificar, por meio de um processo reflexivo e não directivo, os seus próprios valores (Bento, 2001).

“Reconhecem os autores que no nosso tempo, com a pressão das muitas mensagens contraditórias que nos envolvem, muitas pessoas debatem-se na confusão, apatia ou inconsistência, sem conseguirem clarificar os seus próprios valores, pelo que se deve encorajá-los a reflectirem de forma mais deliberada nos seus valores e nos da sociedade como um todo” (Valente, 2006:4).

“Las soluciones frente a los conflictos de valores no son posibles de forma general, sino a través de decisiones meramente personales de los sujetos. No existe norma moral general, tan solo critérios particulares y subjetivos. Pretender lo contrario seria incurrir en un dogmatismo inaceptable para una sociedad libre, que no acepta la imposición de paradigmas de conducta indiscutidos y heterónomos” (Medina, 2000:2).

Ramos (2003:67) refere que o modelo criado por Rath e seus discípulos visa os seguintes objectivos: “encorajar as crianças a fazerem mais escolhas e a fazê-las livremente; ajudá-las a descobrir alternativas quando confrontadas com escolhas; ajudar as crianças a pesar as alternativas reflectindo nas consequências de cada uma; encorajar as crianças a considerarem aquilo que apreciam e acarinham; dar-lhes oportunidades para afirmarem as suas escolhas; encorajá-las a actuarem, comportarem-se e viverem de acordo com as suas escolhas; ajudá-las a tomarem consciência dos comportamentos repetidos sistematicamente na sua vida”.

Basicamente, pretende-se que as crianças se conheçam e aprendam a controlar a sua vida, por si próprias, independentemente da sociedade. O que conta são as suas escolhas e o comportamento coerente com elas. Por isso, o educador não pode impor qualquer tipo de valor, revelar os seus próprios valores, evitando ser reconhecido como um modelo e abster-se de quaisquer juízes valorativos. Deve assumir o papel de facilitador do processo de clarificação, proporcionando as condições e estratégias para que cada indivíduo possa descobrir os seus próprios sistemas valorativos.

Para que todo este processo seja possível, Rath, Harmin e Simon definiram sete critérios: “escolha livre; escolha de entre alternativas; escolha feita depois da consideração ponderada das consequências de cada alternativa; ser capaz de ser elogiado e aplaudido; ser capaz de fazer e manter afirmações em público; manifestar-se no nosso viver e comportamento; ser frequente e repetir-se ao longo do tempo” (Ramos, 2003:67-68).

Valente (2006:6) resume estes critérios afirmando: “para que algo atinja o nível de um valor vemos que deve ser escolhido livremente e, com a consideração pensada das

consequências de várias alternativas, deve ser apreciado e deve manifestar-se na actuação daquele que tem esse valor”.

São estes critérios que conduzem ao relativismo defendido pelo autor. Para os defensores desta teoria, torna-se lógico que se elimine do currículo académico os ensinamentos dos valores morais éticos.

Nesta teoria, qual o papel do professor e qual o lugar da educação para os valores nas escolas? Será que não se deve educar? “Ciertamente no, contestarán estos autores, simplemente debemos enfocar la educación moral desde un punto de vista distinto al tradicional. En vez de modelar la conducta del educando com critérios autoritários será necessário clarificar ante él los diversos valores para que aborde la tarea personal de asunir los que considere adecuados a su forma de ser. Tener valores sí, però los que dimanen de una reflexión personal seria y sonsecuente, sin pretender que las conclusiones subjectivas a las que se lleguen sean necesariamente asumibles por los demás” (Medina, 2000:5).

Segundo Rath e seus discipulos, os valores não são estáticos e permanentes que devam ser inculcados e conservados de forma imutável. Eles são realidades etéreas, sujeitas a mudanças, subjectivas e imanentes. E por isso requerem a clarificação do indivíduo que o ajudem a escolher livremente, a apresentar diferentes alternativas e assumir as consequências da sua escolha.

A metodologia adoptada neste método inclui pequenos exercícios que podem ser aplicados em qualquer sala de aula. Estes exercícios não podem ser impostos aos alunos. Cada um tem a liberdade de participar ou não. O contrário seria influenciá-lo e coarctá-lo na sua liberdade e, por consequência, na falta de coerência com o seu comportamento.

Os exercícios que potenciam o processo de clarificação são: coisas que gosto de fazer; folhas de valores; incidentes; colocação por ordem; telegramas com recomendações; brasões de armas; jogos de papéis.

No primeiro exercício, o professor pede aos alunos que escrevam vinte coisas que gostem muito de fazer. De seguida, à frente de cada uma delas, irão escrever um “P” ou um “R” conforme sejam escolhas que não sejam aprovadas pelos pais ou que envolvam riscos, respectivamente. Feito isto, o professor sugere umas frases incompletas para que os alunos as terminem: “eu aprendi que...; eu fiquei surpreendido com...; fiquei desapontado com...; fiquei satisfeito com...; compreendi que...”.

“As folhas de valores” são as respostas a perguntas colocadas aos alunos. Alguns exemplos: Como se manifesta a amizade? Quais as qualidades que mais aprecias num

amigo? Devemos dizer sempre a verdade? Há alguma circunstância em que seja preferível ocultá-la?

“Os incidentes” são relatos de situações, verídicas ou não, que ocorreram ou podem ocorrer na escola. Por exemplo: Um aluno foi apanhado a roubar. Que deve fazer o colega que o viu a roubar?

No exercício “colocar por ordem”, é pedido aos alunos que, de acordo com os valores pessoais estabelecidos, coloquem por ordem um conjunto de prioridades. Depois são convidados a explicar as razões da sua escolha. Exemplo: ordenar compaixão, coragem, liberdade, lucro, amizade, saúde.

No exercício dos “telegramas”, o aluno é convidado a enviar um telegrama a alguém, começando com a frase “eu recomendo que...”. Depois essas recomendações devem ser discutidas pelos alunos. Através deste exercício, os alunos aprendem a descobrir o que eles próprios querem. Aprendem igualmente a encontrar vias alternativas para atingir os seus objectivos.

No “brasão de armas”, é dado ao aluno um brasão com seis secções. Numa secção, é pedido que desenhe algo em que ele é bom. Noutra, que desenhe aquilo em que se quer tornar bom. A seguir, faz um desenho sobre um valor que seja essencial para si. E depois, um valor que seja muito apreciado pela família. Seguidamente, irá desenhar algo que represente o seu empenho na obtenção do êxito. Na quinta secção, desenha um valor que considere que deve ser seguido por todas as pessoas. Na sexta secção, irá escrever quatro palavras que gostaria que os colegas dissessem dele na sua ausência.

Através do brasão, o educador provoca no aluno algumas respostas valiosas. Têm a oportunidade de partilhar algumas alternativas com os colegas. Todo o processo permite que se concentre nas áreas em que precisa de trabalhar para se valorizar.

“O jogo dos papéis” é uma estratégia que contribui para ajudar os alunos a explorarem sentimentos actuando no lugar de pessoas, reais ou imaginárias, onde os seus sentimentos e valores vêm à superfície. O desenvolvimento deste exercício deve seguir vários passos:

- 1- Apresentação da situação a ser explorada.
- 2- Selecção dos alunos que vão intervir nos vários papéis. Esta eleição deve corresponder ao desejo individual dos alunos.
- 3- Preparar os outros alunos como observadores e avaliadores.
- 4- Preparação do cenário.
- 5- Desempenho dos papéis. Pretende-se que os alunos se coloquem no lugar dos outros, coma a sua visão dos sentimentos e valores.

- 6- Discussão e avaliação da representação.
- 7- Pode dar-se novas representações, nas quais se pode aprofundar as situações, ou serem representadas por outros alunos.
- 8- Discussão geral.
- 9- Generalização. A turma é convidada a partilhar as conclusões a que chegou e a pensar no que é que as pessoas sentiriam naquelas circunstâncias e porquê (Valente, 2006).

O modelo da clarificação dos valores não aceita nenhuma metodologia de transmissão de valores “que 1) impeçam a livre escolha; 2) não concedam mais do que uma alternativa; 3) não fomentem a reflexão livre; 4) induzam o aluno a sentir vergonha de um sentimento ou de um valor; 5) impeçam os alunos de experimentarem, no dia-a-dia, esse valor, incorporando-o nos seus comportamentos diários” (Ramos, 2003:69).

2.2.1. Apreciação crítica ao modelo da clarificação dos valores

Reconhece-se no modelo da clarificação de valores aspectos positivos ao valorizar a dimensão pessoal das decisões morais e a responsabilidade que dela deriva, não permitindo ao indivíduo que se dilua ou aliene na sociedade. Neste modelo, é enaltecida a componente antropológica e humanista.

No entanto, existem alguns pontos que são alvo de uma avaliação crítica menos positiva do ponto de vista do modelo; no entanto, positiva, porque ajuda ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do mesmo.

Este modelo da clarificação dos valores nega a existência de valores absolutos, que devam ser inculcados nas pessoas. O contrário obrigaria a uma alteração dos papéis do educador no processo de construção dos valores dos indivíduos.

A existência de valores absolutos conduziria a uma hierarquização, onde se defenderia a existência de valores universais inquestionáveis, e por isso mesmo objectivos.

Para os defensores desta teoria, os valores são relativos, dependendo da valoração que o sujeito lhes queira dar. Por essa razão, advogam a existência de grandes variações e diferenças valorativas, tantas, quantas as pessoas. Esta variação existe não só entre os sujeitos como de povo para povo. Daí que os relativistas concluam que “os valores não passam de meros costumes e padrões culturais, estabelecidos arbitrariamente por cada grupo humano” (Ramos, 2003:71).

Os personalistas entendem e aceitam que seja o indivíduo a clarificar as suas preferências, mas defendem que esta concepção não pode esquecer a existência de uns tantos valores absolutos, que são independentes do livre arbítrio individual.

Segundo Ramos (2003), muitos autores dividem os valores em duas categorias: os valores sensíveis e os valores racionais. Os valores sensíveis são puramente instrumentais, dependendo da individualidade do sujeito, podendo, por isso mesmo, divergir de pessoa para pessoa. Por essa razão, são considerados relativos, isto é, o que constitui valor para uma pessoa pode não o ser para outra.

Os valores racionais caracterizam-se por “imperativos categóricos que são comuns a todas as pessoas que raciocinam bem. Quer dizer, são absolutos porque só têm uma possibilidade, sendo exequível o acordo universal sobre eles desde que se faça uso da razão axiológica e da razão lógica” (Ramos, 2003:71).

Quanto ao papel do educador, os relativistas são de opinião que o professor não pode intervir directamente na clarificação dos valores individuais. Deve antes, sem se apresentar como modelo nem emitindo qualquer parecer favorável ou não, intervir no sentido de levar o aluno a fazer escolhas mais ponderadas, aumentar a sua consciência sobre as coisas e os valores, colocando várias opções possíveis, aumentando desta forma as hipóteses da emergência do valor.

Uma das críticas que apontam a esta situação é se, efectivamente, o professor conseguirá deixar de ser considerado um modelo para os alunos. Na verdade, o professor comunica com os alunos, não só verbalmente, mas, também, com a linguagem não verbal. Será que o professor consegue esconder as suas afinidades, experiências, sentimentos? Pode até falar as palavras certas, ter o raciocínio certo, mas, e o tom de voz não o poderá trair? E mesmo procurando apresentar várias opções, não poderá canalizar o raciocínio para uma determinada variante, mesmo que inconscientemente? Os críticos deste modelo não consideram possível limitar o papel do professor a uma mera aceitação incondicional e à moderação das discussões. E se os alunos optarem por construírem um sistema de valores que violem os direitos humanos? Numa situação destas, até que ponto pode o professor intervir? (Ramos, 2003).

Uma outra apreciação que é feita ao modelo de Raths, é o facto de os relativistas atribuírem a selecção dos valores ao puro arbítrio individual. Consideram que esta forma de encarar os valores “é apresentar uma visão demasiado leve dos problemas éticos. A educação não dispensa alguma forma de transmissão. Todas as sociedades visam a sua conservação e, nesse processo de conservação, tem a primazia a transmissão de um dado legado cultural. O sistema de valores faz parte da herança

cultural. (...) A metodologia da clarificação dos valores não parece dar resposta para este problema” (Ramos, 2003:76).

Raths concebe este modelo com a convicção da bondade natural do género humano. Esta bondade natural que caracteriza os indivíduos conduz a uma confiança absoluta na capacidade pessoal de resolver todos os problemas de forma adequada. No entanto, o indivíduo manifesta a sua indigência tanto no campo pessoal como no social. Isto é, verificamos que o pressuposto da bondade natural é falacioso, originando múltiplos conflitos, tanto internos à própria pessoa como na convivência social com os seus pares (Medina, 2000).

2.3. Modelo da educação de carácter e Pedagogia cosmo-visional de Quintana Cabanas

Todos os sistemas filosóficos são influenciados pelos pressupostos metafísicos dos autores que os formalizam. Os valores dependem igualmente desses pressupostos metafísicos. Assim, cada autor irá definir os valores consoante a sua formação e a sua percepção.

Quintana Cabanas define valor como “a qualidade abstracta e secundária de um objecto, estado ou situação que, ao satisfazer uma necessidade de um sujeito, suscita nele interesse ou aversão por essa qualidade. O valor radica no objecto; mas, sem o interesse de um sujeito, o objecto deixaria de ter valor” (Marques, s.d.:1).

No livro *Las creencias y la educación*, Cabanas define valor como algo que “implican ante todo una estimación, un interés por algo que, para la persona, representa algún tipo de ideal, de cosa deseable y excelente. Suponen, pues, una actitud afectiva y volitiva” (2001:26).

Ao contrário dos autores que estudámos anteriormente - Kohlberg e Raths -, Cabanas refere que os valores podem ser relacionados com objectos, mas destaca igualmente o estado ou a situação. Não é algo puramente cognitivo, nem meramente relativo. Engloba a pessoa em todas as suas dimensões: cognitiva, volitiva e sensitiva. Por outras palavras, a educação deve valorizar a razão, as emoções e a vontade. Poderemos assim definir a teoria de Quintana Cabanas como de “educação moral

integral, capaz de incluir todos os domínios, todos os âmbitos e todos os níveis de moralidade e da ética” (Marques, s.d.:4).

O modelo de Quintana Cabanas é caracterizado por colocar o ser humano no centro. Foi essa preocupação que o levou a desenvolver uma ética maximalista. Está a desenvolver uma Pedagogia Cosmovisional, isto é, uma pedagogia humanista, pois procura ter em conta a pessoa no seu todo, mente, vontade e sentimentos. “En la cosmovisión de un individuo se amalgaman sus ideas, sentimientos e necesidades ou deseos; todo esto viene a determinar sus creencias, normas, valores y convicciones, dando así lugar a las actitudes de la persona, las cuales, impulsadas por la motivación consiguiente, engendran un comportamiento concreto” (Cabanas, 2001:26).

Para Marques (s.d.), as fontes dos valores para Cabanas residem nas necessidades humanas, sejam elas racionais, sejam sensitivas. Os valores racionais são aqueles que nascem das necessidades humanas racionais. Os que nascem das necessidades humanas sensitivas são apelidados de valores vitais. Os primeiros são considerados como universais, ao passo que os outros são relativos, porque produto dos contextos e das condições pessoais dos indivíduos.

Para Cabanas, a forma como esses valores são captados difere dos outros dois autores que atrás referimos. “Quintana Cabanas, na obra *Pedagogia Axiológica* afirma que é através da inteligência e do sentimento. É necessário que o sujeito faça uso não só da cognição mas também das emoções ou, dito por outras palavras, da inteligência cognitiva e da inteligência emocional” (Marques, s.d.:1).

A grande diferença entre Kohlberg e Rathes está na valorização da chamada inteligência emocional. Segundo Marques, Kohlberg valoriza exclusivamente a inteligência cognitiva. O modelo da clarificação dos valores usa preferencialmente a inteligência emocional, ao delegar no indivíduo toda a responsabilidade da educação dos valores. “O modelo da educação de carácter procura conciliar o uso da inteligência cognitiva com a inteligência emocional” (Marques, s.d.:1). Defende o modelo da educação de carácter, pois os valores universais não nascem com o indivíduo por geração espontânea, mas como resultado da educação (Cabanas, 2001). A educação moral é um produto do saber e da reflexão, e também fruto do treino e do hábito (Marques, s.d.).

O autor espanhol recusa uma visão antropológica optimista, mas rejeita igualmente o pessimismo antropológico. Cabanas acredita que a natureza humana predispõe as pessoas para fazer o bem. Mas todos possuem anomalias naturais que necessitam ser corrigidas ou aperfeiçoadas pela educação. Por isso, existe a necessidade de fornecer

aos indivíduos uma boa educação moral que ajude a limitar e corrigir certas inclinações naturais nas crianças, levando-as a “respeitar, aceitar e seguir normas morais que se traduzem em boas disposições morais e hábitos morais correctos” (Ramos, s.d.:4).

Ao contrário de Kohlberg e de Raths, o pedagogo espanhol chama a si um conjunto de tradições morais. São elas a tradição aristotélica, a tradição cristã e evangélica e a tradição crítica, formalista e liberal. A tradição aristotélica fala de uma educação da temperança, da coragem e da prudência. A tradição cristã e evangélica apela à reciprocidade, ao respeito, ao testemunho, ao sacrifício e ao amor. A tradição crítica, formalista e liberal baseia-se na autodeterminação, na liberdade e na autonomia.

Quintana Cabanas defende que os conteúdos da educação moral devem estar enraizados no exercício da vontade, no desenvolvimento de competências reflexivas, na formação dos hábitos morais e no fortalecimento do carácter.

Cabanas é apologista de uma ética maximalista, que tenha em conta, como já referimos, as várias dimensões da vida do indivíduo. Incorpora a justiça, a benevolência, o sacrifício e o amor. Para a atingir, o pedagogo espanhol recomenda, como metodologia, a utilização de narrativas morais, que deverão ser lidas e discutidas, a utilização da estratégia do testemunho e o contacto com testemunhos.

Através das narrativas, ajuda-se os alunos a descobrir os valores e a interiorizá-los. Cabanas defende a existência de uma Lei Moral, natural e racional que se impõe à espontaneidade e à liberdade dos educandos. Não defende a teoria da construção dos valores pelo próprio aluno, tal como Kohlberg.

Marques (s.d.:8) afirma que Quintana Cabanas “encara a conduta moral como um dos vértices de qualquer programa de educação moral, ao lado do conhecimento do bem (exercício da razão) e dos sentimentos e dos afectos (amar o bem)”. Continua dizendo que “o exercício da vontade é considerado um importante conteúdo moral. Quintana Cabanas não dissocia nenhum dos seguintes objectivos: conseguir que o aluno conheça as normas morais; conseguir que ele respeite essas normas na sua conduta; fazer com que o aluno queira superar-se na sua vida moral, aspirando a uma ética máxima e a uma moral superior” (*ibid.*).

Neste modelos, qual o papel atribuído ao professor? Ao contrário de Kohlberg e Raths, em que o professor não deve influenciar o aluno, emitindo juízos de valor, nem se apresentando como modelo, Cabanas exige que o professor saiba aceitar-se como modelo, tenha capacidade de argumentação com os alunos acerca dos dilemas éticos, que seja capaz de estabelecer uma relação empática, que seja capaz de moderar e de envolver os alunos na acção moral. Vemos que o modelo preconizado por Cabanas exige muitas mais competências ao professor (Ramos, s.d.).

2.4. Síntese

Muitas vezes se poderá pensar que a questão da educação para os valores seja uma questão menor. O mais importante será desenvolver estratégias pedagógicas que facilitem a “verdadeira” aprendizagem, isto é, a aquisição de saberes e competências que capacitem o aluno para o mercado do trabalho. Estamos de acordo. Mas reconhecemos que essa dimensão talvez não chegue. Efectivamente, uma personalidade bem formada e equilibrada irá otimizar todas essas competências académicas e cognitivas. Importa que o indivíduo adquira competências pessoais e sociais que o conduzam a uma mudança positiva englobando a pessoa no seu todo, isto é, em todas as suas dimensões, a saber: cognitiva, sensitiva e volitiva.

“Na sociedade emergente, onde a competição, o lucro e o desejo de sucesso se vêm impondo, tem-se verificado que, apesar dos avanços científicos e tecnológicos, o ser humano continua a tentar encontrar um equilíbrio de vida. Tal procura leva-o essencialmente ao encontro de estratégias que lhe permitam gerir o seu trabalho e fazer (...) para melhor desenvolver o seu *self*, especificamente a sua auto-estima” (Jardim e Pereira, 2006:7).

Acreditamos que um indivíduo que tenha adquirido e interiorizado essas competências pessoais e sociais, aprende a lidar com o *stress*, conserva a saúde e bem-estar, desenvolvendo competências no âmbito da criatividade, do espírito de cooperação, do sentimento de auto-realização, da competência de resiliência, da auto-estima e da assertividade.

O *stress* pode ter consequências nefastas para o bem-estar do indivíduo, prejudicando a sua saúde física e mental. Embora ele faça parte do nosso quotidiano, é necessário aprender a lidar com ele, antes que possa arruinar a pessoa nos alicerces da saúde e bem-estar, com consequências pessoais e sociais.

Poderemos dizer que a saúde “é um estado de completo bem-estar social, mental e físico, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade” (Jardim e Pereira, 2006:15).

Continuam os mesmos autores afirmando que “compreender a perspectiva holística da saúde e bem-estar num processo contínuo e o afecto de esta dependem, essencialmente, das suas atitudes e comportamentos” (*ibid.*).

Saber lidar com o *stress* e mantendo o bem-estar e saúde, o indivíduo desenvolve competências em vários domínios (*ibid.*:71-133):

1) Na auto-estima, em que se adquire competências que capacitem a pessoa a fazer uma avaliação valorativa positiva de si mesmo, em relação ao seu passado, capacidades actuais e perspectivas de futuro. Ter uma imagem positiva de si mesmo e das suas capacidades, optimizam a rentabilidade do indivíduo no campo pessoal e social. Para que tal aconteça, é necessário que a pessoa queira, acredite e tenha capacidades para tal.

2) Na auto-realização, através da qual a pessoa desenvolve competências na tomada de consciência das suas capacidades pessoais, sociais e profissionais, de modo a expandi-las, desenvolvê-las e realiza-las, de forma autónoma.

Quando nos sentimos senhores de nós mesmos, nos nossos sentimentos e emoções, tornamo-nos artífices do nosso destino, com uma visão de auto-confiança nas nossas capacidades, integrados no nosso ambiente, colocando objectivos ao nosso plano de vida e com vontade de continuar a desenvolver outras competências.

3) Na assertividade: o indivíduo desenvolve a capacidade de auto-afirmação na interacção social, aprendendo a expressar adequadamente opiniões, sentimentos, necessidades e insatisfações, defendendo os próprios direitos sem desrespeitar os dos outros.

Aprende a saber dizer sim quando é sim e a saber dizer não quando é não, respeitando-se a si mesmo, e respeitando o outro com quem se relaciona. Esta capacidade de coerência e de respeito pelos outros irá ajudar e rentabilizar a interacção que se cria com terceiros.

4) A criatividade é também uma das competências que se desenvolve quando existe o bem-estar e a saúde, no sentido holístico. Com esta competência, aprende-se a operacionalizar conhecimentos, atitudes e habilidades, no sentido de produzir novas ideias.

Esta é uma capacidade que se pretende desenvolver com as teorias do conhecimento: que o indivíduo aprenda a construir caminhos novos com os conhecimentos prévios que foi capaz de construir.

Este é o princípio basilar da teoria da flexibilidade cognitiva. Esta criatividade é fruto da transversalidade dos conhecimentos e das várias competências. A pessoa criativa é aquela que é capaz de se servir de todos os conhecimentos para a construção de novos conhecimentos ou de novas formas de operacionalizar os saberes construídos.

5) A cooperação é mais uma competência pessoal e social, cada vez mais pertinente nas exigências que o mundo global em que vivemos nos coloca. O saber já não se aprende só numa fonte, mas é algo que circula e que se transforma a cada instante com a colaboração de várias fontes. Daí a necessidade de desenvolver competências na área da cooperação. Através dela, consolida-se a capacidade de operacionalizar conhecimentos, atitudes e habilidades no sentido de agir em conjunto com outros indivíduos, com vista à realização de objectivos comuns, maximizando as potencialidades de cada indivíduo.

Desenvolver o espírito de colaboração é evidenciar a intenção explícita de acrescentar valor, construindo algo de novo através de um processo colaborativo, mas que seja estruturado e deliberado.

6) A competência de resiliência habilita o indivíduo para a capacidade de saber gerir os conhecimentos e atitudes no sentido de prevenir, minimizar e superar os momentos de crise e de adversidade. É nestes momentos que residem as maiores frustrações que derrubam a saúde e o bem-estar. Uma situação adversa num âmbito muito concreto de um indivíduo pode ser causador de crises em todos os outros, já que a pessoa é um todo, tal como no sistema de vasos comunicantes, e não um ser dividido em compartimentos estanques. Activar a resiliência é garantir uma maior qualidade de vida.

Educar nos valores e para os valores é uma necessidade particular e, simultaneamente, transversal a todos os ramos da vida e da aprendizagem. Embora seja o alvo concreto de uma educação, trespassa todos os outros, pois a pessoa é indivisível.

Ao longo deste capítulo, abordámos três autores que, de diferentes perspectivas, desenvolveram pesquisas, estudos e teorias sobre a melhor pedagogia a utilizar na educação para os valores.

Este trabalho não pretende estabelecer uma dessas pedagogias como absoluta e inquestionável, tratando-se de um modelo intemporal. Por isso, não vamos discutir, nem desenvolver, esta questão filosoficamente. Assumimos uma posição eclética e de cariz humanista. Por outras palavras, assumimos um pouco de cada autor, sem nos determos nas justificações filosóficas que justificam cada teoria; e centramos a nossa atenção na pessoa do educando. O humanismo é um compromisso radical com o homem concreto. Compromisso que nos capacita para a reflexão crítica e para agir, de uma forma consciente e solidária. Desta forma, o indivíduo é capaz de, estando no mundo, saber-se nele.

Consideramos que a forma como Kohlberg privilegia a construção do pensamento pela operação lógica durante a resolução dos problemas e em interactividade com o meio é um modelo com potencialidades na educação para os valores. Aprende-se a utilizar a arte da pergunta para levar à interiorização.

De Rath's, reconhecemos as enormes vantagens na metodologia utilizada para a clarificação dos valores, com recurso a várias dinâmicas.

Em Cabanas, valorizamos os vários campos de acção dos valores: cognitivo, emotivo e comportamental. Tudo isto de uma forma livre, isto é, sem coacções externas, mesmo na aprendizagem de valores universais. Não defendemos a imposição ou doutrinação, mas a apresentação de valores, clarificando-os, valorizando o processo de construção do raciocínio moral, mas estando igualmente atento às emoções e comportamentos do indivíduo.

Identificamo-nos mais com este último autor, não descurando as potencialidades dos anteriores, por considerarmos que o seu modelo integra todas as dimensões do ser humano. O nosso objectivo é a formação integral do educando, em toda a sua amplitude. Apostamos numa formação integral, numa educação para os valores, pautada pela ética maximalista. Desta forma, o educando constrói várias competências que o capacitem na conquista, manutenção e desenvolvimento do bem-estar racional, psíquico, emotivo e comportamental.

Resumidamente, concebemos a educação moral como um processo de construção que visa formar sujeitos que pensem, julguem, criem, critiquem, elaborem, reconheçam, decidam por si (Arantes, 2007). Para atingir este objectivos vamos desenvolver o projecto num ambiente pouco estruturado, segundo a proposta de Carl Rogers (MARQUES, s.d.a). Atendendo à idade dos jovens com quem trabalhamos, consideramos pertinente respeitar o ritmo individual e do grupo, adaptando os diversos recursos conforme o desenvolvimento e motivação dos jovens. O documento da UNESCO (2008:8) afirma que esse deve ser o objectivo mais importante: "Perhaps the most significant goal is for students to be able to determine their own learning goals and plans".

Consideramos igualmente importante iniciar uma nova abordagem na educação para os valores. Kohlberg adoptou os dilemas, Rath's várias dinâmicas e jogos, Cabanas a narrativa. Tendo em conta o contexto vivencial que caracteriza os nossos jovens, pretendemos abordar a questão dos valores também com recurso à multimédia, através de pequenos filmes. Através deles, pretendemos envolver mais sentidos do indivíduo, que desenvolverão mais competências. O filme apela à mente, à audição e à visão. Desta forma, o educando pode desenvolver a parte cognitiva e a emotiva, optimizando a

capacidade de reflexão. Não podemos descurar a influência que a cognição e a emoção exercem no ser humano, muitas vezes, de forma inconsciente, mas não menos real. Desta forma, estaremos a complexar o processo de tomada de consciência de si mesmo. Isto é, estaremos a aumentar os focos de atenção, que nos darão um conhecimento mais abrangente das situações. Complexando, estaremos a desenvolver habilidades que conduzam a uma maior clarificação do processo de construção da identidade e das situações, convertendo a pessoa no sujeito da transformação e crescimento pessoal e social.

Com isto, pretendemos abordar os temas sem seguir à risca qualquer proposta pedagógica dos autores atrás referenciados. Socorrer-nos-emos das várias dinâmicas, mas sem nos deixarmos enclausurar pelos pressupostos teóricos desenvolvidos pelos autores.

3. A Web. 2.0 e a educação para os valores

Na formação para os valores, a preocupação não deve ser de “fornecer respostas a pedidos não existentes ou não formulados, nem deve forçar o ritmo de crescimento e de maturação em nome do ensinamento doutrinal ou institucional imposto de fora” (Alberich, 2001:121). Por isso, urge repensar toda a pedagogia adoptada, a linguagem utilizada e o método de abordagem. Embora possamos dizer que os valores são os de sempre, os contextos em que estes se aplicam são muito diferentes, exigindo uma nova abordagem.

A Web 2.0 surge como uma forte e imprescindível colaboradora enquanto ferramenta de aprendizagem, permitindo a construção do saber de uma forma mais significativa, contextualizada e colaborativa, respeitando as “múltiplas inteligências” (Migliori, 2004).

Utilizando esta ferramenta, estamos a dar uma oportunidade aos aprendentes de serem construtores activos deste processo educativo. Estes podem tornar-se agentes pensantes, estimulando a capacidade de formar e partilhar conhecimentos, experiências e opiniões. Na verdade, o mais importante não é as ferramentas mas sim aquilo que elas nos proporcionam: novas formas de viver, de nos percebermos a nós mesmos e aos outros, e de nos relacionarmos num “espaço da relação humana” (Sanchez, 2004).

O aprendente age levado pelas suas necessidades psicológicas e sociais e, ao agir, ao exprimir-se, educa-se e desenvolve-se. A Web 2.0 deve ser vista como uma forte aliada neste processo. Ela pode ajudar a criar as condições para que estes objectivos sejam atingidos. As novas tecnologias devem ser encaradas como um desafio e uma oportunidade, e não como um problema.

Os serviços da Web 2.0 são um meio privilegiado de interacção, comunicação e aprendizagem num ambiente *on-line*. As tecnologias, enquanto ambiente de trabalho colaborativo, ao utilizar, entre outros, recursos multimédia, podem contribuir para maximizar a comunicação e a aprendizagem, quando usadas de forma consciente e, com este propósito, pelos docentes (Lima, 2003).

3.1. As TIC como instrumentos de aprendizagem

O mundo em que nos movimentamos já não é o mesmo de há umas décadas para cá. A forma como construímos conhecimento também foi alterada. Existem muitas mais fontes de recurso. Hoje exige-se mais competências aos novos aprendentes. Os sujeitos comunicam hoje de forma diferente. E precisamos de nos sentirmos todos integrados nesta rede de conhecimento, tanto para construir conhecimento com as descobertas dos outros, como na partilha das nossas descobertas com o mundo. É imperativo que nos consciencializemos da necessidade de uma actualização contínua, convertendo-nos em eternos alunos, que são, em simultâneo, produtores de conhecimentos. É uma sociedade diferente que exige que olhemos para ela com outros olhos.

Todas estas alterações têm o selo das Tecnologias da Informação e Comunicação, vulgo TIC. A sua presença foi uma nova revolução na vida social e pessoal de todos os indivíduos. E, como tal, também a escola e todas as instituições sofreram alterações com a sua presença.

Quando falamos das TIC, podem pensar que nos referimos aos equipamentos informáticos que invadiram o nosso mundo. Evidentemente que não podemos esquecê-los. Mas é a forma como os utilizamos, e os objectivos que pretendemos atingir que potenciam as mudanças não só na forma de pensar e organizar a vida social, mas também a estrutura da aprendizagem, isto é, a forma como se aprende e ensina. As TIC são geradoras de padrões globais, de formatações de diversas competências pessoais e sociais, criando hábitos mentais que têm um papel essencial na integração das aprendizagens. Esta realidade conduz a uma nova forma de aprender a que ninguém deve estar indiferente, em especial o professor e a escola (Pinto, 2002).

A generalização do acesso à internet foi a principal responsável por esta alteração. Hoje quase poderemos dizer que se alguma coisa não está na internet, é porque não existe. Esta facilidade é tal que, para tirar qualquer dúvida, já recorremos ao telemóvel, ligando-nos à internet para tirarmos dúvidas ou pesquisar sobre algo. “A grande inovação apontada pelas TIC está não apenas na possibilidade da construção dos saberes, mas sobretudo na sua mobilidade permanente e na operacionalidade *online* que aqui se encontram” (Pinto, 2002:57).

Granieri (2006:108) diz-nos, com muita razão, que “a Internet tem a função de remeter os indivíduos para uma participação activa no processo de compreensão e

construção da cultura e da sociedade". Através da internet, hoje, temos a facilidade de consultar e de publicar qualquer tipo de assunto ou material.

A inclusão das TIC exige à sociedade e à escola uma profunda transformação, que não se compadece apenas com uma simples e redutora maquilhagem, mas que exige um verdadeiro processo de inovação. Não podemos permanecer indiferentes. Mas também não é suficiente utilizar as tecnologias; é necessário compreender as alterações e implicações que se introduzem na cultura e na escola (Sanchez, 2004). "A inclusão dos equipamentos informáticos só por si não tem o poder de produzir mudanças no processo de aprendizagem" (Santos, 2006:80). Diz-nos Pinto (2002: 147) que "se a aprendizagem, qualquer aprendizagem, se inicia por uma recepção de informação, tudo quanto altere a estrutura, os conteúdos ou a forma de informação vai repercutir-se na recepção, logo, na aprendizagem. E se houve coisa que mudou foi a informação e, muito mais do que isso, o modo de a comunicar".

É preciso aprender através das TIC e com as TIC. Através dessas tecnologias, o aluno pode testar o seu progresso, construir conhecimentos, avaliar o seu desempenho. "O aluno perante a exploração de redes semânticas e de construção hipermédia, tem a possibilidade de decidir sobre o que deseja consultar, a que ritmo, com que profundidade e que organização dar à sua pesquisa, de forma a produzir materiais originais" (Santos, 2006:85). Por outras palavras, "de passivo, o utilizador passa a activo, a interactivo e mesmo a intercriativo" (Pinto, 2002:49).

O aluno, nesta alteração de atitude, evoluindo de passivo a activo e interactivo, deixa de ser um cidadão resignado, e aprende a desenvolver-se, a reflectir sobre o mundo, desenvolvendo a sua identidade num mundo tão global, buscando o seu espaço, assumindo uma postura pró-activa. Desta forma, o aluno é educado para a vida, onde se lhe exigem novas competências (Sanchez, 2006).

As TIC exigem e potenciam competências na área da busca da informação, no seu tratamento, da sua integração nos saberes de que já era portador, e na capacidade de realizar metacognições transferíveis, isto é, construções de novas paisagens conceptuais que enriqueçam o seu leque de conhecimento e referências que ajudem na solução de problemas novos, encontrando caminhos novos de uma forma mais facilitada. Deste modo, o contexto tecnológico actual acaba por poder ser designado como "um valor acrescentado ao contexto educativo" (Pinto, 2002:149).

Vejam agora quais as alterações que são exigidas com a inclusão das TIC no processo educativo.

O professor deixa de ser a única e principal fonte de conhecimento, para assumir o papel de facilitador da aprendizagem, na pesquisa de informação, na análise crítica da mesma, e no debate de ideias. O professor deve promover não a memorização de informação, mas sobretudo a capacidade de reflexão, de selecção, de busca e construção de conhecimentos.

O papel do aluno também sofreu alterações. Até agora, assumia um papel preponderantemente de matriz passiva, como um depósito dos conhecimentos inculcados por terceiros, em que a sua opinião e conhecimentos não tinham a menor relevância. Agora, é-lhe exigido um papel muito mais activo e autónomo, cabendo-lhe uma maior iniciativa na construção do conhecimento. Exige-se ao aluno competências no âmbito da auto-motivação, auto-organização, desenvolvimento de espírito crítico, de construção conjunta de conhecimentos, de pesquisa, selecção, análise e produção de novos conteúdos informativos.

Os conteúdos disciplinares são mais transversais, deixando de ser tão parcelares. Por exemplo, um tema de uma disciplina concreta pode, e deve, ser visto e aproveitado na perspectiva e com o enriquecimento que as outras disciplinas transportam.

Uma outra certeza que se vislumbra é a de um conhecimento inacabado. Por essa mesma razão, deixa de ser algo que deva ser transmitido e adquirido de uma forma absoluta, inequívoca e definitiva. Na sociedade do conhecimento em que nos movimentamos, a ideia estática do saber está obsoleta. O conhecimento constrói-se com a capacidade de seleccionar, reflectir, adaptar a novos saberes e novas perspectivas. Por isso, exige-se flexibilidade, abertura e capacidade de adaptação crítica, possibilidade de conhecer os novos contextos para pensar soluções novas.

Esta construção deve ser operacionalizada em colaboração com toda uma sociedade aprendente, que se move por objectivos comuns.

Deste modo, os conhecimentos adquiridos são muito mais significativos e funcionais que os métodos pedagógicos tradicionais. Pelo facto de se valorizar os conhecimentos prévios, as experiências que cada sujeito transporta, e de os aplicar na construção de novos conhecimentos, mais facilmente se consegue a atenção, o envolvimento e o futuro sucesso da aprendizagem.

O acesso universal às TIC acarreta algumas implicações para a Educação, tais como o uso estratégico e criativo dos recursos, um posicionamento reflexivo e crítico face à informação recolhida, novas formas de relacionamento e construção de conhecimento. Tudo isto é impulsionado pela sociedade global em que vivemos, e produz igualmente

consequências na dita sociedade a que pertencemos. Neste contexto social, toma corpo a expressão “pensa globalmente e actua localmente”.

A educação deve ter em conta as condições do mundo em que vivemos para que seja efectiva e consiga preparar para a vida. As pessoas devem adaptar-se a ele, mas não de uma forma passiva e imposta por terceiros. Por isso, é necessário desenvolver um espírito reflexivo e crítico do conhecimento e da cidadania.

As novas formas de relacionamento que as TIC nos proporcionam facilitam a construção colectiva do conhecimento, pelo que devemos preparar os aprendentes para uma participação activa na vida social.

Para que todas estas implicações se verifiquem, precisamos ter em conta os princípios gerais da aprendizagem que se encontram resumidas neste esquema apresentado por Sanchez (2004:26):



Figura 2: implicações das TIC para a Educação

Em primeiro lugar, para que a aprendizagem aconteça, é necessário que a pessoa assuma um papel activo, isto é, que manifeste uma atitude de implicação, interesse e respeito pelo que vai aprender. É necessário que os conteúdos apresentados sejam significativos para o estudante e seja manifesta a sua aplicação funcional.

O professor, por seu turno, deve ter consciência de que o seu papel já não é o de um transmissor de conhecimentos, mas mais o de um orientador, facilitador e mediador nos processos de aprendizagem. Desta maneira, ajuda o aluno a utilizar de forma estratégica e criativa os recursos que estão disponíveis.

Os dois comportamentos que acabamos de referenciar levam-nos a valorizar a função da aprendizagem social e do papel do trabalho em grupo. Em grupo, o aluno é

capaz de mais facilmente desenvolver competências na construção do conhecimento e de expressão, de comunicação e partilha.

Desta forma, o processo de aprendizagem fortalece-se exponencialmente graças à criação de redes sociais de cooperação e interacção (SANCHEZ, 2004).

Existem inúmeras competências e vantagens na utilização das TIC em contexto educativo. Pinto (2002) apresenta-nos cinco competências: acesso, comunicação, sócio-afectivas, produção e restituição.

1) A competência de acesso que as TIC nos proporcionam, potencia a exploração de recursos informativos de uma forma muito pessoal, respeitando o ritmo, o tempo e o espaço mais oportuno para cada pessoa.

2) A comunicação irá permitir a cada sujeito estabelecer procedimentos comunicacionais com outros indivíduos, criando uma rede de relações e conhecimentos e partilha de recursos.

3) As competências sócio-afectivas são fundamentais nesta rede de comunicação e interacção que os indivíduos criam para que haja verdadeira cooperação.

4) A função de produção instrumentaliza os saberes relacionados com o tratamento da informação no que diz respeito à interpretação da mesma e à sua posterior restituição.

5) A restituição da informação dá sentido ao trabalho. Esta função obriga o sujeito a pensar como os outros se irão apropriar do resultado do tratamento da informação feito por si. O trabalho desenvolvido ganha então uma utilidade final, tendo repercussões no grau de satisfação, de auto-confiança, ajudando na construção da própria personalidade.

As vantagens que referem na utilização das TIC são as seguintes:

Facilidade de trabalhar em grupo. Facilidade na obtenção de linhas de progressão na aprendizagem. A utilização de vários métodos e estratégias, criando condições para que cada indivíduo retire o maior proveito de cada situação em função do percurso e método de aprendizagem individualizado. Motivador de interações entre os vários intervenientes da aprendizagem. Ajuda a promover uma visão construtiva da aprendizagem. Facilita o centrar o processo de aprendizagem no sujeito, possibilitando que cada um controle as variáveis da aprendizagem.

Podemos sintetizar afirmando que a utilização das TIC, de uma forma pedagógica, ajuda a envolver os sujeitos da aprendizagem optimizando o sucesso do processo educativo. Para que isto seja possível, são necessárias competências múltiplas: no

domínio da pedagogia, no conhecimento das características técnicas das tecnologias, e da adaptação recíproca entre ambas.

De seguida, vamos conhecer uma ferramenta que pode e deve ser rentabilizada ao serviço da educação: os blogues.

3.2. A blogosfera

Um dos serviços que a *Web* nos oferece é os *weblogs*, que em português referimos como blogues. Os blogues são “filhos” da chamada Web 2.0, a segunda geração da grande rede.

A *Web* 2.0 é caracterizada por ter convertido a internet numa plataforma, que pressupõe um conjunto de regras para o seu sucesso. “Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência colectiva” (Coutinho e Junior, 2007:200).

Uma outra característica, talvez a mais importante, é a preocupação com a participação dos utilizadores, convertendo-se na *Web* social. “A web social (...) é um meio de utilização da rede global de forma colaborativa onde o conhecimento é compartilhado de forma colectiva e descentralizada de autoridade, com liberdade para utilizar e reeditar.

As principais características da Web 2.0 são:

- Interfaces ricas e fáceis de usar;
- Sucesso da ferramenta depende do número de utilizadores, pois os mesmos podem ajudar a tornar o sistema melhor;
- Gratuidade na maioria dos sistemas disponibilizados;
- Maior facilidade de armazenamento de dados e criação de páginas online;
- Vários utilizadores podem aceder a mesma página e editar as informações;
- As informações mudam quase que instantaneamente;
- Os sites/softwarees estão associados a outros aplicativos tornando-os mais ricos e produtivos e trabalhando na forma de plataforma (união de vários aplicativos);
- Os softwares funcionam basicamente online ou podem utilizar sistemas off-line com opção para exportar informações de forma rápida e fácil para a web;

- Os sistemas param de ter versões e passam a ser actualizados e corrigidos a todo instante, trazendo grandes benefícios para os utilizadores;
- Os softwares da Web 2.0 geralmente criam comunidades de pessoas interessadas em um determinado assunto;
- A actualização da informação é feita colaborativamente e torna-se mais fiável com o número de pessoas que acede e actualiza;
- Com a utilização de *tags* em quase todos os aplicativos, ocorre um dos primeiros passos para a *web* semântica e a indexação correcta dos conteúdos disponibilizados” (Coutinho e Junior, 2007:200).

A *Web* é uma plataforma que funciona como um núcleo gravitacional. O mesmo é dizer que nela se desenvolvem várias ferramentas e serviços. Um deles é os blogues. Na sua origem caracterizam-se por ser páginas pessoais em formato de diário, cujas entradas aparecem de forma cronológica. Os blogues dão a possibilidade de outras pessoas poderem comentar as diversas entradas. Desta forma se cria interacção entre o autor e o visitante que lê, reflecte e comenta.

Juntamente com os blogues, surge uma tecnologia associada que facilita a sindicância. Falamos dos RSS. RSS é o acrónimo de *Really Simple Syndication*. “A tecnologia do RSS permite aos utilizadores da internet inscreverem-se em *sites* que fornecem “*feeds*” (fontes) RSS. Estes são, tipicamente, sites que mudam ou actualizam o seu conteúdo regularmente. Para isso, são utilizados *Feeds* RSS que recebem estas actualizações; desta maneira, o utilizador pode permanecer informado de diversas actualizações em diversos sites sem precisar visitá-los um a um”¹

Uma outra tecnologia que está associado aos blogues é o leitor dos *feeds*, fontes. Chamamos a este serviço de “agregação de *feeds*”. Permite que o utilizador se mantenha informado sobre as entradas e comentários mais recentes de um blogue sem ter de ir visitar a página em busca dessas novidades. Estas tecnologias são fundamentais para que se possa acompanhar o desenvolvimento e a “discussão” de um ou mais blogues. Se alguém faz um comentário a uma entrada mais antiga num blogue, este leitor de *feeds* avisa-nos da sua existência. Caso contrário, corria o risco de ser um comentário que passaria sem ser lido e valorizado.

Segundo Granieri (2006), o blogue liga as pessoas em torno de uma rede de conteúdos em infra-estrutura de debate. Alguém publica o seu conteúdo, e quem quiser poderá participar na discussão que daí possa surgir, unindo-se as pessoas em rede, com

¹ Artigo consultado no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/RSS>, em 20/2/2008.

objectivos comuns, partilhando conhecimentos, descobertas e conteúdos com os habitantes da “aldeia global” que é a Web.

Segundo o mesmo autor, a criação e manutenção de um blogue faz despertar diversas competências. “Ao manter um blogue empenhamo-nos por completo, e exprimimo-nos com a ponderação certa, que a escrita permite e que a expressão oral por vezes nega. No blogue, aprofundamos, limamos, desenvolvemos o nosso pensamento. (...) Através desta ‘história intelectual confiada à Rede’ as pessoas conhecem as nossas ideias, as nossas opiniões e as nossas preferências. E interagem connosco.” (Granieri, 2006:35).

Nesta partilha de experiências e conhecimentos, é possível, através do hipertexto, criar nós de ligação entre diversas fontes de informação, convertendo-se um blogue num “simples ‘elo’, numa obra colectiva e hipertextual que tende a configurar-se como um ‘sistema de conteúdos’” (Granieri, 2006:41). Desta forma transformamos este sistema tornando-o mais rico pelos vários *links* que encaminham para outras fontes. Todos ganham com esta partilha: o autor da entrada no blogue, porque merece a atenção de todos. A pessoa que é citada, porque adquire importância qualitativa. É desta forma que o autor de uma ideia ganha reputação: pelas vezes que outras pessoas fazem referência à entrada que é referenciada. E ganha o leitor, porque vê o leque dos seus conhecimentos muito mais alargado com a inclusão de outras opiniões.

Esta forma de estar na Web constitui uma verdadeira “ginástica para as ideias” (Granieri, 2006:61) porque: exercita o cuidado com a escrita; a clareza das ideias; o poder de síntese; a referência a outras fontes de informação que comprovem as nossas ideias; possibilita o crescimento com a crítica construtiva que os comentários transportam; permite a cooperação na construção e aprofundamento das ideias; os próprios erros convertem-se em fonte de crescimento, pois ajudam a criar novos caminhos; o leitor ganha importância porque deixa de ser alguém numa atitude passiva, sendo convidado a entrar neste mundo de influências, tendo a possibilidade de, também ele, poder expressar a sua opinião e as suas ideias, partilhando com outros as suas experiências.

Tendo em conta estas inúmeras riquezas que os blogues trouxeram à nossa sociedade da informação, porque não aproveitá-los para uma inclusão no sistema de aprendizagem? Foi isso que começou a ser feito, dando origem a blogues que já não são apenas diários pessoais, mas blogues cujos objectivos se centram na educação.

3.2.1. Os blogues em contexto educativo (edublogues)

A finalidade da educação é proporcionar a todos o acesso aos conhecimentos necessários para que se desenvolvam e se preparem para viver em sociedade. A educação deve preparar para a vida; por isso deve ser significativa.

O professor assume um papel de facilitador e orientador na pesquisa, selecção e reflexão crítica dos alunos. A estes cabe um papel mais activo e interventivo neste processo. O trabalho em grupo favorece o processo de aprendizagem porque promove situações que promovem o pensamento autónomo. Desta forma, a aprendizagem converte-se numa actividade social. O aluno não depende apenas do professor para assimilar novos conhecimentos. Em sociedade, e na sociedade, aprende e constrói conhecimentos.

“Os weblogs apresentam-se como uma ferramenta alternativa na mediação dos processos educativos. Facilitam a interdisciplinaridade, num ambiente que é por natureza, aberto e colaborativo” (Peres, 2006:189).

Os canais de comunicação entre os utilizadores da Internet foram ampliados com a criação dos blogues. Estas tecnologias apresentam-se assim como uma alternativa na mediação dos processos educativos e, quando utilizadas num contexto educativo, são geralmente denominadas por edublogues (Huann, 2005).

Gutierrez (2004)² confirma a importância deste serviço da Web, especialmente na comunicação e na educação. Uma ferramenta de expressão individual, tornou-se uma ferramenta de publicação em co-autoria, onde a partilha de ideias, conhecimentos e conteúdos enriquecem o panorama informativo e formativo de quantos procuram na internet uma fonte de conhecimento partilhado. Esta atitude de abertura e partilha confirma a polifonia de ideias e a intertextualidade dos conhecimentos.

Por estas razões, os blogues vêm-se consolidando como ambientes de construção cooperativa do conhecimento. Neles, e por eles, o conhecimento é apresentado de uma forma livre e aberta, promovendo a utilização social da informação e do conhecimento. Aproveitando as potencialidades do hipertexto, da interacção social e dos recursos multimédia, e inseridos num projecto educacional, podem desencadear, entre os

² Entrada no blogue da autora, em http://praticasdevida.blogspot.com/2004_02_08_praticasdevida_archive.html#10762152 (Consultado a 11/05/2006).

participantes, o exercício da expressão oral, da escrita criativa e hipertextual. Pela estrutura característica dos blogues, torna-se possível o diálogo de ideias e experiências, da autoria e da co-autoria. O blogue deixa de funcionar no regime de autoria única, para adoptar as vantagens da autoria partilhada, ajudando a desenvolver competência no domínio da reflexão crítica, da responsabilidade, da liberdade, do respeito, da re-interpretação de conceitos e práticas e da colaboração.

Por meio desta ferramenta, rentabilizada ao serviço de um projecto educativo, “professores e alunos, parceiros de aprendizagem, podem retroagir sobre seu trabalho, revendo etapas e processos, tomando consciência de sua prática. O weblog regista de forma dinâmica todo o processo de construção do conhecimento e abre espaço para a pesquisa.

Deste modo, os weblogs contribuem para a consolidação de novos papéis para alunos e professores no processo educativo, com uma actuação menos directiva destes e mais participante de todos. Uma parceria num processo em que todos ensinam e aprendem (Freire, 1977).

Os weblogs registram todas as fases do projecto: sua criação, seu detalhamento e desenvolvimento até à sua finalização. Tornam-se adjuvantes do ensino-pesquisa, facilitam a implementação de projectos inter e transdisciplinares, dando visibilidade, alternativas interactivas e suporte a projectos que envolvam a escola como um todo e, até, as famílias e a comunidade” (Gutierrez, 2004)³.

A exploração de blogues pode constituir-se como mais uma estratégia inovadora que potencia o desenvolvimento de competências essenciais para a promoção da aprendizagem ao longo da vida (Peres, 2006), tais como: métodos de trabalho, competências comunicativas e reflexivas e de trabalho de grupo, bem como de pesquisa, selecção e organização de conteúdos. O desenvolvimento destas competências poderá ser uma realidade se os edublogues adquirirem um papel mediador nos processos educativos, procurando o equilíbrio entre os objectivos disciplinares e interdisciplinares e uma estratégia pedagógica, mediada pelas novas tecnologias (Peres, 2006).

Os edublogues são um meio de comunicação que pode promover a interacção entre alunos, professores, pais e demais técnicos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem, constituindo-se como comunidade de aprendizagem. Podem criar-se estas comunidades em torno de um conceito/tema que interessa a todos os membros,

³ Citação retirada de um “post” do blogue da autora, em http://praticasdevida.Blogspot.com/2004_02_08_praticasdevida_archive.html#10762152 (Consultado a 11/05/2006).

multiplicando as perspectivas em discussão, aproximando a escola da família e promovendo o sucesso dos alunos (Silva, 2003).

Diante destas novas exigências da Sociedade da Informação, e das inúmeras potencialidades que as TIC nos proporcionam, a escola e todos os parceiros educativos não podem optar por ficar de fora desta verdadeira revolução nos hábitos de vida e de educação.

Existem várias vantagens para a sua integração na aprendizagem. Orihuela e Santos (2004), citados por Cruz e Carvalho (s.d.), apontam as seguintes vantagens para justificar a sua inclusão: facilidade de criação e de publicação; possibilidade do utilizador se centrar no conteúdo; a edição da informação fica imediatamente online; funciona como um portefólio digital, evidenciando o percurso da aprendizagem efectuada pelos alunos.

O professor pode utilizar o blogue como complemento ao ensino presencial, indicando trabalhos, apontando ligações a diversas fontes de informação, desenvolvendo e orientando o sentido de pesquisa e selecção de conteúdos. Através do blogue, o docente pode, igualmente, fomentar debates sobre alguns temas, avivando o espírito crítico dos alunos e de respeito pelas opiniões divergentes. Agindo desta maneira, o professor tem à sua disposição mais uma ferramenta de avaliação do desenvolvimento cognitivo dos seus alunos.

Por ser uma ferramenta aberta, os pais dos alunos estão em contacto com os progressos dos alunos, do seu desenvolvimento cognitivo e do seu progresso escolar.

O blogue pode ser utilizado como lugar de intercâmbio e colaboração entre escolas, como espaço de debate e de integração. Quantas vezes os alunos não podem participar nas aulas presenciais, e por meio desta ferramenta, mantêm sempre o contacto com os assuntos estudados, funcionando como plataforma de ensino a distância! Desta forma, a aprendizagem ultrapassa as fronteiras do espaço e do tempo, ocorrendo sempre e quando o aluno pretender. Este é o espírito do verdadeiro construtivismo.

Através dos blogues, a aprendizagem acontece a partir de múltiplas perspectivas em virtude dos vários acessos e comentários que irão surgindo, dos mais diversos indivíduos, das mais diferentes culturas e idades. Lara (2005) refere que um blogue é um convite constante ao diálogo, deixando de ser um monólogo.

Ao publicar num espaço visível e aberto, o aluno sente-se mais responsável sobre aquilo que escreve e comunica com o exterior. A possibilidade de poder partilhar experiências, conhecimentos e conteúdos, vai criando, no aluno, o hábito de aprender

colectivamente e torna-o dono do seu processo de aprendizagem enquanto elabora os seus *posts* (entradas, em português).

“Ferding & Trammel (2004) referem que do pensamento de Vygotsky decorre que a ‘construção do conhecimento é por natureza discursiva, relacional e conversacional’ pelo que ‘para que os estudantes se apropriem e transformem o conhecimento precisam de ter oportunidades autênticas de publicação do conhecimento’. Destas ideias ressalta o papel que os blogues podem desempenhar enquanto ferramenta de criação de espaços de reflexão e publicação dos pensamentos dos estudantes, bem como enquanto espaço de obtenção de *feedback* (através dos sistemas de comentários) ” (Gomes e Silva, s.d.:294).

Efectivamente, por meio do sistema de comentários, o blogue é potenciador de interacções com qualquer pessoa. Esta interacção que se cria com o comentário a entradas que um autor coloca no seu blogue faz com que esta ferramenta da Web 2.0 ultrapasse a simples barreira da publicação de conteúdos, mesmo sendo recursos pedagógicos. “A existência de um sistema de inclusão de ‘comentários’ permite aos visitantes de um *blog* pronunciarem-se sobre o conteúdo das mensagens lá colocadas tornando o *blog* uma ferramenta de comunicação via *web*, ultrapassando a dimensão da simples publicação” (Gomes, 2005:312).

É toda esta panóplia de serviços, que o blogue pode e deve ser visto como um recurso e como uma estratégia pedagógica ao serviço de um projecto educacional, pressupondo a concertação sobre a alteração de papéis de professores e alunos, e o entendimento do conceito de aprender e ensinar.

3.2.2. Blogues como recurso e estratégia pedagógica

Os blogues são um instrumento de comunicação muito utilizado também pelos adolescentes e jovens.

Segundo o Notíciasdot.com⁴, os jovens e os adolescentes adoptam os blogues como ferramenta de comunicação. Citando Huffaker, afirma que nesta faixa etária utilizam-na como “auto-terapia”. “El blog es un área para la expresión de uno mismo. Les da

⁴ Artigo consultado no site <http://www.2.noticiasdot.com/publicaciones/2004/0604/1106/noticias110604/noticias11604-2.htm>, no dia 24/02/2008.

espacio para ser sinceros e personales". Continua reconhecendo que numa primeira abordagem, pensou tratar-se de puro exibicionismo; mas, depois de uma visão mais apurada, reconhece que se trata de uma tentativa de resolver uma necessidade humana comum de encontrar ligações com outras pessoas.

Esta diversificação na utilização desta ferramenta da Web dificulta a caracterização objectiva das finalidades dos blogues. No contexto educativo, os blogues podem ser encarados sob duas perspectivas: como recurso pedagógico e como estratégia pedagógica. Segundo Gomes (2005), esta distinção é clara e as possíveis caracterizações são arbitrárias. No entanto, a mesma autora arrisca nessa distinção baseada em alguns critérios. Define blogues como sendo "um espaço de acesso a informação especializada", e como "espaço de disponibilização de informação por parte do professor". "Enquanto 'estratégia pedagógica' os blogs podem assumir a forma de: um portefólio digital; um espaço de intercâmbio e colaboração; um espaço de debate - *role playing*; um espaço de integração" (Gomes, 2005:312-313).

A exploração pedagógica dos blogues centra-se numa relação dual: por um lado, centra-se mais na publicação de informação por parte do professor, convertendo-se num repositório de informação pesquisada e comentada pelo docente. Por outro lado, o aluno, ou grupo de alunos, incentivados pelo professor, criam e dinamizam o seu blogue, ficando responsáveis pela pesquisa, selecção e síntese da informação que querem publicar, que posteriormente será lida e comentada pelo professor e também pelos colegas (Gomes e Lopes, 2007).

Os mesmos autores elaboraram um esquema representativo da utilização dos blogues enquanto estratégia e recurso. Verificamos que à medida que é utilizado não apenas como recurso, mas que caminha para uma utilização estratégica, o papel do professor e do aluno também se altera. Quanto mais se aproxima da estratégia, mais o aluno se torna activo. E esta é a forma significativa dos alunos aprenderem.

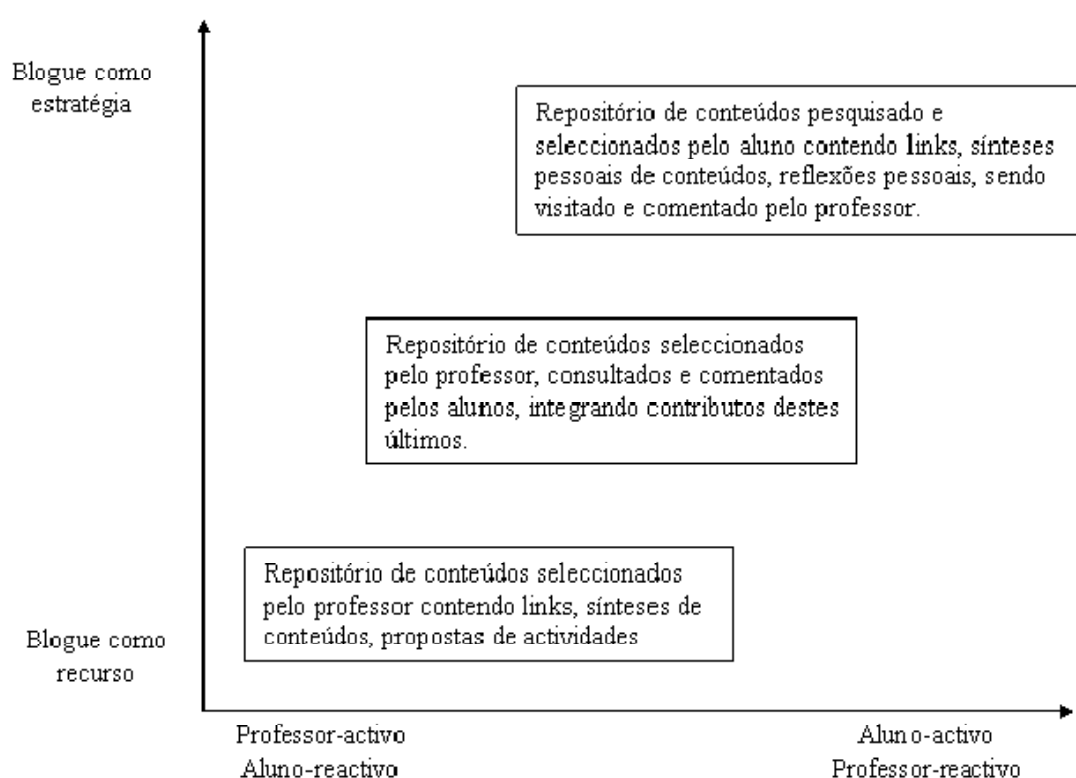


Figura 3: Blogue como estratégia e como recurso (Gomes e Lopes, 2005:121).

Efectivamente, a utilização dos blogues como recurso, conduz a uma atitude passiva do aluno, que se limita a aceder à informação disponibilizada pelo professor. Nesta situação, o aluno limita-se a ler os conteúdos e a, possivelmente, fazer um comentário ou outro às mensagens ou entradas já existentes. Esta utilização não passa de uma simples alteração do formato da informação: do papel, passou para o ecrã do computador.

A outra abordagem, como estratégia pedagógica, centra-se “não tanto na criação de condições de acesso a informação actual disponibilizada pelo professor ou por sujeitos e/ou entidades que o professor reconhece como credíveis, mas sim em torno das actividades que o aluno precisa de desenvolver no âmbito da actividade de *bloguer*. Neste contexto, o aluno desempenha frequentemente um papel de autor ou co-autor dos blogues, existindo todo um leque diversificado de actividades a desenvolver, antecedendo a publicação de mensagens (*postagem*), às quais estão associados objectivos de aprendizagem e desenvolvimento de competências. A exploração dos blogues dentro desta perspectiva, transforma-os, mais do que num recurso pedagógico, numa estratégia de ensino-aprendizagem, que visa conduzir os alunos a actividades de

pesquisa, selecção, análise, síntese e publicação de informação, com todas as potencialidades educacionais implicadas” (Gomes e Lopes, 2007:123).

Sintetizamos as duas explorações pedagógicas dos blogues, seja como recurso ou como estratégia, fazendo referência a mais um esquema de Gomes e Lopes:

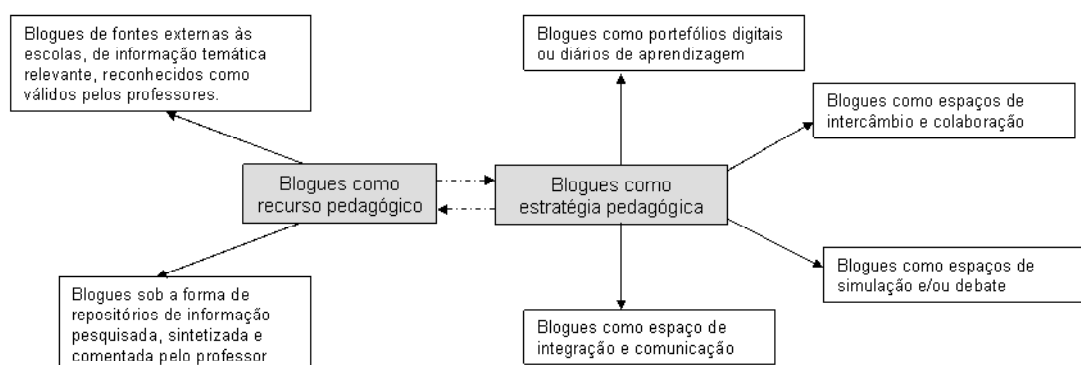


Figura 4: Blogue como estratégia e como recurso 1 (Gomes e Lopes, 2005:124).

Neste esquema vemos aquilo que se aprende, editando blogues.

1. Os blogues como diários ou portefólios digitais de aprendizagem.

Esta dimensão é útil porque torna presente, sempre que necessário, os conteúdos preparados pelo professor e também disponibiliza para a comunidade aprendente os conteúdos elaborados pelos alunos. Desta forma, estes conteúdos ficam armazenados e disponíveis para todos os interessados. Assim, o professor também poderá acompanhar a evolução do aluno, contribuindo para uma melhor avaliação do processo educativo.

2. Os blogues como espaços de intercâmbio e colaboração entre alunos da mesma turma, e até mesmo de escolas diferentes.

Os blogues possibilitam a autoria múltipla, isto é, um blogue pode ser gerido por um grupo de alunos em co-autoria. Esta experiência é potenciadora de uma maior co-responsabilização do aluno como pertencente a uma comunidade aprendente.

Baseando-se no pensamento de Freire, Gutierrez (2005:14) afirma que “a interacção entre pessoas e objectos de conhecimento possibilita a aprendizagem colaborativa/cooperativa, a qual produz liberdade, que significa autoria e autonomia. Para professores e alunos, a participação e a interacção, o diálogo e a cooperação, a teorização e a reflexão são o espaço possível do sentido, que produz meios de aprender/ensinar. Ensinar/aprender como actividade criativa, aprender/ensinar como processo e como movimento social. Aprender/ensinar que implica na consciencialização, como forma de inserir-se no processo histórico do sujeito”.

3. Os blogues como espaço de debate.

Desta forma, os alunos podem estabelecer um debate sobre um assunto ou problemática, tomando em linha de conta diferentes perspectivas, pelas quais o assunto pode ser encarado. Esta é uma grande forma de enriquecimento pessoal que surge da cooperação e do debate de ideias. Um confronto de ideias implica o desenvolvimento de múltiplas competências. Não é suficiente que apenas exprimamos opiniões sem que as fundamentemos. Por isso, o blogue desenvolve competências relacionadas com a pesquisa, análise, selecção, escrita e argumentação, fazendo uso do sistema de hiperligação para as fontes de informação. Permite igualmente desenvolver competências pessoais e sociais no âmbito da compreensão da complexidade de muitos problemas e para a necessidade de possuir um espírito de tolerância, respeito e abertura em relação às ideias opostas.

Na colocação de comentários, corremos o risco de pensar: não temos nada a acrescentar, foi tudo dito, não vou repetir. Bakhtin, referenciado por Gutierrez (2005:13) “entende que cada enunciado é em si mesmo completo e irreproduzível. O simples repetir já muda o sentido do que foi repetido. Um enunciado é sempre inédito, embora criado sobre algo de antemão dado, um sentimento, uma visão do mundo: ‘o objecto vai edificando-se durante o processo criador’”.

4. Os blogues como ferramentas de integração e comunicação.

Efectivamente, esta tecnologia facilita a integração dos alunos porque, promovendo e valorizando as diferentes perspectivas, experiências e realidades culturais, pode promover a compreensão mútua e a integração de pessoas pertencentes a minorias culturais e sociais.

Uma outra vantagem reside na situação de alunos afastados da escola por períodos mais ou menos longos, por exemplo, em caso de doença. O blogue poderá ser “um bom contributo para assegurar a existência de um sentimento de pertença e de integração na turma” (Gomes, 2005:315).

Encontramos enormes vantagens na utilização do blogue na aprendizagem, seja ela estruturada ou semi-estruturada. Por outras palavras: quer em ambiente escolar, no âmbito das diversas disciplinas, quer em outros tipos de ambientes em que a formação e a educação também sejam uma prioridade, reconhecemos potencialidades na utilização desta ferramenta. A fim de lhe retirarmos o máximo proveito, é necessário que a encaremos como um recurso e como estratégia pedagógica como mediação dos processos educativos, sejam eles do foro académico ou da formação dos valores.

3.3. Como falar dos valores através da Web 2.0

Vimos como a utilização dos blogues pode ser aproveitada no contexto de aprendizagem, com todas as competências que exige e que ajuda a desenvolver. A presença das TIC e da denominada Web 2.0 vieram trazer uma nova visão e uma nova atitude face ao ensino e à forma de o transmitir, melhor dizendo, de o partilhar e construir. Moreira utiliza a metáfora das comunidades de formigas e abelhas para caracterizar a comunidade emergente da Web da segunda geração.

“Com efeito a metáfora biológico-social das comunidades de formigas ou de abelhas é interessante e reveladora dos mecanismos de inteligência colectiva. É também motivo de estudo recente em várias áreas do conhecimento (filosofia, memética, economia, gestão, psicologia social, biologia e suas relações com a informática, etc.). A inteligência colectiva aparece como um conceito actual com fortes relações com a era digital em que vivemos. As aprendizagens não formais, incrementadas pelo acesso facilitado ao software social da Web 2.0, e que decorrem do uso de ferramentas como *blogs*, *wikis*, *feeds de RSS*, *social bookmarking*, mundos virtuais 3D como o Second Life, ferramentas de agregação e de categorização por *tagging*, oferecem-nos um mundo novo de partilha e construção distribuída de conhecimento. Não podemos mais pensar o conhecimento (nem a sua construção) como propriedade exclusiva e isolada de um único indivíduo. O conhecimento, nos tempos que correm, é “*open source*”, e conceitos como *downloading* e *uploading* de informação, perdem terreno funcional para o conceito de *offloading*: os “rastos” ou “vestígios” deixados pelas cognições individuais (como o fazem as formigas e as abelhas) são apropriados pela comunidade que os transforma, criando um colectivo inteligente, com implicações extremamente interessantes para a aprendizagem. Há que assumir a postura e dela tirar proveito”⁵

Com a intenção de retirar todas as potencialidades destas tecnologias, pretendemos estudar a sua aplicação num contexto de educação para os valores. Como já referimos, a educação moral procura ajudar o ser humano a, de uma forma livre, consciente e responsável, assumir a sua vida, controlar as suas atitudes, educar a vontade e gerir emoções de uma forma equilibrada. Desta forma, consolidará a sua saúde e bem-estar

⁵ Artigo consultado no site <http://mundomac.blogs.ca.ua.pt/2008/02/11/toca-a-curto-circuitar-deias/#comment-2717>, em 20/2/2008.

que não se esgota apenas na realização profissional, social e cultural. Nas palavras de Goergen (2005:1007), a educação moral consiste na “busca de um caminho pessoal para uma vida consciente, livre e responsável. Do ponto de vista do educador, pode-se dizer que sua influência educativa deve contribuir para um sujeito consciente e autónomo, capaz de decidir que atitudes tomar; que, na busca da felicidade, perseverem tanto interesses individuais quanto sociais”.

Estamos numa época em que não nos podemos restringir nem fundamentar nas teorias da punição e correcção. É preciso criar (Migliori, 2004). Em tempo de crise, é preciso deixar cair o “s” (crise » crie). Urge criar novos rumos para a formação e o desenvolvimento dos seres humanos pelos quais temos responsabilidades educativas.

Utilizando o blogue, como instrumento de aprendizagem, estamos a dar uma oportunidade aos aprendentes de serem construtores activos deste processo educativo. Estes podem tornar-se agentes pensantes, estimulando a capacidade de formar e partilhar conhecimentos, experiências e opiniões. Na verdade, o mais importante não é as tecnologias mas sim aquilo que elas nos proporcionam, novas formas de viver, de nos percebermos a nós mesmos e aos outros e de nos relacionarmos num “espaço da relação humana” (Sanchez, 2004). Embora a acentuação não seja, nem é suposto ser, na tecnologia em si mesma, o certo é que, a Web 2.0 permite a construção cooperativa de uma forma mais significativa e contextualizada.

Tendo em conta esta nova realidade social, a igreja portuguesa, também ela uma instituição de formação para os valores, num documento sobre orientações para a catequese actual, “Para que acreditem e tenham vida”, de 2006, afirma o seguinte:

“Perante a nova paisagem cultural requerem-se novos modos de comunicar a fé, novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes” (CEP, 2006:2.b).

Na formação para os valores, a preocupação não deve ser em “fornecer respostas a pedidos não existentes ou não formulados, nem deve forçar o ritmo de crescimento e de maturação em nome do ensinamento doutrinal ou institucional imposto de fora” (Alberich, 2001:121). Por isso, urge repensar toda a pedagogia adoptada, a linguagem utilizada e o método de abordagem. Embora possamos dizer que os valores são os de sempre, os contextos em que estes se aplicam são muito diferentes, exigindo uma nova abordagem.

Como já estudámos, existem diversas metodologias pedagógicas para a abordagem da educação para os valores. As questões que agora colocamos são as seguintes:

1. Tendo em conta as novas formas de aprender que caracterizam as nossas crianças, adolescentes e jovens, valorizando os seus contextos sociais e culturais,

consolidando o desenvolvimento integral da pessoa humana, respeitando a sua liberdade e autonomia, será que as Tecnologias da Informação e Comunicação, salientando o blogue, optimizam a educação para os valores?

2. Goergen (2005:1008) afirma que “a moralidade caracteriza-se por esta tensão ou polaridade entre o individual e o social”. Será que utilização do blogue potencia este equilíbrio entre o pessoal e o social que caracteriza a moralidade? Será que a utilização do blogue é um meio para que os jovens partilhem as suas pesquisas, reflexões e conhecimentos?

3. Sabemos das dificuldades que as nossas crianças e jovens têm uma grande vontade, e porque não dizer, necessidade, de comunicar com os outros, inclusive com o mundo virtual. Será possível motivá-los a reflectir, e partilhar com os outros sobre esta temática dos valores, construindo a sua personalidade e moralidade com o apoio dos outros, mas mantendo a sua liberdade e autonomia?

4. Os adolescentes e jovens costumam ser muito reservados na exposição pública dos sentimentos, emoções e reflexões. Verificamos no contacto pessoal com eles, a dificuldade de expressar os seus pontos de vista e de aprofundar os temas. Talvez pelo medo do confronto de ideias, pela vergonha de defenderem o seu ponto de vista em público. Será que o recurso às ferramentas da Web 2.0 pode facilitar e vencer os medos referidos?

5. Cada vez mais as crianças, adolescentes e jovens recorrem aos vídeos para partilharem com os amigos cibernautas as suas conquistas, e o que mais apreciam. Se consultarmos o *youtube*, constatamos isso mesmo. Para o bem e para o mal, é um serviço que já ninguém dispensa. Se repararmos nos últimos acontecimentos, os vídeos que recebem um número de visitas anormal, passam a ter relevo de notícia nos telejornais. Já muitas estratégias pedagógicas foram testadas na descoberta da que melhor favorece a educação para os valores. Será que a forma de comunicar com recurso à multimédia poderá ser mais motivadora e melhor acolhida pelos indivíduos da facha etária referida?

Esta foi a força motriz que nos motivou a encetar este estudo. Existe uma necessidade cada vez mais urgente de novas propostas: menos discursos sisudos, parcos de experiências significativas, e mais propostas do nosso tempo e para o nosso tempo. Mais dinâmica e mais vida com os tempos. Utilizando os blogues, vamos tentar justificar que o recurso às TIC, com destaque para a Web 2.0, é uma mais-valia que optimiza a educação para os valores. O aprendente age levado pelas suas necessidades psicológicas e sociais e, ao agir, ao exprimir-se, educa-se e desenvolve-se.

A Web 2.0 pode e deve ser encarada como uma forte aliada neste processo. Ela ajuda a criar as condições para que os objectivos da educação para os valores possam ser atingidos, de uma forma mais significativa e motivadora.

Neste sentido, pretendemos mostrar que a utilização da Web da segunda geração é um grande desafio para os educadores dos valores e para os educandos. Este é um campo de acção que deve ser aproveitado e rentabilizado.

A internet colocou à nossa disposição vários serviços, tecnologias e ferramentas que, aproveitadas pedagogicamente, transportam uma mais-valia na construção de cidadãos autónomos, livres, conscientes e responsáveis de si e dos outros. Com capacidade de reflectir, de partilhar com os concidadãos da nossa “aldeia global”, fazer descobertas, experiências, conhecimentos, emoções e trabalhos; indivíduos que criam relações de proximidade e tolerância com pessoas do seu grupo de pertença ou exteriores ao mesmo; cidadãos em crescimento e solidificando a sua auto-estima, na descoberta e consolidação da identidade, na criação/identificação de valores pessoais e sociais que encontrem eco nas atitudes. Adquirindo estas competências, e agindo em conformidade, os indivíduos crescerão com saúde e bem-estar, pessoal, social e profissional. Estes são os objectivos finais da educação para os valores.

Conhecendo as diversas potencialidades que a Web 2.0 nos proporciona, aliadas a um projecto educativo, seja curricular ou no âmbito dos valores, podemos otimizar os efeitos positivos na educação. Valorizando as apetências e gostos dos indivíduos mais jovens pelas tecnologias, conhecendo as competências que estas ajudam a desenvolver, e de uma boa pedagogia, que contemple a integração das TIC, é possível tornar a educação verdadeiramente significativa. Não podemos simplesmente pegar na pedagogia tradicional e unicamente alterar o suporte para apresentação de conteúdos. Exige-se uma verdadeira reforma nas mentalidades e nos métodos de aprender e ensinar.

A educação para os valores encontra nestes ambientes, técnicos e pedagógicos, os ingredientes necessários para levar a cabo um projecto formativo, com base na Web 2.0, adaptado às necessidades do mundo contemporâneo. É esta convicção que nos orienta e move, e procuraremos manifestar na segunda parte da nossa dissertação.

II PARTE

ESTUDO EMPÍRICO

Introdução

Como tivemos a oportunidade de apresentar, existem várias teorias pedagógicas para a educação dos valores. Nenhuma delas contempla a integração das tecnologias que surgiram entretanto e que foram aproveitadas para o contexto educativo.

Também constatámos as profundas mudanças que ocorreram na sociedade hodierna, com consequências na forma de pensar, agir, relacionar e comunicar. As Tecnologias da Informação e Comunicação vieram para ficar, produzindo todo um conjunto de alterações, pessoais e sociais: são inegáveis e não as podemos ignorar, recuando, fugindo da sua influência, seja ela positiva ou negativa.

A tomada de consciência das potencialidades positivas e dos riscos ajudam o educador a delinear estratégias pedagógicas que prevejam a integração das TIC, para delas retirar todos os rendimentos e minimizar os riscos.

O nosso propósito, neste estudo de caso, é o de tentar a construção de pontes entre estas duas realidades: a necessidade de uma educação para os valores e para a cidadania; e o recurso à utilização das tecnologias.

Outros estudos foram elaborados sobre a integração da aprendizagem académica, em várias disciplinas. Pretendemos fazer a experiência da integração das TIC, nomeadamente das tecnologias consideradas da Web 2.0 no contexto da educação para os valores.

4. Metodologia

Nos dias que correm, torna-se bastante difícil abordar o tema dos valores, sobretudo na camada mais jovem. É um assunto que, dada a sua importância para o desenvolvimento equilibrado das personalidades em construção, deve ser encarado com seriedade e responsabilidade. Tendo em conta as teorias de aprendizagem e as novas formas de aprender, urge que encontremos espaços de reflexão que possibilitem um crescimento equilibrado, sóbrio e coerente, tendo em conta as especificidades individuais e a necessidade do convívio entre os seus pares. É neste equilíbrio entre a dimensão individual e social que reside o segredo da educação para os valores.

Neste estudo, não pretendemos simplesmente alterar o suporte de apresentação dos temas. A nossa finalidade é estudar a integração das tecnologias da informação e comunicação num contexto de educação para os valores. Desenvolvemos um projecto, com recurso a uma das ferramentas da Web 2.0, os blogues. Até que ponto, é que as TIC poderão otimizar os encontros presenciais dedicados ao tema dos valores? Elas não surgem neste contexto desempenhando um papel de substituição, mas de complementaridade e transversalidade. Permitem uma preparação antes dos encontros presenciais; e a apresentação das conclusões, aprofundamento dos assuntos tratados, e publicação de trabalhos desenvolvidos. Transversalidade, na medida em que estes temas possam ser abordados e aprofundados de diferentes perspectivas, e com a colaboração de outros elementos exteriores ao grupo.

Para realizarmos este estudo, utilizámos uma metodologia descritiva. Apresentámos a nossa experiência de estudo, em dois contextos distintos. Uma experiência foi desenvolvida com dois grupos de jovens, em regime de co-autoria, e num contexto específico de formação para os valores. A segunda foi explorada com um público mais heterogéneo, e com uma maior amplitude temática, embora o âmbito de intervenção fosse semelhante, os valores.

Pretendemos analisar a forma como se criou interacção, como esta se desenvolveu, que tipo de recursos são mais atractivos, e como cresceu o espírito de reflexão crítica, da partilha de recursos, trabalhos e opiniões. No fundo, pretendemos criar uma comunidade virtual de formação para os valores, criando uma rede de ligações entre pessoas com os mesmos objectivos. Efectivamente, estão a ser feitas algumas

experiências interessantes neste âmbito. No entanto, são incursões isoladas, em que cada pessoa tenta publicar as suas experiências, não tendo o objectivo de integração num processo educativo directo.

Algumas perguntas surgem na nossa mente e que gostaríamos de ver respondidas: será que conseguiremos criar uma comunidade de pessoas que sejam capazes de vencer as barreiras do individualismo, crescer na colaboração, na partilha de ideias, experiências e recursos? Seremos capazes de lançar o debate relativo à integração das TIC no contexto da educação para os valores? Conseguiremos implementar a sua utilização, não apenas como repositório de recursos e experiências, mas como uma verdadeira plataforma de conhecimento construído, ao serviço da educação?

Para encontrarmos uma resposta a estas perguntas, empreendemos este estudo que pretendemos que seja mais um passo na direcção de tornarmos a educação para os valores mais significativa para as crianças e jovens que vivem neste mundo contemporâneo e na construção de plataformas de formação de agentes educativos.

5. Instrumentos de recolha de dados

Para retirarmos todo um conjunto de conclusões, relativa ao estudo de caso, precisamos conhecer o contexto em que é desenvolvido, quais as características que revestem o público-alvo, quais as variantes que irão condicionar a planificação, execução e avaliação.

As técnicas de recolha de dados utilizadas neste estudo foram: questionários escritos; inquéritos colocados on-line; comentários produzidos pelas pessoas que visitam os blogues.

Elaborámos dois questionários. Um (Anexo D), foi dirigido a todas as crianças que frequentam encontros de catequese, no âmbito da educação para os valores. O outro (Anexo E), dirigido ao público-alvo que integrava este estudo, ou seja, os dois grupos de jovens. O objectivo geral era poder verificar a literacia informática dos inquiridos.

Os objectivos específicos do “Questionário um” passavam por conhecer:

- A utilização que o público-alvo faz dos computadores.
- A facilidade de acesso do público-alvo aos computadores.
- A facilidade de acesso do público-alvo à internet.
- A familiaridade com os blogues e a sua utilização em contexto educativo.
- O gosto pelas tecnologias aplicadas ao ensino.

Nos objectivos específicos do “questionário dois” pretendíamos conhecer:

- A utilização que o público-alvo faz dos computadores.
- A facilidade de acesso à internet.
- A familiaridade com os blogues e a sua utilização em contexto educativo.
- O ambiente sociocultural dos elementos envolvidos no projecto.
- Algumas características dos adolescentes, no que diz respeito à sua participação e exposição em público.
- O gosto pelas tecnologias aplicadas ao ensino.
- A opinião sobre a temática da educação para os valores.

No final do estudo, elaborámos o “Questionário de Avaliação do Blogue” (Anexo F) para os participantes no projecto do blogue “conviveronline”. O objectivo geral era: Avaliar a utilização e empenho dos participantes no blogue.

Os objectivos específicos:

- Conhecer a frequência de acesso do público-alvo ao blogue.
- Saber se os elementos participaram no blogue como administradores, com a possibilidade de publicar entradas e as razões porque o não fizeram.
- Inteirarmo-nos da utilização de um serviço de agregação de *feeds* e as razões porque não o fizeram.
- Conhecer a opinião sobre os documentos formativos de apoio a uma melhor rentabilização do blogue.
- Constatar a influência que o blogue teve sobre uma eventual mudança de perspectiva em relação a alguns assuntos debatidos no blogue.
- Saber se o público-alvo publicou comentários e, se o não fez, encontrar os motivos. Conhecer os sentimentos que despertou ao fazê-lo.
- Verificar a sensibilidade para a aprendizagem colaborativa que o blogue possibilita, com a participação de todos os que publicam entradas e comentários.
- Saber como consideraram a utilização do blogue: se interessante ou aborrecida.
- Verificar o interesse em continuar com a publicação do blogue na formação e divulgação dos projectos e actividades dos respectivos grupos.

No decorrer da experiência de estudo, com os serviços disponíveis *online*, disponibilizámos, no próprio blogue, inquéritos onde procurámos atingir os seguintes objectivos:

- Conhecer a sensibilidade para a integração das TIC num contexto de educação para os valores.
- Aferir a influência que os debates, desenvolvidos nos blogues, tiveram na forma de ver e pensar os assuntos abordados.
- Saber se os visitantes e comentadores dos blogues utilizam algum serviço de agregação de *feeds*.

Uma outra forma de recolha de dados foi utilizada com *posts* (entradas) onde era pedida a opinião das pessoas. Publicando estas entradas, tínhamos os seguintes objectivos:

- Despertar os visitantes dos blogues para a temática da inclusão desta tecnologia ao serviço da educação para os valores.
- Conhecer a sua opinião sobre os blogues no contexto da educação para os valores.
- Descobrir a opinião sobre o motivo que leva as pessoas a visitarem os blogues e a não expressarem o seu ponto de vista, ou experiência, comentando as entradas. Constatar as razões que levam as pessoas a permanecerem vinculadas ao blogue.

6. Descrição da experiência de estudo

Com o objectivo de estudar as potencialidades da utilização dos blogues no apoio à educação para os valores, foram criados dois blogues: o “conviveronline.wordpress.com” e o “partilhar.wordpress.com”. Estes dois blogues tinham particularidades distintas, mas procuravam atingir o mesmo fim: a formação com recurso à Web 2.0.



Figura 5: banda do blogue conviveronline

O nome deste blogue surgiu pela conjugação de várias ideias: em primeiro lugar, surge a palavra “viver”. Com os encontros de formação, pretendemos contribuir para que os jovens descubram o gosto por viver, e o sentido para a vida. É preciso viver uma vida em plenitude. Este é um dos objectivos da educação para os valores.

Ninguém vive sozinho. E uma das finalidades do blogue passava por criar interacção entre os formadores e os jovens; entre os dois grupos que participam no projecto, e com outros elementos exteriores. Para definir esta interacção utilizámos a palavra “conviver”, ou seja, “viver com” os outros, em comunidade.

Este convívio não é feito apenas nos moldes tradicionais, isto é, em encontros presenciais. Pretendemos criar uma comunidade virtual, com interacções mediadas pelo computador. A palavra que melhor define essa realidade é “online”. Aqui reside a razão do nome do blogue, que traduz os objectivos do mesmo.

O blogue “conviveronline” foi utilizado com as seguintes finalidades:

- Publicar trabalhos, comunicar, realizar formação e aprendizagem colaborativa mediada pelo computador.
- Criar um espaço de partilha da informação recolhida, fazer o registo de actividades e dos encontros presenciais e estimular o processo de reflexão pessoal. Este blogue foi criado como suporte e complemento à formação de jovens. Foi uma forma de tentar prolongar a reflexão dos encontros presenciais.

- Levar o público-alvo a assumir uma atitude activa enquanto produtores de conhecimento, procurando conteúdos e *links*. Foram convidados a colaborar na administração do blogue. Desta forma, poderiam publicar entradas, sem precisar da autorização do autor do blogue.

- Estudar as possibilidades de interacção entre o grupo, e deste com o exterior. O projecto envolvia dois grupos de jovens, de freguesias distintas. Desta forma, estudámos a forma como se poderia criar interacção entre os dois grupos, e a possibilidade de outros elementos externos poderem motivar a reflexão dos mesmos.

O público-alvo era constituído, inicialmente, por 25 jovens de duas freguesias do concelho de Santo Tirso: onze de Sequeirô, e catorze da Lama. O grupo de Sequeirô escolheu o nome “por amor de Deus” para o seu grupo. Os da Lama denominaram-se de “folhas livres”.

Estes jovens fizeram uma caminhada de dez anos de formação. No termo da mesma, foi-lhes lançado o desafio de continuarem a sua formação, agora em moldes diferentes: como um grupo de jovens, que são capazes de reflectir sobre os temas da actualidade das suas vidas, de uma forma autónoma. Além de temas formativos, foi-lhes pedido que desenvolvessem um projecto de vida do grupo. Lançámos o desafio da utilização do blogue como ferramenta de comunicação, partilha e divulgação de actividades.

O estudo decorreu em várias fases, num grau crescente de envolvimento e compromisso.

Numa primeira fase, fizemos dois questionários. Como já referimos, pretendíamos apurar a sua literacia em TIC e a sua familiaridade com a integração das mesmas num contexto de aprendizagem.

Numa segunda fase, procedemos à elaboração de três documentos de apoio à formação técnica para a correcta e proveitosa utilização dos blogues (Anexos A, B, C): o primeiro versava sobre o serviço de agregação de fontes, o *Netvibes*. O documento aborda as vantagens da utilização deste serviço, assim como a forma de utilização do mesmo. O segundo abordava a forma de se inscrever como colaborador do blogue, dando a possibilidade de publicar entradas. O terceiro documentava modos de colocação de documentos on-line, de forma a partilharem conteúdos.

Os documentos foram colocados on-line, no blogue. Também foi dada formação presencial aos dois grupos abordando os três conteúdos referenciados. Esta formação foi necessária, pois os jovens não tinham qualquer tipo de noção destas tecnologias.

Na terceira fase, avançámos com a publicação de entradas. Os jovens eram convidados a comentar essas entradas, procurando aprofundar a reflexão sobre os temas propostos. Procurámos diversificar os conteúdos. Utilizámos textos de opinião, histórias, dilemas e multimédia. A nossa intenção era testar qual dos recursos conseguiria motivar mais os jovens.

As duas animadoras dos grupos, desde o início, tiveram a possibilidade de serem colaboradoras na administração do blogue. Fizemos várias entradas dirigidas aos jovens, incentivando, comunicando actividades internas, e também com o outro grupo.

Foi disponibilizada uma forma de comunicação síncrona, disponível no blogue. Esta forma de comunicação nunca foi utilizada pelos jovens.

Na quarta fase, os jovens tiveram a possibilidade de serem colaboradores do blogue, sendo convidados para fazer o seu registo e, assim, terem o direito de publicar entradas. Acreditamos que os jovens não deveriam ficar limitados à publicação de comentários. É benéfico, para a construção dos valores e de uma identidade própria e autónoma, o contribuir com o lançamento de questões, reflexões e experiências. Defendemos a ideia de que o blogue não era apenas para os jovens; queríamos que o sentissem como sendo deles, que o gerissem como entendessem, que partilhassem ideias, disponibilizassem conteúdos e *links* de interesse. Durante o desenvolvimento deste estudo, apenas dois jovens aceitaram o convite.

Durante o desenvolvimento do projecto, foram lançadas três perguntas com o intuito de sondar as opiniões do público-alvo e dos visitantes do blogue. As duas primeiras estavam relacionadas com a utilização desta tecnologia ao serviço da educação. Pretendíamos saber se a utilização do blogue torna a formação mais motivadora. Também pretendíamos saber porque é que havia muitas visitas, mas poucos comentários. A terceira pergunta pretendia ser uma espécie de avaliação do blogue.

Na quinta fase, procedemos à avaliação do blogue junto dos elementos que participaram no projecto. É de salientar a desistência de alguns elementos; por esse motivo, o número de questionários de avaliação respondidos foi inferior ao "Questionário dois".

Durante o projecto, uma jovem emigrou para a Suíça. Como referimos anteriormente, uma das vantagens dos blogues passa pela integração de pessoas que, de outra maneira, estariam completamente excluídas. Foi uma oportunidade de verificar se iria manter a ligação entre colegas de grupo, fazendo parte dos seus projectos, tendo o blogue como apoio e meio de comunicação. O resultado foi positivo. Essa jovem manteve o contacto, afirmando acompanhar a evolução do grupo através do blogue e,

esporadicamente, fez algum comentário. A separação física não significou uma ruptura completa com os outros elementos do grupo. Daí o reforçarmos a ideia de o blogue ser efectivamente um meio de inclusão.



Figura 6: banda do blogue partilhar

O blogue "partilhar.wordpress.com" foi criado com os seguintes objectivos:

- Partilhar ideias sobre os valores, lançando o debate sobre várias temáticas.
- Dar formação ao grupo de catequistas, responsáveis pela educação para os valores.
 - Disponibilizar conteúdos e recursos para o seu trabalho formativo: imagens, filmes, apresentações em *powerpoint* e textos.
 - Publicar os trabalhos feitos pelos diferentes grupos de crianças que estão a cargo das catequistas.
 - Divulgar das actividades das paróquias e disponibilizar recursos e actividades relacionadas com a vida e gestão paroquial.
 - Criar uma rede de ligações entre outras pessoas, onde pudessem partilhar actividades, ideias, pesquisas e recursos. A interacção que se poderia criar conduziria a uma solidariedade entre pessoas com os mesmos ideais e objectivos. A partilha de dificuldades e iniciativas serviria de incentivo e consolo de uns para com os outros.
 - Criar uma plataforma de comunicação síncrona, com o objectivo de oferecer uma outra forma de comunicação, sobretudo com pessoas que não pertenciam ao grupo das comunidades de Sequeirô e Lama, Santo Tirso. Este recurso foi muito utilizado, tanto por essas pessoas, como por outras de vários pontos do país. Por duas vezes foi utilizado durante uma catequese, para comunicação síncrona entre as crianças do sexto ano da freguesia da Lama e o pároco.

A criação do blogue surge no contexto do curso Mestrado que o autor se encontrava a frequentar. Com o início do projecto, o blogue foi reforçado e ampliado nos recursos e na estratégia a aplicar ao serviço da educação para os valores. É gerido apenas pelo autor, mas contém diversas entradas de outros autores.

No início do projecto, e para sensibilizar e familiarizar os formadores, catequistas, para as tecnologias da Web 2.0, foram feitas algumas sessões presenciais de formação para a utilização do blogue e de outras ferramentas associadas. Esta formação abordou três temas: serviço de agregação de *feeds*, o *netvibes*; a gestão de um blogue; um serviço de colocação e partilha de documentos.

Ao darmos esta formação, não só estávamos a promover a competência dos formadores para a utilização destas ferramentas no blogue “partilhar”, mas já pensávamos num futuro próximo em que cada um iria criar um blogue de apoio ao trabalho com o seu grupo. Desta forma, os grupos de catequese partilhariam os trabalhos realizados, criando um portefólio digital dos recursos produzidos; prolongariam o debate dos temas dos encontros presenciais: os elementos do grupo poderiam fazer resumos das sessões presenciais; os colegas, a possibilidade de comentar e recordar. Também constituiu uma forma de integração dos elementos que faltassem aos encontros. Desta forma não se sentiriam excluídos do grupo, e acompanhariam a sua evolução.

Efectivamente, este pormenor é de suma importância. Com o aumento das famílias desagregadas, muitas vezes as crianças e adolescentes têm de faltar aos encontros presenciais, em virtude de se deslocarem para casa de um dos progenitores. Com esta ausência, cria-se uma certa ruptura com o grupo, podendo conduzir à desmotivação e ao desinteresse. Com o blogue, mesmo que esses indivíduos se ausentem, podem continuar integrados no grupo, acompanhando o desenvolvimento do mesmo, da sua formação e das suas actividades. O formador poderá disponibilizar conteúdos formativos e propor actividades a realizar.

Através do sistema de comentários, e até de colocação de entradas, o formador e o grupo acompanharão o crescimento desses elementos. Sem esta ajuda, o formador vê-se obrigado a repetições contínuas e enfadonhas para os outros colegas, e não passará de um resumo, sem compromisso e reflexão.

Este é um grande desafio para os formadores e para os grupos. Mas existe um senão muito importante: a necessidade de acesso à internet. Daí que estejamos a pensar, como consequência deste projecto, na criação de um espaço com internet, onde todos poderão ter acesso, se o não tiverem em casa. Como atrás fizemos referência, experimentámos a comunicação síncrona no decorrer de um dos encontros. Através do portátil da formadora e do seu acesso à *Internet* móvel, o grupo comunicou com o

pároco, colocando dúvidas e pedindo sugestões. Foi um momento muito especial, tanto para os adolescentes como para o próprio pároco. Durante uns tempos não falaram de outra coisa. Converteu-se o encontro presencial num acontecimento mais marcante e significativo. E ao pároco, impedido de estar presente, proporcionou um momento de convívio e partilha com eles.

As famílias ainda estão muito reticentes em relação às vantagens da *Internet* em casa. Muitas vezes, exageram-se os riscos e minimizam-se as potencialidades. Para sensibilizar os pais para esta iniciativa, é necessário alertá-los para os riscos, ensinar a preveni-los e otimizar as vantagens. Nesse sentido, integrados neste estudo, estão previstos alguns encontros de formação e sensibilização dos pais relativamente a estas temáticas.

O blogue “partilhar “ foi crescendo em número de visitas e de comentários. Por esse motivo, foi pedido uma opinião visando conhecer o motivo da fidelidade ao “partilhar”. Pretendíamos saber o que levava as pessoas a visitar diariamente o blogue, o que mais as atraía e cativava.

Conhecemos as vantagens da utilização desta tecnologia para acompanhar o desenvolvimento dum blogue: as discussões que se criam, as entradas que são publicadas e os comentários feitos. Sem este serviço de agregação de fontes, perde-se mais tempo em pesquisas, corre-se o risco de perder alguns comentários, o que dificulta a interação entre os comentadores. No entanto, para os visitantes menos esclarecidos sobre esta funcionalidade, colocámos no blogue uma coluna (*widgets*) para os comentários mais recentes, a fim de facilitar a vida a todos os que não estivessem familiarizados com este serviço e não o utilizassem.

Cada grupo era acompanhado por duas animadoras. Elas tiveram um papel de destaque na caminhada do grupo. Eram responsáveis pela formação e dinamização das sessões presenciais. Desde o início do processo, também elas tiveram todos os direitos de administração do blogue. Publicaram algumas “entradas” e fizeram vários comentários às diferentes “entradas”.

Foi a primeira experiência do género. Até então, uma das animadoras nunca tinha ouvido falar de blogues. Eram pessoas com alguma experiência em formação de adolescentes e jovens, mas em sessões presenciais. Por este motivo, a sua opinião sobre esta “aventura” era fundamental. Pretendemos inquirir sobre a relevância do blogue no processo de educação dos jovens: até que ponto se pode considerar esta tecnologia como um complemento útil, e uma mais-valia, para a formação dos jovens, capaz de otimizar as sessões presenciais.

7. Recolha e análise dos dados

Como já referimos, foram feitos vários questionários com o objectivo de aferir a literacia nas competências em tecnologias e na sua aplicação à aprendizagem.

Vamos agora apresentar os resultados apurados.

Em relação ao “Inquérito um”, com o objectivo geral de conhecer a literacia informática das várias faixas etárias que frequentam encontros no âmbito da educação para os valores, obtivemos os seguintes resultados (Anexo G):

Total de inquiridos: oitenta, sendo 37.5% com idade compreendida entre os 6 e os 8 anos; 27.5% entre os 9 e os 11 anos; e os restantes 35% entre os 12 e os 14 anos. A maioria dos inquiridos frequenta a Escola Pública: 66.3%. Na escola, apenas 27.5% utiliza computadores. 67.5% afirma ter computador pessoal em casa.

Na pergunta seguinte, pretendíamos conhecer melhor o leque de utilizações que o público-alvo faz do computador, visto que ninguém o utiliza para uma única finalidade. Tendo em conta este objectivo, optámos por uma questão aberta. Nesse sentido, a leitura correcta das percentagens diz respeito a cada utilização do computador em concreto, e não tanto em relação ao somatório geral das percentagens das diferentes categorias, que ultrapassa os 100%. Esta situação voltará a acontecer em outras questões; pelo que, a ocorrer, daremos conta de que se trata de uma pergunta aberta. Assim, os dados recolhidos informa-nos que a utilização do computador é quase reservada para os aspectos lúdicos, com 58.8% para jogar, 40% para navegar na internet, 50% para ouvir música, enquanto 32.5% utiliza o computador para os trabalhos de casa e 13.8 % para ajudar nos estudos.

Se a grande maioria tem computador em casa, o mesmo já não se pode dizer da pergunta aberta sobre o acesso à Internet: 47.5% não tem acesso; 21.3% diz que tem acesso apenas na escola; 33.8% afirma ter Internet em casa.

Qual a utilização desta ferramenta? As respostas, a mais esta questão aberta, dizem-nos que 30% a utilizam para fazer pesquisas, seguindo-se logo os jogos, com uma percentagem de 27.5%; quanto a um aproveitamento académico, temos os seguintes resultados: para tirar dúvidas da matéria e ajudar nos trabalhos de casa, 8.8 %. Sobre a utilização do e-mail, 75 % diz não utilizar.

Sobre os blogues, elaborámos algumas questões que obtiveram os seguintes resultados: 65% nunca ouviu falar; 72.5% não sabe do que se trata; 81% nunca visitou um

blogue; e os que visitaram fizeram-no a blogues pessoais: 13.8%. Quanto à inserção de algum comentário, apenas 6.3 % fizeram algum, contra 86.3% que nunca fez qualquer comentário.

À pergunta sobre o que mais os cativa nos blogues, os filmes reúnem um maior consenso: 26.3%. Quanto a ser autor de algum blogue, 2.5% é detentor deste serviço.

Qual a opinião que os inquiridos fazem sobre a utilidade desta ferramenta da Web? 65% não tem opinião; 8.8% afirma serem interessantes; 2.5% não reconhece qualquer interesse; 23.8% não deu qualquer resposta à pergunta.

Também quisemos saber a utilização educativa que os docentes e os formadores em educação para os valores (catequistas) dão às TIC. A grande maioria dos professores não recorre à utilização das TIC na sala de aula: 68.8 % não se socorre destes instrumentos contra 31.3% que os integram na aprendizagem. Os professores também não costumam fazer trabalhos e estudos que impliquem a utilização das TIC: 61.3%.

À pergunta se os alunos consideram que a utilização do computador, nas salas de aula, traria vantagens e os ajudaria, 75 % diz que sim.

O mesmo panorama se aplica aos professores de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC): 80% nunca utilizou as TIC no apoio às aulas específicas da educação para os valores, contra 3.8% que o faz regularmente; 2.5% socorre-se deste instrumento algumas vezes.

Na catequese, os resultados são muito idênticos, notando-se uma ligeira diferença: 45% nunca utiliza, 2.5% com frequência, e 48.8% esporadicamente.

Os inquiridos manifestaram desejo de que a integração das TIC no contexto educativo fosse uma realidade mais frequente (73.8%), por considerarem que isso tornaria as aulas mais motivadoras (73.8%).

Em relação aos encontros de catequese, a resposta é muito similar: 86.3% gostava da integração do computador nas sessões. Desta forma, os encontros seriam mais motivadores (45%), ajudariam a compreender melhor (27.5%) e facilitariam a concentração (10%), segundo as respostas apuradas.

Sobre a utilização dos blogues no contexto da catequese, 57.5% não sabe o que responder; 32.5% considera uma boa ideia; 10% não concorda com a ideia.

Depois de analisado este inquérito, sem a pretensão de ser o dono da verdade, e com a relatividade com que estas respostas devem ser avaliadas e o contexto sociocultural em que o inquérito foi realizado, retiramos as seguintes ideias:

1. As nossas crianças e adolescentes estão bastante familiarizados com os computadores.

2. O acesso à Internet ainda não é muito fácil.
3. Os computadores e a Internet ainda são pouco rentabilizados em contexto e para fins educativos.
4. Sobre as ferramentas da Web que possam ser integradas no contexto educativo, como por exemplo os blogues, ainda existe muito desconhecimento da sua existência e interesse.
5. Os professores e formadores, no âmbito da educação para os valores, ainda não integraram as TIC no contexto educativo.

Efectuamos um inquérito aos jovens que manifestaram interesse em participar no estudo de caso, em que integrámos um blogue para auxiliar e completar os encontros presenciais da educação para os valores. Os resultados obtidos no “Inquérito dois” (Anexo H) são os seguintes:

Das vinte e cinco pessoas inquiridas, com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, 92% tem computador pessoal em casa. Neste questionário, utilizámos as perguntas abertas, e fazemos a mesma referência que no “Questionário um” salientamos. Depois destas considerações prévias, os dados recolhidos sobre a utilização do computador dizem-nos que, prioritariamente, as preferências vão para o aspecto lúdico: 92% para ouvir música, 72% para ver filmes, 68% para jogar.

Em relação à sua utilização pedagógica, pergunta aberta, recolhemos os seguintes dados: 56% socorre-se deste meio para ajudar nos trabalhos de casa e 36% para estudar. Na ferramenta de comunicação síncrona, como o Messenger, a percentagem de utilizadores é de 44%.

Quanto à utilização que os inquiridos fazem dos computadores, igualmente uma pergunta aberta, as respostas distribuem-se da seguinte forma: teclar (conversar) com os amigos, 76%; 16% utiliza esta ferramenta para tirar dúvidas; igual número gosta de desabafar os seus problemas por este meio; 12% tecla (conversa) com os professores.

Todos os inquiridos tiveram algum tipo de formação em TIC e a maioria frequentou aulas de TIC, na escola (84%).

Nas próximas três perguntas, sobre a utilização e os hábitos da *Internet*, e a utilização do *e-mail*, optamos novamente por socorrer-nos das perguntas abertas, tentando obter uma resposta mais abrangente e completa possível. Em relação às utilizações da *Internet*: 60% navega pelo mundo da Web; 12% não tem qualquer tipo de acesso à rede; enquanto 48% tem acesso na escola e 28% em casa.

Em relação aos hábitos de navegação na *Internet*: 68% gosta de procurar imagens; segue-se as pesquisas para as aulas, com 64%; 56% gosta de jogar; 48% utiliza-a como meio para ajudar nos trabalhos de casa; a mesma percentagem costuma visitar o *site youtube*, como podemos verificar no gráfico que se segue.

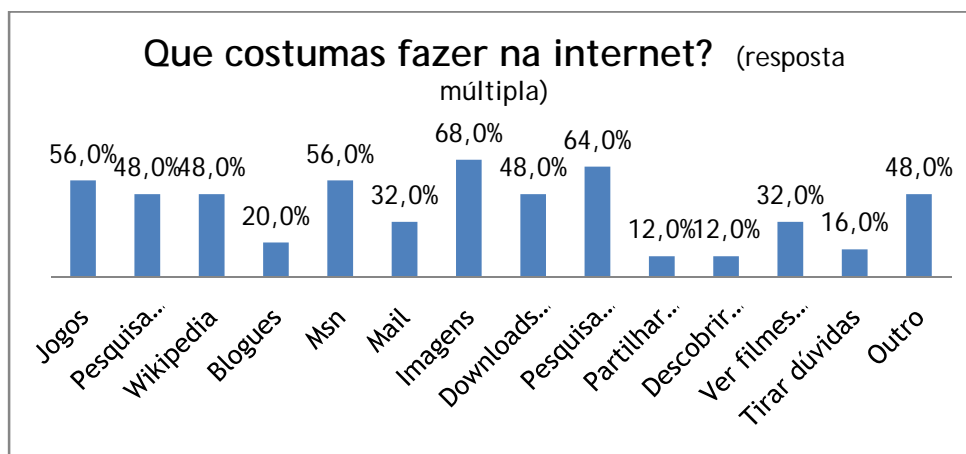


Gráfico 1: utilização da *internet*

Sobre a utilização do *e-mail*, a grande percentagem, 72%, faz troca de correspondência com os amigos, 48% com os colegas de escola e 28% com os professores.

Entrando no mundo da Web 2.0, os inquiridos já ouviram falar de blogues, mas a maioria nunca efectuou qualquer comentário: 68%. Os blogues de eleição são os que estão relacionados com a escola, 20%, e blogues pessoais, 16%. Os temas escolhidos nas entradas dos blogues estão relacionados com os filmes, 32%. Apenas 4% elegeu o texto simples como uma das preferências. Estes dados podem ser vistos no gráfico representativo das preferências dos "*post*". Consideramos esta questão importante, porque nos permite conhecer as entradas que surtirão, à partida, maior aceitação por parte do público-alvo, atingindo, mais facilmente, os nossos objectivos.

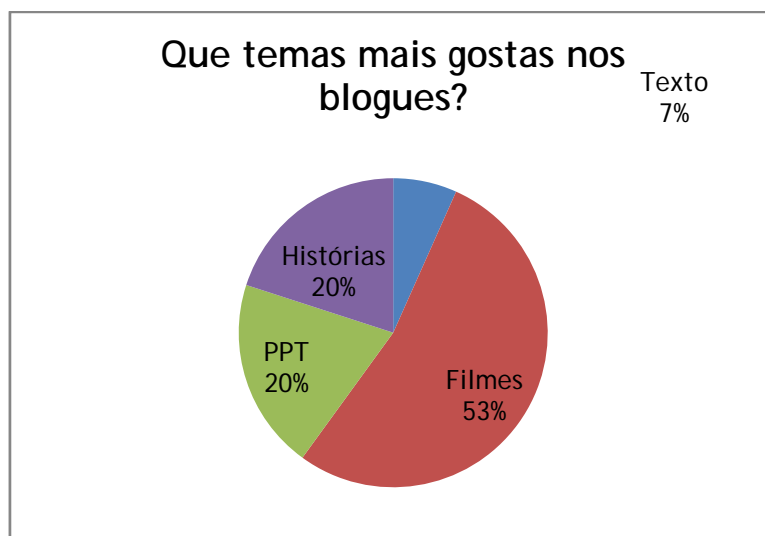


Gráfico 2: preferências nos blogues

Os jovens inquiridos, embora estejam familiarizados com a existência dos blogues, desconhecem as diversas tecnologias que lhe estão associadas. A maioria desconhece o que sejam *feeds*, 72%; e 6 % não sabem o que são ferramentas de agregação.

Estes dados são interessantes para o nosso estudo de caso, porque nos fornecem uma explicação para a dificuldade dos visitantes poderem acompanhar a evolução de um blogue. Este é um elemento primordial para se criar interacção, através dos comentários que se podem fazer, criando-se um debate de ideias e experiências entre os vários comentadores. Se o visitante, não tiver um serviço de agregação de *feeds*, não saberá da existência de comentários aos artigos, sobretudo dos mais antigos. Desta forma, não criará interacção, podendo conduzir ao desinteresse, ou a limitar-se a ler as entradas.

Fizemos algumas perguntas sobre a forma como os jovens inquiridos se comportariam, tendo as TIC como meio de comunicação com o mundo e os colegas. A maioria, 84 %, reconhece que a sua opinião é pertinente e pode interessar a outras pessoas. Também é verdade que os trabalhos produzidos com o objectivo final de serem publicados na Internet seriam efectuados com mais esmero: 88% diz que prestaria mais cuidado na produção desses trabalhos, conforme o gráfico nos apresenta.



Gráfico 3: mais cuidados para publicação

Neste campo, a Internet tem um papel essencial na qualidade dos trabalhos dos alunos, solidificando igualmente a sua auto-estima, visto reconhecerem a validade das suas ideias.

No campo académico, os alunos são obrigados a participar nas aulas. A força persuasiva das disciplinas curriculares é grande. No universo da educação para os valores as coisas podem adquirir proporções diferentes. Qual a ideia que os jovens fazem sobre a importância deste tipo de formação?

A totalidade dos jovens inquiridos reconhece o valor das aulas onde se desenvolvem as competências pessoais e sociais. Quanto à participação, 94% diz frequentar as aulas porque gosta, e apenas 4% não as frequenta. Os motivos residem nestes aspectos: ajudam e preparam para a vida, 68%; abordam-se assuntos da actualidade, podendo estabelecer-se debates sobre os conteúdos, discutindo as diferentes perspectivas, 64%; são uma mais-valia porque ajudam na resolução de problemas e conflitos, configurando uma preparação para enfrentar a vida, 60%; ajudam a não pensarmos apenas em nós mesmos e nas nossas ideias, mas a desenvolver as nossas competências sociais, pensando nos outros, 56%; em relação à aprendizagem colaborativa, 52% diz ser importante. Esta questão, embora não fosse aberta, os inquiridos responderam como tal. Nesse sentido, as percentagens apresentadas devem ser interpretadas tendo em conta as diferentes categorias, individualmente.

Com a finalidade de aferir se os jovens têm complexos em participar oralmente nas aulas, colocando os seus problemas, a totalidade dos inquiridos diz que o faz naturalmente. No entanto, se não tivessem de “dar a cara”, assumindo publicamente as

suas ideias e anseios, 48% reconhece que participaria mais, contra 44% que afirma que essa situação não alteraria as suas competências; 8% não sabe o que faria. Esta situação levar-nos-ia a estudar a *Web 2.0* numa perspectiva de ajudar a desenvolver competências de auto-estima, de desenvolvimento pessoal e social.

Quisemos aferir a opinião que os jovens têm sobre os encontros de catequese: 72% consideram-nos motivadores, e 4% maçadores. Com o objectivo de auscultar a forma como os jovens gostariam de ver desenvolvidos os encontros presenciais, elaboramos uma pergunta aberta, e chegamos aos seguintes dados: 72% prefere a inclusão da multimédia no desenvolvimento dos temas, tais como filmes e apresentações; 68% elegeu os trabalhos de grupo como elemento motivador; uma maior participação dos elementos do grupo, foi a escolha de 56%; sobre um trabalho de pesquisa, de auto-descoberta, temos uma percentagem de 52%.

Inquirimos também os jovens sobre a opinião que fazem sobre a integração das TIC na educação para os valores. A totalidade reconhece que existem vantagens em integrar e rentabilizar as tecnologias na sua formação. Os motivos para essa opinião, também de resposta múltipla, traduzem-se nos seguintes dados recolhidos, e que o gráfico representa: 64% consideram que os encontros serão mais motivadores; 60% reconhecem que seriam mais atractivos; 48% assumem que se aprenderia melhor com a inclusão desses meios tecnológicos; 24% diz que isso ajudaria a passar o tempo.

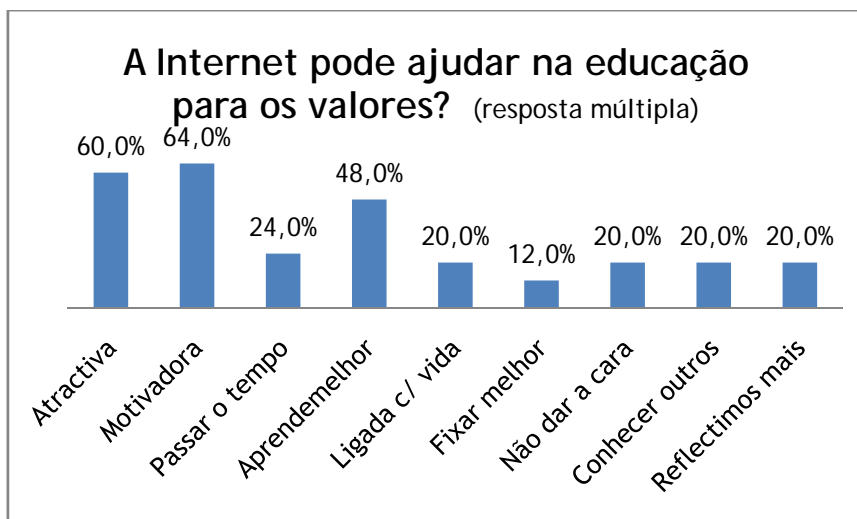


Gráfico 4: *internet* na educação para os valores

Dos dados recolhidos, podemos retirar as seguintes ilações:

1. A maioria dos jovens inquiridos está muito familiarizada com os computadores: são proprietários, e têm o mínimo de formação.
2. Utilizam bastante o computador e a Internet para fazerem pesquisas no âmbito das disciplinas escolares.
3. Uma boa parte tem acesso à Internet na escola. Apenas uma pequena minoria possui ligação à rede *Web* em casa.
4. Os jovens já ouviram falar de blogues, mas possuem pouco conhecimento sobre a gestão dos mesmos, nomeadamente no que diz respeito a *feeds* e a ferramentas de agregação. A falta deste tipo de conhecimentos dificulta o acompanhamento dos debates, em género de comentários, provocados por uma entrada.
5. Os jovens consideram as suas opiniões como válidas para terceiros. Presencialmente, parecem não ter vergonha de expor os seus argumentos.
6. A necessidade de elaborar trabalhos para publicar na Internet é uma força motivadora para o aprimorar dos mesmos, tendo os jovens muito mais cuidados na produção de conteúdos que poderão ser visto por muitas pessoas através da rede *Web*.
7. Das respostas dadas, parece-nos que os jovens ainda têm pouco espírito de aprendizagem colaborativa. O aprender com os outros, partilhar conhecimentos e experiências não parece ser um elemento significativo no seu processo de aprendizagem.
8. Os jovens estão abertos à integração das TIC em contexto educativo, aplicando-se o mesmo interesse no campo dos valores. Consideram que esta integração torna a aprendizagem mais significativa e motivadora.

Nos blogues “partilhar” e “conviveronline”, por meio de serviços disponíveis na Internet, foram colocados alguns inquéritos, *on-line*, com o intuito de auscultar os conhecimentos e intuições do público, em geral, que visitava estes dois blogues.

Na primeira questão, desejávamos conhecer a opinião dos visitantes do blogue “Partilhar” sobre a utilização da referida ferramenta na educação para os valores, em relação ao método tradicional, exclusivamente presencial. A pergunta era a seguinte: “A utilização do blogue é mais motivadora para falar de valores, do que o método tradicional (catequese e EMRC, por exemplo)?”. Obtivemos quarenta e nove respostas distribuídas da seguinte forma: muito motivador: 39%; motivador: 45%; pouco motivador: 4%; igual: 8%; nada motivador: 4%.

Outro inquérito, também disponibilizado da mesma forma, que denominamos “Inquérito 1”, perguntávamos aos visitantes do blogue “Partilhar” se este ajudara na forma de ver e pensar alguns temas abordados. Quisemos constatar se as reflexões propostas no blogue e os diversos comentários influenciaram o pensamento prévio. A pergunta feita: “Este blogue ajudou na minha forma de ver e pensar alguns assuntos aqui abordados?”. Obtivemos onze respostas em que 45% afirmou que influenciou muito; 55% reconhece que influenciou alguma coisa.

Fizemos, ainda, outro para aferir a forma como os visitantes dos blogues acompanham a sua evolução. Quisemos saber se conhecem e utilizam algum serviço de agregação de fontes. A pergunta que formulamos: “Para saber as novidades no Partilhar ou no conviveronline, utiliza algum serviço de agregação de fontes, com, por exemplo, o *netvibes*?”.

Obtivemos vinte e nove respostas, em que a maioria das pessoas, 66%, respondeu que a única forma de saber as novidades dos blogues era acedendo directamente, dispensando, talvez por desconhecimento, os serviços de agregação. Apenas 34% utilizam essa ferramenta.

Sem este serviço, torna-se difícil acompanhar os diversos comentários em entradas mais antigas. Dessa forma, é muito complicado criar interacção entre os diversos comentadores. Outro inconveniente reside no facto de os visitantes se obrigarem a ir diariamente ao blogue para conhecer as novidades. Caso não as encontre, pode sentir-se desmotivado. Se a visita não é tão assídua, muita coisa se pode perder.

Para minimizar esta situação, resolvemos disponibilizar alguns documentos explicativos sobre este assunto. Outra estratégia passou por colocar, nos próprios blogues, um *widget* como os últimos comentários. Pelas reacções dos jovens, esta solução parece ter agradado aos visitantes. No início, apenas tínhamos disponibilizado três *links* para os comentários. Foi-nos solicitada a possibilidade de aumentarmos o número de ligações, o que foi feito.

No *terminus* do estudo de caso realizámos um “Inquérito de avaliação do blogue” (Anexo I) para os jovens que participaram no blogue “conviveronline”. Quisemos avaliar o desempenho pessoal dos jovens, sentimentos que despertaram, competências desenvolvidas.

Obtivemos quinze respostas a esta inquirição.

Através das respostas, podemos confirmar a nossa intuição relativa à periodicidade das visitas ao blogue: pouca frequência nas visitas, o que se traduz num reduzido

número de interações. Nenhum jovem acedia diariamente ao blogue; 6.7 % visitava-o entre três a quatro vezes por semana; 46.7%, uma a duas vezes; 46.7% nunca visitou o blogue, ou apenas o fez uma ou outra vez por curiosidade.

Quisemos saber as razões destes dados. A maioria considerou que o “conviveronline” tinha interesse, 60%; 20% afirmou não ter acesso à Internet; 20% não se interessou por esta forma de trabalhar.

Desde o início deste estudo de caso, os jovens foram informados que poderiam fazer a experiência de serem gestores do blogue, uma vez que não pretendíamos que fosse exclusivamente gerido pelos formadores, mas que seria interessante a colaboração de todos os elementos. Cada um poderia propor trabalhos, ideias, sugestões, descobertas, publicando entradas que os formadores e colegas poderiam comentar. Apenas 20% dos jovens publicou alguma entrada; 80% nunca o fez. As razões para esta percentagem negativa estão representadas nestes dados, que também representamos em gráfico: a 26.7% não apeteceu; 20% não tinha Internet; 26.7% não sabia como o fazer; os restantes não responderam, em virtude de esta pergunta ser apenas para os que responderam não à anterior.

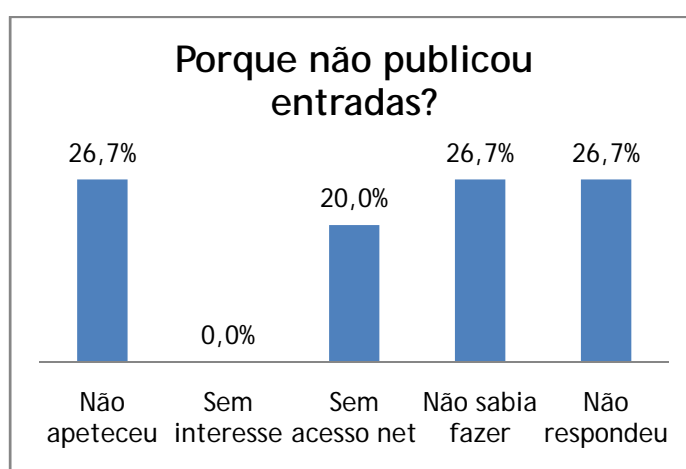


Gráfico 5: ausências de entradas

Como falámos anteriormente, o desconhecimento sobre a tecnologia de *feeds* e agregação pode dificultar a visualização das entradas, obrigando a irem sempre ao próprio blogue. Por isso, perguntámos sobre a forma como tomavam conhecimento das “novidades”: 66.7% não utilizou um serviço de agregação, o *Netvibes*. Este site foi o seleccionado para a formação inicial dos jovens. 33.3% recorreu a este serviço. Mais uma vez, quisemos conhecer o motivo desta atitude: não sabia como fazer o registo,

26.7%; desconhecimento desta tecnologia, 20%; falta de acesso à Internet, 13.3%; falta de interesse, 6.7%; 33.3% não deu qualquer resposta.

Alguns destes dados são para nós estranhos, pois foram feitos alguns encontros de preparação técnica, e produzidos e publicados três documentos de apoio, onde constavam todos os passos a serem dados, com imagens ilustrativas (Anexos A, B, C). Quisemos, então, saber a sua opinião acerca dos respectivos ficheiros. 53.3% reconhece que foram úteis; 33.3% foi a percentagem dos que não os leram; 13.3% não entendeu o conteúdo.

Será que o blogue teve alguma utilidade para os inquiridos?

Muito útil, foi a escolha de 20% dos jovens; 66.7% considerou-o útil; 6.7% inútil; e a mesma percentagem não deu resposta.

Num estilo de aprendizagem colaborativa, onde todos aprendemos com todos e, através de diferentes abordagens, podemos ir traçando novos caminhos para o nosso pensamento e visão, e sendo o blogue de cariz educativo, considerámos pertinente saber se isso aconteceu efectivamente. 33.3% afirmou que houve alteração na forma de ver alguns assuntos, enquanto 60% não viu o seu ponto de vista alterar-se pela partilha criada por meio do blogue; 6.7% não respondeu.

O “conviveronline” não pretendia ser um diário pessoal, onde se poderiam registar experiências pessoais. Um dos objectivos basilares foi estudar a possível interacção entre os jovens, tendo esta ferramenta como suporte. Esta interacção é feita, sobretudo, com os comentários às diversas entradas publicadas. A ausência dessa interacção pode denotar alguma vergonha, falta de capacidade de argumentação, aprendizagem silenciosa e individual, como pode querer traduzir desinteresse e ausência de visitas. 53.3% afirma ter feito algum comentário, contra 46.7% que passou ao lado desta cooperação.

Os motivos da sua ausência podem traduzir-se nos seguintes dados, também expressos em gráfico: 20% queixa-se da impossibilidade de acesso à rede Web; 13.3% disse não saber o que responder; 6.7% para os que nada tinham a dizer; e o mesmo valor para aqueles que acharam que o facto de repetir a mesma ideia lhes impossibilitou a inserção dos seus pontos de vista.

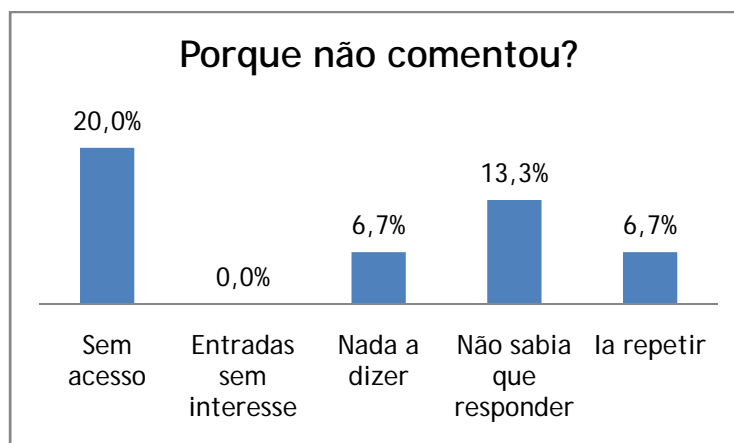


Gráfico 6: ausência de comentários

Que tipo de reacção tiveram os jovens ao fazer os seus comentários? Como se sentiram? Os que estiveram à vontade atingiram 46.7%; 13.3% sentiram-se pouco à vontade; e 40% foi a margem daqueles que não deram qualquer tipo de resposta.

Será que o nosso público-alvo reconheceu que os blogues podem potenciar o enriquecimento pessoal com a partilha colectiva de conhecimentos e experiências? Fizemos a seguinte afirmação: No blogue partilhamos, aprendemos, opinamos. 80% concorda com esta afirmação; 20% concorda parcialmente.

Quando sentimos as coisas como nossas, e que dependem de nós para se manterem e crescerem, poderemos sentir-nos mais motivados. Esse foi mais um dos objectivos a que nos propusemos. Efectivamente, todos os inquiridos tinham consciência de que o “conviveronline” não era só para eles, mas era deles.

Esta primeira experiência na utilização de blogues num contexto de aprendizagem por parte do nosso público-alvo foi considerada desafiante por 53.3% dos respondentes; 40% diz que nem foi nem desafiante nem aborrecida; e 6.7% não teceu qualquer comentário.

Quisemos aferir se esta ferramenta, em contexto de educação para os valores, deve continuar a existir, podendo até alargar o seu campo de acção a outros níveis. Foram unânimes ao afirmar que o blogue deve continuar a existir.

Os dados recolhidos não nos permitem absolutizar conclusões, pois não constituem uma amostra significativa nem representativa do universo juvenil. Mas, dentro de um quadro limitativo, confere-nos alguns dados que nos ajudarão a pensar, com algum conhecimento de causa, no aproveitamento dos *weblogues* num contexto de educação para os valores. Sobre este assunto, falaremos mais à frente.

Tendo presente o que terminámos de salientar, pretendemos apresentar algumas conclusões que nos ajudem a sistematizar os dados recolhidos.

1. A primeira grande conclusão é que se torna bastante difícil motivar os jovens para a necessidade da educação para os valores. Reconhecem a sua utilidade e pertinência, mas é capaz de lhes faltar competência no âmbito da auto-motivação e cooperação. Por tudo o que já estudámos, a formação a distância, nem que seja complementar, exige essas capacidades.

Em contexto escolar, provavelmente, existiria outra força persuasiva para o aproveitamento dos *weblogues* na aprendizagem. Os nossos alunos ainda crescem afinados pelo diapasão quantitativo. Por outras palavras, como as outras disciplinas têm notas e dão para ficarem retidos, há que socorrer-se de todos os meios que ajudem. E mesmo assim, podemos constatar a desmotivação que existe para a aprendizagem nas nossas escolas, assim como a taxa de insucesso.

No ambiente em que desenvolvemos o nosso estudo de caso, a maior força motriz residia na capacidade de cada elemento se interessar e auto-motivar. É neste sentido que analisamos o desinteresse da grande maioria. Pelos dados recolhidos, assumem que não participaram porque “não apeteceu”, embora tenham considerado o blogue útil.

2. Os jovens estão conscientes das potencialidades, também em contexto educativo, dos blogues. Consideram-nos um instrumento útil e interessante.

3. Apesar de reconhecerem que não têm grandes dificuldades em assumirem as suas ideias, e se sentirem à vontade para comentar, ficam tolhidos quando chega a hora de o fazer. Julgam que a repetição de ideias não traz nenhuma mais-valia ao debate.

4. Reconhecemos alguma dificuldade em aprofundar os conhecimentos, esgotando o poder de argumentação muito rapidamente. Os temas propostos a debate, qualquer que tenha sido o formato publicado (filme, imagem, história, texto, dilema), ficam-se pela superfície.

5. Os jovens reconhecem que o facto de publicarem os seus trabalhos na Internet os leva a um maior esmero na sua produção e apresentação. Este facto ajuda-nos a reconhecer as potencialidades educativas, em contexto de aprendizagem, dos blogues.

6. Apenas uma minoria dos elementos participou assiduamente na qualidade de gestor e comentador do blogue.

7. A percentagem dos que afirmaram que o blogue teve influência no seu crescimento pessoal corresponde ao grupo que referimos no número anterior. Daí concluirmos que, quanto maior o empenho, mais resultados se verão.

8. Os problemas de acesso à Internet dificultaram, ou impossibilitaram, um maior empenho no blogue.

9. A criação do blogue, apesar da pouca participação, foi considerada uma experiência desafiante.

8. Estratégia utilizada na educação para os valores

Quando encetámos os esforços para concretizar o programa formativo centrado nos valores, apoiando-nos nas tecnologias da informação e comunicação, interrogámo-nos sobre qual seria a melhor metodologia a utilizar. Poderíamos socorrer-nos de alguns programas formativos pré-elaborados. Mas estes não contemplavam a formação a distância, apresentado uma estrutura rígida e pouco centrada no aluno. Optámos por deixar o desenvolvimento temático ao livre arbítrio dos jovens. Na faixa etária em que o nosso público-alvo se encontra, antecedida por uma caminhada de dez anos de formação programada, obrigatória e exclusivamente presencial, achámos por bem deixar que os encontros formativos decorressem um pouco ao sabor das necessidades vivenciais dos grupos. Pretendemos responsabilizá-los pela sua própria caminhada formativa, em ordem à consolidação da sua identidade. Era nosso desejo que os jovens questionassem todos os conhecimentos adquiridos, os confrontassem com as experiências vividas, e estabelecessem o seu próprio percurso de formação permanente e de partilha colaborativa. Efectivamente, acreditamos que “a partilha destes recursos e interpretações com outros alunos e com os seus professores produzirá um contexto de experiências ricas e estimulantes, propiciando a criação de ambientes onde se aprende colaborativamente” (Correia, 1999:242). E toda a aprendizagem caracterizada pela flexibilidade e pela colaboração torna-se muito mais significativa para os aprendentes.

Apoiámo-nos na opinião de Paul Lengrand (1978, citado por Ferreira, 1994:31) segundo o qual o que importa não é ensinar matérias, mas fornecer instrumentos e condições que possam favorecer o crescimento do saber de uma forma progressiva através dos acontecimentos reais e vivenciados pelos sujeitos. O lugar privilegiado para essa construção do conhecimento e dos valores é o aqui e o agora de cada pessoa, que difere de caso para caso.

Todas as iniciativas foram uma experiência na tentativa de aplicar as diferentes estratégias estudadas e desenvolvidas pelos autores que estudámos, num contexto de formação a distância com recurso às ferramentas consideradas da Web 2.0. A finalidade de descobrir qual a metodologia preferida pelos jovens para uma conveniente educação, no âmbito dos valores, conduziu-nos a uma pedagogia um pouco eclética.

Fomos lançando os temas a debate com recurso a diversas estratégias: dilemas, narrações, multimédia. A interacção que surgiu, ou a falta dela, condicionou o desenvolvimento temático. Conforme o tipo de comentários, ou a falta deles, fomos alterando as estratégias e temas de reflexão. Não era nossa intenção optar por inculcar uma escala de valores pré-estabelecida pelos formadores. Esta forma de agir teve como objectivo ajudar os jovens a serem eles mesmos os actores principais do seu próprio desenvolvimento. Adoptámos a postura de facilitadores da formação e não de transmissores de conhecimentos. Afastámo-nos da tentação cómoda do pensamento convergente, que transforma os indivíduos em depósitos de conhecimentos adquiridos por encaixe, e potenciámos a reflexão crítica e colaborativa dos jovens.

Estudámos diversos autores, que dedicaram os seus estudos à educação para os valores: Kohlberg, Rath e Cabanas. Também fizemos referência a outro pedagogo, Rogers. De uma forma consciente, não optámos por seguir nenhuma teoria em concreto. O nosso objectivo não era provar qual a melhor estratégia elaborada por alguém, mas a da aplicação das tecnologias na aprendizagem. Esta abordagem não foi contemplada pelos autores estudados. Num espírito humanista, e dentro de uma perspectiva sistémica, em que procurámos prestar atenção a todas as dimensões do ser humano, adoptámos uma atitude eclética, isto é, aproveitámos as diferentes estratégias estudadas pelos diversos autores, não nos limitando à rigidez dos estudos que lhes servem de base teórica. Acreditamos nas potencialidades das metodologias adoptadas pelos referidos autores, embora não nos identifiquemos com o princípio fundamentador das teorias que servem de suporte às estratégias.

Defendemos a construção crítica dos valores e a aplicação de estratégias capazes de ajudarem a reflectir de uma forma livre e autónoma. Efectivamente, o conhecimento “exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o acto mesmo de conhecer” (Freire, 1977:27). Por isso mesmo, não devemos pensar sobre o aprendente, substituindo-o; desta forma, estaremos a domestica-lo, invadindo e manipulando. Numa perspectiva de humanismo verdadeiro, desejamos alimentar o espírito do diálogo, pensando com o aprendente. Aquele que é enchido de conteúdos, não aprende.

Na metodologia que adoptámos, inspirámo-nos um pouco nos dilemas de Kohlberg. Reconhecemos nesta estratégia uma forte capacidade de reflexão individual dos sujeitos, de modo a aprofundarem os seus valores e a tomada de opção consciente e autónoma.

Reconhecemos o princípio de que o conhecimento se constrói a partir da interacção do sujeito com o meio que o rodeia. O formando aprende na problematização crítica de situações concretas. Desta forma, lançando um dilema no blogue, estamos a criar as condições para que os sujeitos façam a sua reflexão, tomem consciência dos pressupostos valorativos presentes nas suas opções, e aprofundem os seus conhecimentos e experiências em interacção com outros sujeitos que comentem o “*post*”.

O dilema é desenvolvido em outros artigos com o objectivo de derrubar as defesas provocadas pelas “certezas absolutas” de muitas tomadas de posição. Vamos, assim, ao encontro do pensamento de Rogers (1985), segundo o qual, abandonando a nossa própria atitude de defesa, aprendemos melhor. Efectivamente, criando condições para o desenvolvimento do espírito crítico, não só em relação à informação recolhida do exterior, mas também quanto ao seu próprio crescimento, o indivíduo desenvolverá, de uma forma mais sólida e coerente, a formação do seu carácter e a da sua identidade própria. Desta forma, quisemos que os jovens aprendessem por eles mesmos. O nosso papel de formador tinha como objectivo orientar a reflexão, provocando a discussão dos temas, aprofundando as argumentações.

Afastámo-nos, no entanto, da rigidez dos estádios morais propostos por Kohlberg; também não nos identificamos com a ênfase dada ao raciocínio dos alunos no processo da construção dos valores, sem se preocupar com a acção, conduta, sentimentos e o desenvolvimento do carácter. Por esta razão, abtemo-nos de fazer qualquer análise aos comentários no sentido de os encaixar nos referidos estádios.

Inspirámo-nos na teoria de Cabanas, que defende a educação integral da pessoa no seu todo, isto é, na sua dimensão cognitiva, volitiva e sensitiva. Este autor faz a apologia de que os valores são captados, reflectidos, interiorizados e concretizados com recursos à inteligência, à vontade e aos sentimentos.

Não se pode dividir a pessoa em compartimentos estanques, sem qualquer tipo de ligação entre os diferentes sectores da vida dos sujeitos. Esta forma de pensar e educar pode conduzir a um crescimento desajustado e pouco ou nada equilibrado da identidade da pessoa.

Cabanas é sensível a esta realidade. Por isso, recomenda que se utilize as narrativas morais, lidas e discutidas, como estratégia capaz de desenvolver as competências que englobem a pessoa no seu todo. Nesse sentido, colocámos alguns artigos com textos capazes de provocar reacções e discussões, por apelarem à cognição e ao despertar de emoções. Aliás, nos comentários que foram publicados nos artigos dedicados aos

dilemas morais, os jovens justificaram muito as suas opções com argumentos mais na ordem da emoção do que da razão.

Dentro do espírito humanista de Cabanas, quisemos ver até que ponto os recursos multimédia seriam uma mais-valia na educação para os valores. Estes conteúdos apelam à razão e à emoção dos jovens. Com recurso à imagem, ao som e ao conteúdo dos textos, pretendemos ajudar os indivíduos a reflectirem utilizando ao máximo as diferentes formas de percepção da realidade. Apelando à emoção, podem ajudar a galvanizar a consciência racional dos valores. Pela sua natureza dinâmica, podem cativar a atenção dos indivíduos, conduzindo ao aprofundamento temático.

Os conteúdos multimédia são os mais eficazes para a percepção e reflexão de novos conhecimentos, ou de diferentes formas de os entender. Esta situação resulta do facto de estes recursos estimularem mais os sentidos do que os tradicionais, o texto simplesmente. Quantos mais sentidos estiverem envolvidos no processo de aprendizagem, ou de construção de conhecimento, maior a capacidade de processamento e armazenamento da informação. Segundo Márcio Matias, “o percentual de eficácia das principais médias na percepção humana é de: Visual = 55%; Vocal = 38%; Textual = 7%. Quando combinadas, as médias tendem a aumentar ainda mais essa percentagem. Isso ocorre pelo fato dos recursos multimédia serem mais parecidos com as experiências do quotidiano das pessoas. Torna cada vez mais interactivo, cada vez mais real”⁶.

Acreditando nas potencialidades dos recursos multimédia, como descrevemos, tentámos motivar os jovens para a produção dos mesmos. O resultado foi muito bom, como veremos de seguida.

⁶ Autor referenciado em artigo da wikipedia, no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Multimedia>, consultado em 16-7-2008.

9. Discussão dos resultados

Vamos agora debruçar-nos sobre os resultados obtidos com a integração do blogue “conviveronline” na formação para os valores de dois grupos de jovens que constituíram o público-alvo deste estudo de caso: “Folhas livres” e “Por amor a Deus”.

O trabalho desenvolvido e os resultados foram substancialmente distintos entre estes dois grupos. Notámos mais interesse, participação e envolvimento por parte do primeiro grupo, o “Folhas livres”. Em relação ao grupo “Por amor a Deus”, não encontrámos grande adesão quanto à participação no blogue. Este grupo não se sentiu motivado pela utilização destas tecnologias na sua formação. No primeiro artigo publicado pela animadora do grupo, “Às cavalitas de Deus”, no dia vinte de Novembro de 2007, e que falava dos possíveis projectos para o grupo, houve alguma adesão: foram feitos doze comentários, sendo alguns deles de pessoas exteriores a qualquer dos grupos. Houve mais um comentário de um dos elementos, no artigo seguinte, publicado em 25/11/2007, onde era pedido que dessem uma definição de liberdade. Depois destas intervenções, não verificámos mais nenhuma interacção no blogue por parte de qualquer dos elementos.

A animadora do grupo sempre os tentou motivar; inclusivamente, levava o computador pessoal, com ligação à Internet, para que o grupo visse os artigos e comentários, e isso despertasse algum entusiasmo. O esforço não foi recompensado com resultados significativos. Nas palavras da animadora, vemos retratada esta situação (Anexo N): “tenho imensa pena que os jovens não tenham, nem estejam a aproveitá-lo da maneira que se esperava. (...) Custa-me entender que na actualidade os jovens tenham quase tudo a este nível, e isso não suscite neles uma procura pessoal deles próprios; atrevo-me a dizer, como eles: isto ‘não é nada’, ‘não me motiva/cativa’”.

Reconhece esta animadora, ainda jovem e estudante universitária, que as limitações naturais de uma reunião presencial, “não congregava as melhores circunstâncias para eles interiorizarem cada palavra das entradas colocadas”.

Segundo alguns comentários que fomos recolhendo, alguns jovens deste grupo afirmaram que o blogue era útil, mas que eles não tinham interesse em participar em blogues. Outros afirmaram terem pouco tempo livre.

Para a animadora, o blogue constituiu uma experiência positiva, apesar da desmotivação e da dificuldade em alguns acederem à Internet. Segundo ela, o blogue tratava de assuntos da actualidade, com o objectivo “de os fazer pensar e desenvolver competências e faculdades escondidas ou por revelar, e que eles ainda não conseguiram interpretar”.

Desde o início, as animadoras foram constituídas gestoras do blogue “conviveronline”. Quanto aos elementos do grupo, demos formação para o efeito, mas deixámos à sua iniciativa a decisão sobre se queriam ser gestores ou não. Partimos sempre do princípio da liberdade consciente e da experiência de saber até que ponto se deixavam envolver por estas tecnologias. Deste grupo, “Por amor a Deus”, nenhum jovem optou por ser gestor do blogue.

Quanto à animadora, afirmou o seguinte: “Como gestora do blogue, até então, foi uma experiência única. Penso que se houvesse uma maior adesão dos jovens para gestores, talvez isso os cativasse mais, talvez isso os fizesse procurar algo para eles e para os outros, talvez isso fizesse com que abrissem o seu mundo e o horizonte de pensamento, talvez isso nos fizesse entender algumas coisas... o condicionalismo de espectadores (des)atentos, não permite, a quem gere, entender as necessidades deles; esta foi sem dúvida uma das coisas que mais senti e me levou à ‘paralisação’ na gestão”.

No entanto, a utilização desta tecnologia na educação para os valores, apesar do pouco interesse demonstrado pelo grupo, tem sempre uma mais-valia em relação aos simples encontros presenciais, que não a têm: a possibilidade de poderem sempre voltar ao blogue, em qualquer outra altura, e lerem ou relerem os artigos e comentários. Isto não aconteceria se nos limitássemos aos encontros presenciais. Para a animadora, “fica a esperança que a inexistência de comentários seja sinal de que pelo menos visitaram e interiorizaram algo que não conseguiram ou não quiseram exprimir e partilhar no ‘conviveronline’”.

Concluindo o seu testemunho, afirma o seguinte: “Parabéns pela iniciativa que é de louvar; e a luta pelos nossos jovens continua...”.

Em relação ao grupo “Folhas livres”, encontrámos um panorama distinto: mais comentários, mais gestores, maior motivação.

Um dos temas com mais interacção foi o artigo “Liberdade”, publicado a 25/11/2007, onde era pedida uma definição sobre liberdade. Foram capazes de responder, apresentando a sua opinião, tendo até em conta as respostas de outras pessoas. A título de exemplo: a C. diz: “A liberdade... Para mim, a liberdade é algo que

se vai conquistando desde o dia em que nascemos até aquele em que morremos; é algo que lutamos para conseguir; mas, no fundo, nunca conseguimos ser completamente livres...

Sou livre enquanto algo não me proibir, não me iludir, não me fizer sonhar... Por isso, vou lutar pelos meus sonhos..."

Resposta da P.: "Eu concordo com a C... mas penso que a liberdade é também sermos nós a escolher o nosso destino e futuro, escolhermos o nosso caminho... e, se por acaso, tomarmos o caminho errado, temos de ter consciência de que errámos por nossa culpa porque pensávamos ser o melhor a seguir".

Dando continuidade ao tema lançado anteriormente, e visto ter havido alguma interacção, achámos por bem continuar a aprofundar a temática. Nesse sentido, e pretendendo testar a utilização de conteúdos multimédia, resolvemos produzir e publicar um filme relacionado com o assunto. A este artigo demos o nome de "filme sobre a auto-determinação", publicado a 14/12/2007. O recurso multimédia era constituído por extractos do filme "O clube dos poetas mortos", onde colocámos algumas interrogações, a fim de provocar algum tipo de reflexão. Obtivemos uma participação ainda maior, com onze comentários.

Ao ler os comentários, podemos verificar bastante profundidade nos conteúdos expostos. Como exemplo, citamos o testemunho da Marta: "Bem, cá estou eu... Não tão cedo como desejava, mas vou deixar aqui o meu comentário... O *trailer* começa por dizer que temos de aproveitar os dias como se o que estamos a viver fosse o último dia da nossa vida, aproveitando para fazer alguma coisa de extraordinário, ou seja, *Carpe Diem*.

[Atreve-te a fazer algo de extraordinário da tua vida.] Esta é a proposta que nos é feita.

[Quando pensares conhecer algo.] [Deves vê-lo de maneira diferente.]

Devemos olhar, constantemente, as coisas de maneira diferente, para podermos ver novos pontos de vista, pois, assim, abrimos horizontes.

[E tu tens coragem de seguir o teu caminho?]

Por vezes a coragem prega-nos uma partida e não sentimos forças para seguir o nosso caminho, os nossos objectivos... mas, de repente, ela volta e sentimo-nos uns super-poderosos para agarrar o futuro com toda a força. Eu penso que é isto que acontece comigo. E sim, tenho coragem para seguir o meu caminho.

[E tu... tens coragem de mostrares o que tu és?]

Sim tenho. Cada vez penso mais que não vale a pena mostrarmos quem queremos ser, mas sim mostrarmos o que realmente somos, sem medos e sem preconceitos.

[E tu... Que pensas fazer com a tua vida?...]

Esta é uma pergunta a que é difícil responder, mas, num futuro próximo, quero tirar o meu curso e conseguir ter um emprego na minha área.

No geral quero fazer com que a minha vida seja uma vida feliz, com vícios saudáveis, ter e poder dar amor a quem precise, e viver com as pessoas que amo”.

Uma das estratégias que utilizámos foi os dilemas de Kohlberg. Reconhecemos potencialidades capazes de desenvolver competências no campo do desenvolvimento moral e comportamental. Quisemos verificar se esta estratégia seria potenciadora para os jovens se revelarem, exprimindo as duas decisões acerca de assuntos que, não estando directamente relacionados consigo, os poderiam ajudar a conhecerem-se melhor através da tomada de posição diante de conflitos. Efectivamente, a forma como argumentamos as nossas opiniões acerca de algum assunto, é reveladora dos valores que defendemos. O confronto com outras opiniões ajuda-nos a clarificar as nossas, a desenvolver o poder de argumentação e o espírito de respeito por opções diferentes das nossas.

“Você decide” foi o título dado ao artigo que continha o dilema inspirado em Kohlberg, publicado em 31/1/2008. Houve uma boa recepção a este “*post*” pelo número de comentários e pela interacção estabelecida entre eles: catorze intervenções. Este constitui o artigo com mais comentários inseridos.

Encontramos respostas de vários níveis, que dariam perfeitamente para os incluir nos estádios morais que Kohlberg estudou e desenvolveu. Mas, por opção, não quisemos classificar as pessoas dentro deste esquema, como anteriormente referimos.

Ao inserir os dilemas no blogue, tivemos como objectivo tentar que os visitantes aprofundassem os seus argumentos, desenvolvendo o raciocínio cognitivo através da criação de obstáculos, para que os indivíduos que fazem os comentários não se contentem com uma resposta simples, mas encontrem outros caminhos para problemas novos. Apresentámos um exemplo, representativo, onde desafiávamos o autor de um comentário, a ir mais longe no seu raciocínio sobre o dilema apresentado: “Olá, MI. A tua solução parece a mais fácil e lógica. Mas será que as pessoas emprestam a quem não tem com que pagar? Ele já pediu e só conseguiu metade. E agora? Que fazer?”.

Transcrevemos a resposta do MI.: “Olá, J. S. Obrigado pelo desafio, por obrigar (no bom sentido, claro) a me questionar, a não deixar que este tema fique pelo texto

inicial. Já tenho reparado, em outros temas, que o J. se limita a questionar. Também é bom que assim seja: faz-nos pensar.

Os meus parabéns pelo seu trabalho. Agora, voltando à sua questão, no texto inicial há uma referência ao movimento de solidariedade só entre pessoas conhecidas. Você sabe, eu sei, que em situações de dificuldade, normalmente, o ser humano é solidário.

Lembro-me do caso da Jo., em Santo Tirso, ou o caso do To., em Vizela. As pessoas juntaram-se, fizeram-se festas para recolha de fundos e, no de Vizela, esse movimento não se limitou à freguesia; foi mais longe, estendeu-se para fora do concelho vizelense.

As pessoas não se ficaram só em dar o dinheiro necessário, porque também não o tinham todo; elas trabalharam para o conseguir. E nestes casos, as pessoas não emprestam: dão”.

Curiosamente, ou talvez não, dos catorze comentários ao blogue, incluindo os nossos, apenas dois são dos elementos dos grupos de jovens. Os restantes são de pessoas exteriores.

Mais tarde, quando quisemos dar continuidade ao dilema, não encontrámos a mesma adesão: apenas três comentários, sendo dois do público-alvo. Por esse motivo, não voltamos ao assunto.

Nos outros artigos com que fomos espicaçando, assim como as animadoras, os jovens, não houve muitos comentários por parte do nosso público-alvo. Por esse motivo, fomos lançando alguns desafios (publicado em 22/01/2008), no sentido de auscultar a opinião que faziam acerca do blogue. Será que valeria a pena este projecto? Será que vale a pena continuar com o blogue? Será que existe alguma vantagem na sua utilização? Fomos obtendo algumas respostas, sempre dos mesmos participantes.

A M. dá-nos a sua opinião: “Para mim, penso que esta ferramenta é bastante útil; mas, por outro lado, na minha opinião, a razão porque ‘os comentários custam a sair’ deve-se ao facto de não saber escolher o tempo certo para os momentos certos... Porque, sejamos francos, quando queremos, arranjam tempo para o que é preciso... Esta é a minha opinião... Não querendo magoar ninguém...”

Do D., obtivemos o seguinte comentário: “Concordo com a M., quando ela disse que esta ferramenta é útil; e é, na minha opinião, uma forma de nos conhecermos melhor uns aos outros. Quanto ao tempo, também acho que quando queremos arranjar tempo para as coisas que gostamos, conseguimos esse tempo, e fazemos tudo por isso. Mas também penso que possa ser um pouco por vergonha ou falta de opiniões, ideias ou imaginação para construir muralhas alinhadas nestas folhas electrónicas (se é que se pode chamar assim)... acordem pessoal... partilhem... convivam connosco... olhem que

nós (principalmente eu e a M.) ficamos tristes... (vejam o anúncio da sociedade ponto verde)".

O L. C. afirma: "É isso mesmo, estou de acordo com a M. e o D. Esta é uma maneira de conviver. Para mim, acho que a maior parte dos elementos do grupo podia tentar fazer um bocadinho de esforço para participar. É uma das maneiras mais motivadoras para partilhar opiniões e ideias..."

Mais tarde, voltámos a solicitar a opinião sobre o blogue, sobre a falta de comentários, e pedíamos a opinião daqueles que aceitaram ser gestores do "conviveronline" (artigo publicado em 15/04/2008). Este "*post*" serviu como avaliação ao blogue e à opinião que as pessoas fizeram dele.

A opinião da M. vaticinou o seguinte: "Olá... Sim, sempre que possível continuarei a colocar entradas.

Penso que na minha opinião este blogue é um bom instrumento de utilização em diversos sentidos: na educação, na aquisição de novos conteúdos e na solução de vários problemas na minha vida.

A iniciativa foi muito boa, pois, como já disse, ajudou-me muito; e penso que sim, que valeu a pena e que valeu todo o esforço pela parte do Sr. Padre José Carlos e por todos aqueles que ajudaram neste blogue a dinamizar e a cativar a atenção de todas as pessoas.

Sobre a minha experiência como gestora do blogue, foi e é uma oportunidade que me deram de crescer, pois ela fez-me sentir mais responsável e mais participativa no blogue.

E por fim... Quero dar os Parabéns ao Sr. Padre José Carlos pela iniciativa e pela coragem de arriscar, mesmo sabendo que iria ter um longo caminho de esforço pela frente; por isto, mais uma vez, os meus parabéns".

Por seu turno, a F., animadora do grupo "Folhas livres", afirma: "Olá! A minha opinião sobre o blogue é a seguinte: penso que é muito útil e inovador, e que faz falta para que possamos ver certas opiniões e ideias diferentes; também podemos reflectir um pouco sobre tudo o que vemos e lemos em silêncio e, ao mesmo tempo, em união com tantas opiniões, a iniciativa é muito boa, é de louvar porque tenta evangelizar de uma maneira mais actual e motivadora.

Penso que valeu a pena: eu falo por mim; dei comigo a reflectir um pouco sobre alguns temas em que me fez bem. O que mais gostei foi de ver pessoas a partilharem suas experiências e dar suas opiniões.

Para mim, poderia ser diferente, pois se os jovens aderissem mais, veríamos mais opiniões e podíamos conhecê-los melhor um pouco; mas é sempre um começo para não paramos; vamos ter força e continuar; quem sabe se, amanhã, há muitos mais comentários e muitos mais jovens.

Força por esta iniciativa; e, agora, não podemos parar, mas, sim, cativar os jovens; e vamos em frente Parabéns... Gostei... Valeu a pena... Obrigada... Força..."

O MI., um visitante alheio aos grupos, também nos deu a sua opinião: "Parabéns Sr. Pe. José Carlos.

Desculpem a minha intromissão, mas como pessoa activa que sou, embora um bocado "fora de prazo" na idade, mas não no meu interior, aqui vai o meu comentário: Penso que os nossos jovens de hoje, com a informação de que dispõem e têm acesso, coisa que no meu tempo não havia, ainda não acordaram para o belo que é a troca de informação.

Este blogue deve e devia servir para se expor todos os tipos de problemas e dúvidas que a sociedade de hoje nos coloca. Escrever num blogue é um acto de diálogo em silêncio exterior, mas não interior.

Um Bem-haja, para tão boa iniciativa. Força Jovens".

O D. também deixou o seu comentário: "Olá! Eu acho que a ideia do blogue foi muito boa e motivadora, tendo-nos ajudado a crescer e a conhecermo-nos melhor uns aos outros, pelo menos entre quem comenta, e a "conhecermos" pessoas que nunca vimos nem ouvimos.

Tenho a dizer que valeu a pena (...); e quero agradecer ao senhor padre José Carlos a oportunidade de reflectir e de interagir, e dar-lhe os parabéns pela iniciativa bem conseguida e concretizada...

O que me deixa 'triste', é o facto de haver quem passe por cá sem deixar um pouco de si; falo, principalmente, para os meus colegas do grupo, mas também para quem gostou do nosso ponto de encontro, não tendo comentado.

Há ainda um grande trabalho pela frente, que não podemos ver como um encargo, mas como um meio de ajudar e contribuir para um mundo melhor..."

No decorrer deste projecto, fomos solicitando trabalhos aos jovens, sobretudo ao grupo "Folhas livres". Este grupo decidiu desenvolver um projecto a que deu o nome "Evangélizar pela multimédia". Foi dentro desta proposta que fomos propondo desafios, no sentido de serem eles mesmos os produtores de conteúdos multimédia relacionados com os valores.

O resultado foi muito bom. Começámos apenas com a participação da M., que publicou três artigos. Quando demos o blogue por encerrado, para efeitos de reflexão no contexto desta dissertação, surgiram mais participações.

A M. começou por partilhar um filme que tinha descoberto no *Youtube*. Obteve muita aceitação, e despertou o interesse dos colegas de grupo: houve oito comentários a este “*post*” (publicado a 25/01/2008).

Posteriormente, a 5/5/2008, a mesma jovem publicou um filme, desta feita produzido por ela. O tema era “Não esperes”. Foi um sucesso: totalizou dezasseis comentários, de incentivo e de reflexão. Apresento o comentário do D. a este filme: “É verdade... alguém disse: ‘A união faz a Força’. E é bem verdade: quantos mais enfrentarem o mal, maior bem farão; cada um, com o seu ‘jeito’, talvez consiga conquistar algo que mereça um aplauso ou apenas um sorriso de alegria... É sempre melhor quando cada um contribui com um pedaço de si, do que quando apenas se mostra um olhar sobre o mundo, um único ponto de vista. Nós somos capazes... precisamos é de acreditar, de ser mais fortes, mais resistentes... de crescer a cada dia um pouco... o mais possível... até à vista”.

Em Junho, no dia nove, também no papel de gestora, voltou a publicar um outro conteúdo multimédia com o título “Aprendi”. Mais uma vez nos deparámos com um grande número de comentários, onze. Expomos o testemunho do Ml.: “Olá, M. Mais um “bonito” trabalho. Parabéns! ‘Bonito’, no sentido da mensagem, não na forma do belo. No transmitir, de uma forma simples, o quotidiano, os nossos enganos ou as nossas virtudes.

Cada frase colocada nas imagens, leva-nos (pelo menos a mim) a pensar: - ‘...é isso mesmo que se passa’ (...). Parabéns! e continua; já estou à espera da próxima”.

Diante destas opiniões generalizadas, podemos tirar a seguinte conclusão: os artigos que despertaram mais interesse, que se verificou na quantidade e qualidade de comentários, foram os produzidos e publicados pelos elementos do próprio grupo. Outros conteúdos multimédia foram partilhados e não despertaram comentários. Com alguma certeza, podemos afirmar que os jovens têm ideias, e gostam de as partilhar, ao seu modo. Desta forma, aprendem mais, porque estão envolvidos, e não desempenham o papel de meros espectadores passivos.

Também queremos partilhar mais um acontecimento que irá justificar uma das nossas conclusões e desafios futuros: o blogue como ferramenta de integração.

No decorrer no projecto formativo, e como já anteriormente referimos, uma das jovens, pertencente ao grupo “Folhas livres”, emigrou para a Suíça. Nestas

circunstâncias, o espaço e o tempo seriam um obstáculo e quebrariam os laços de grupo que se criaram ao longo dos dez anos de formação anteriores ao projecto e a este novo desafio. O certo é que esta jovem se manteve sempre ligada ao grupo através do blogue, acompanhando a evolução do grupo, estando a par do que era feito, e motivando os outros elementos. Caso não existisse esta ferramenta, isso seria bastante mais difícil, talvez até impossível de concretizar.

A título de exemplo, apresentamos um comentário da Jo. ao *"post"* da M., publicado a 5/5/2008: "Muito bem... o filme está 5***. Eu estou orgulhosa em ti... é bom saber que não paras... fico muito contente... e ainda consigo ficar mais feliz lendo estes comentários todos em que te dão os parabéns. Dão-te força para continuares... e eu também te dou... os Parabéns... e Força... Daqui a alguns dias, estou aí para uma reunião com vocês... e para saber as novidades e ajudar no que for preciso =D Beijinhos".

No termo do projecto, também quisemos conhecer a opinião da animadora do grupo "Folhas livres" sobre esta experiência, também pioneira para ela (Anexo J). Fizemos um questionário informal, no sentido de conhecermos as suas ideias quanto ao blogue, e aos seus sentimentos em relação a esta experiência nova.

Quisemos saber se ela já tinha ouvido falar de blogues e se já tinha feito algum comentário em algum. Respondeu que já tinha ouvido falar, mas que não tinha participado em nenhum.

Sobre a experiência como gestora do blogue, afirmou tratar-se de uma responsabilidade. Referiu ainda ser uma ferramenta que facilita a comunicação entre as pessoas.

Considera que o blogue deu uma maior amplitude aos encontros presenciais.

Sobre a existência de poucos comentários, respondeu que isso se deveu a: "Alguns, por falta de acesso; outros, porque não consegui que eles ficassem motivados; e ainda alguns por desinteresse" (Anexo J).

Já que o elemento que se ausentou era do seu grupo, quisemos saber a opinião sobre o blogue, enquanto ferramenta de inclusão. Afirmou que "sim, acho muito interessante. Tivemos um caso de um elemento que foi para o estrangeiro e mesmo assim mantinha-se em contacto com o nosso blogue, participando com os seus comentários".

Em jeito de síntese:

1. Existência de poucos comentários. Os que obtivemos foram sempre das mesmas pessoas. Foram poucos os que participaram activamente. Este número teve tendência para crescer à medida que os jovens se iam familiarizando com esta ferramenta. A

título de exemplo: entre Outubro e Abril, tempo em que decorreu o projecto, foram publicados 153 comentários; de Abril a Julho, foram publicados 129, já fora do âmbito do estudo de caso.

2. Consideramos que a dificuldade de acesso à Internet dificultou uma participação mais activa. Reparamos que, com a aquisição de computadores com Internet, do programa e-escolas, mais jovens foram participando. Mesmo depois de encerrarmos o blogue, não fisicamente, mas apenas para efeitos de avaliação, mais participações foram surgindo, por iniciativa dos próprios jovens, que não o deixaram morrer. Houve dois deles que, ao aceitar o convite como gestor do “conviveronline”, criaram o seu próprio blogue (<http://rctx.wordpress.com>; <http://diogojrs14.wordpress.com>).

3. O facto de ser uma experiência pioneira para estes jovens, sobretudo no campo da educação para os valores, constituiu um obstáculo pela falta de familiaridade com estas tecnologias, de um modo especial quando aplicadas à educação. Notamos que, com o andar dos tempos, o interesse foi aumentando, como se pode verificar na continuação de publicação de conteúdos e comentários, e pelo número de pedidos de convite para a gestão do blogue: foram publicados vinte artigos, sendo doze da inteira iniciativa dos jovens; três jovens, além dos que já o tinham feito, solicitaram convite para serem co-autores do blogue. Este facto traduziu-se na publicação de algumas entradas no “conviveronline”.

4. Os jovens têm bastante dificuldade em exprimir, por escrito, as suas ideias e opiniões. Como verificamos na avaliação que fizeram ao blogue, afirmam não terem medo de o fazerem, mas limitam-se a uma participação passiva, não sabendo o que responder, com medo de repetirem as mesmas ideias, conforme o constatado no inquérito de avaliação e pelas respostas dadas no blogue “partilhar”.

5. Conseguimos a participação de várias pessoas que se envolveram e participaram no projecto, sendo elementos externos aos grupos que constituíram o nosso público-alvo. Esta “intromissão” constituiu uma mais-valia para o grupo, pelo incentivo e partilha de experiências.

6. Os artigos que mais cativaram e motivaram interesse e participação, foram os publicados pelos elementos do próprio grupo, e que apresentavam conteúdos multimédia, produzidos por eles mesmos.

Daí, termos desafiado a que o grupo “Folhas livres” elegesse, como projecto de trabalho, o lema “Evangelizar pela multimédia”. Desta forma, manteremos o grupo a trabalhar, a reflectir, a pesquisar, e a partilhar o resultado final.

Constatamos que existem pouco conteúdos multimédia relacionados com os valores. Por isso, o desafio. Desta forma, o grupo tem objectivos, continua a sua formação e contribui para a formação de outros elementos. Os formadores estão sequiosos por estes conteúdos. Notamos isso nos comentários que foram feitos na altura do desafio feito ao “Folhas livres”.

7. A experiência da gestão em co-autoria foi muito positiva. Co-responsabilizou os jovens; envolveu-os muito mais no projecto, sentindo-o como sendo deles e não apenas para eles, como podemos constatar no “Questionário de Avaliação do Blogue”. Como já referimos, os “*post*”, alvo de maior interacção, foram os publicados por eles. Outro dado significativo, é a continuação de publicação de entradas no blogue, mesmo depois de o termos encerrado, apenas para avaliação no contexto desta dissertação.

8. Desejávamos que o blogue tivesse uma maior participação, por parte da maioria dos elementos dos dois grupos. No entanto, conseguimos que, em duas freguesias, muitas pessoas já tenham ouvido falar e já tenham ido visitar o “conviveronline”. Os próprios jovens falam desta ferramenta com naturalidade e orgulho. A participação deles continua a existir e a ser consolidada: tem aumentado, nos últimos tempos, sem que haja intervenção das animadoras, ou nossa. Foi difícil a integração, demorou tempo, mas, por tudo o que foi já referido, os esforços obtiveram resultados positivos.

9. O facto de este blogue ser para um público mais restrito, faz com que o número de visitas não seja tão grande como o “partilhar”, de que falaremos de seguida. No entanto, dado que os jovens e as animadoras fizeram a sua primeira experiência, dadas as dificuldades de acesso, e alguma desmotivação inicial, podemos afirmar que o resultado final é muito positivo, em vários aspectos: da integração do blogue na educação para os valores; da experiência em co-autoria; do crescendo do número de participações, dos trabalhos produzidos e publicados, denotando maior reflexão crítica; de um maior respeito e solidariedade entre o grupo; das potencialidades do blogue enquanto ferramenta de integração.

Em relação ao blogue “partilhar”, obtivemos uma maior adesão em número de visitas e de comentários. Visto tratar-se de um blogue com objectivos similares, mas mais abrangentes e generalistas, e envolvendo outro tipo de público, justifica essa adesão: em um ano e meio de existência já obteve 88.943 visitas, com 621 comentários e 276 artigos⁷.

⁷ Dados recolhidos no dia 17 de Julho de 2008.

Este blogue é de gestão exclusiva do autor; procura atingir um público de diferentes idades e com diferentes papéis: formandos, formadores, pessoas interessadas em reflectir e debater ideias relacionadas com os valores e a Igreja. É com alegria que constatamos que os catequistas cada vez mais procuram utilizar as tecnologias para a sua formação e partilha de conteúdos. Ainda não descobrimos nenhum com objectivo de apoiar a educação dos valores. No entanto, congratulamo-nos com esta crescente integração das TIC no contexto da educação para os valores.

Procurámos publicar conteúdos capazes de suscitar debate livre e sem preconceitos em relação a várias temáticas.

Partilhámos textos, histórias, opiniões, conteúdos multimédia capazes de fazer reflectir, e passíveis de serem utilizados em encontros formativos.

Divulgámos trabalhos feitos por alunos da catequese, como forma de os começar a motivar para a integração destas tecnologias nos seus encontros.

Procurámos fornecer textos formativos para as catequistas.

Divulgámos actividades das paróquias de Sequeirô e Lama, do concelho de Santo Tirso. Ainda para este público-alvo, o blogue é um sítio onde os paroquianos podem descarregar ficheiros sobre os serviços de cartório, tais como intenções de Missas, matrículas de catequese, boletim informativo e escalas de serviço.

Procurámos criar uma plataforma de comunicação síncrona, que funcionou diversas vezes. Destaco a conversa com um grupo de catequese: a catequista levou o seu computador com acesso à Internet, e o seu grupo, do sexto ano, interagiu connosco durante uma sessão (Anexo O). Foi uma experiência muito interessante, sobretudo para as crianças que, quando estiveram connosco, presencialmente, manifestaram esse entusiasmo, recordando toda a nossa conversa.

Uma outra comunicação, por meio deste serviço disponível no “partilhar”, com uma pessoa de Aveiro, o F. O primeiro contacto surgiu precisamente na ferramenta de comunicação síncrona (Anexo M).

Por curiosidade, perguntámos como tinha descoberto o blogue, ao que ele respondeu: “nas minhas pesquisas que efectuo sobre religião, catequese, Internet”. Posteriormente, enviou um *mail* onde comunica o seguinte: “Boa tarde, P^o. José Carlos. Antes de mais, deixe-me apresentar-lhe as minhas mais sinceras felicitações pelo excelente blogue que possui. Pois os conteúdos são excelentes e uma perfeita ajuda para o trabalho pastoral.

Mas o motivo do meu contacto serve, para além das felicitações, para termos um contacto mais próximo, pois, pelo que pude perceber, o P^e. José Carlos frequenta o mestrado aqui da UA numa temática que me é muito querida. (...)

Pretendia então, caso fosse possível, partilharmos alguma informação e algumas ideias, dado que actualmente sou o responsável, por nomeação Episcopal da Diocese de Aveiro pelo sector das novas tecnologias. Para já, fica com os meus contactos e fique com a ideia que pretendia consigo discutir e, quem sabe, criarmos algo de interessante dentro desta temática, dado que em Portugal, como deve saber não existe nada pensado" (Anexo L).

No decorrer do desenvolvimento do blogue, fomos publicando alguns artigos com a finalidade de saber as razões da fidelidade dos visitantes. Colocámos o artigo com o nome de "inquérito", publicado a 11/03/2008, com o objectivo de conhecer a opinião das pessoas sobre se estas ferramentas ajudam na educação para os valores; outro objectivo passa por conhecer as razões de haver poucos comentários em relação ao número de visitas. As respostas dividem-se da seguinte maneira:

A Sol. diz que "este blogue é realmente um local de partilha de conhecimentos e, digamos que, um espaço de reflexão, um espaço em que podemos acompanhar a dinâmica da paróquia e fazer uma caminhada cristã lado a lado". Sobre a escassez de comentários, dá a seguinte explicação: "também passei apenas por uma fase de curiosidade de ver e, só recentemente, é que fiz algum comentário. (...) Porque me identifiquei com o texto que colocou, porque tinha inicialmente algum receio de censura, mas nada que com o tempo não fosse ultrapassado". Deixa também um desafio, a ter em conta: "muitas pessoas ainda não têm acesso à Internet. Se houvesse um espaço de Internet na nossa freguesia para a utilização dos elementos da catequese e da freguesia em geral, quem sabe se a procura não aumentaria. Ele é rentável, pois permite-nos ter acesso a material para a dinamização da catequese, etc. Tem sido um bom instrumento de aproximação da juventude à Igreja e a Deus".

O Z.L. reconhece que "este espaço é importante para a formação. No debate de opiniões e na análise dos vários temas encontra-se o caminho para crescer e cria-se mais cultura".

A C., catequista, partilha a sua opinião: "sem dúvida que este espaço é muito importante na educação para os valores, onde se pode escutar, falar sobre temas diversos". Sobre os comentários, fala dos receios da novidade, e que, à medida que as pessoas ficam mais familiarizadas com esta tecnologia, a participação também aumenta.

A S., catequista de outra paróquia, diz ser uma frequentadora assídua, mas que não costuma comentar: “Gosto muito do seu blogue, e só lhe tenho a dar os parabéns por o ter criado. Gostei muito de ler os comentários que fez às várias semanas da Quaresma, e já tenho tirado algumas ideias daqui para o meu blogue”.

O Ml., visitante desconhecido, partilha connosco a ideia de que não há dúvidas sobre a ajuda que o blogue dá na valorização humana: “Tem sido, nos últimos tempos, pelo menos para mim, a fonte de água fresca onde posso saciar a minha sede”.

No artigo “opinião”, publicado a 9/4/2008, sobre os motivos que fazem os visitantes manterem o interesse no “partilhar”, encontramos diversas razões:

Do Cto., catequista: “As actividades da paróquia; os conteúdos; o poder opinar”.

A C., catequista: “Gosto de ver as entradas: fazem-me sempre reflectir e ver alguma coisa que até ali não tinha pensado; gosto de ver os comentários: e ver que outros sentem ou não o mesmo que eu; gosto de saber das actividades da nossa paróquia, e, com a partilha dos outros, o que se passa nas outras paróquias”.

A M. J., catequista: “Eu acho que este Blogue é um verdadeiro apostolado, ajuda-nos bastante e gratuitamente: é um veículo de evangelização, utilizando as novas tecnologias de comunicação; é um ponto de encontro das comunidades, para troca de opiniões, discussão de ideias e partilha de experiências sobre a fé cristã; disponibiliza, gratuitamente, vários conteúdos fundamentais da doutrina cristã e da Igreja Católica.

Sinto que há uma falha grande na sociedade, relativamente aos valores; e acho que o *site* pode ajudar algumas pessoas”.

Da Cel., que também é catequista, em outra paróquia do centro de Portugal, e que criou um blogue para divulgação dos trabalhos do seu grupo de catequese: “Recebo as actualizações no meu *e-mail*, e são sempre interessantes.

Ajudam-me a reflectir e a ‘crescer’. Gosto... porque gosto”.

Finalmente, o comentário da Min., catequista em outra paróquia, que diz o seguinte: “A minha fidelidade a este blogue passa por todas as razões que apontou, e mais algumas, tais como: este blogue é para mim como que o ‘amigo invisível’, ou seja, tem muitos rostos, mas todos eles ‘escondidos’ nos comentários que cada um vai fazendo. Nestes comentários vejo como a ‘Igreja’, em que me incluo, pensa, age, comenta, se interessa ou não por determinados temas, etc.

A consulta do blogue tornou-se para mim tão importante como ‘a água’ que preciso de beber diariamente.

É-me muito proveitoso para entender algumas coisas, pelos desafios e respostas que o autor lança, e que desde já agradeço, e peço que mantenha bem acesa a chama que o levou a criar este espaço tão maravilhoso para todos.

Gosto muito das ilustrações que coloca em quase todos os temas; isto para não realçar ainda os pequenos filmes que selecciona. Continue, e parabéns por tão bela iniciativa”.

Nestes testemunhos de visitantes do “partilhar” podemos aferir das potencialidades dos blogues num contexto de formação e partilha de ideias. Podem funcionar como um repositório de conteúdos para o trabalho dos catequistas. Desempenham, igualmente, o papel de divulgação dos trabalhos produzidos pelas crianças, adolescentes e jovens desses encontros catequéticos. Uma das provas desta realidade está patente nos blogues que disponibilizaram *links* para o “partilhar”⁸ assim como a referência a alguns artigos por nós publicados, tanto textos, como conteúdos multimédia⁹.

No fórum do site dos Salesianos, também dedicado aos valores, encontramos a opinião do “Camilo2” sobre alguns conteúdos multimédia produzidos e publicados por nós no “partilhar”: “Aqui, podem encontrar vários pequenos filmes, que achei interessantes.

O futuro do material de apoio para catequese parece passar mais por fazer pequenos filmes como este, que em usar partes de filmes já feitos para apoio à catequese. Não que esse uso não possa e não seja interessante. É, certamente, mas é muito difícil encontrar um filme que se ajuste bem a um determinado objectivo catequético ou pastoral.

Fazer um filme com parte de imagens fixas, pequenas partes de filmes conhecidos e gravações realizadas propositadamente, parece ser o futuro. Os vídeos da ‘Logomédia’ parecem-me demasiado grandes para a maior parte dos objectivos. Pequenos filmes, com 5 a 15 minutos de duração, realizados propositadamente com determinados

⁸ Alguns exemplos de Blogues, inseridos dentro da mesma temática: <http://catequesebarra.blogs.sapo.pt/>; <http://sobre-a-vida.blogspot.com/>; <http://celinarmachado.spaces.live.com/>.

⁹ Algumas referências a artigos publicados no “partilhar”: <http://meninasoina.blogspot.com/2008/07/o-amor.html>; <http://reflectircatequese.blogspot.com/2008/07/cntico-do-amor-s-paulo.html>, vídeo sobre S. Paulo; <http://meninasoina.blogspot.com/2008/06/vi-este-texto-aqui.html>; <http://reflectircatequese.blogspot.com/2008/06/carta-para-o-meu-catequista.html>, texto para a formação de catequistas.

objectivos pastorais, é o que julgo virem a substituir os slides que foram usados durante tanto tempo (insuficientemente usados, parece-me). Pena é a 'Logomédia' andar entretida com outras coisas. Felizmente, começam a aparecer estas apresentações realizadas por iniciativa das Edições Salesianas ou individual. Estas até me pareceram bastante razoáveis. Pena a qualidade de imagem do *youtube* ser fraquinha. Gostei particularmente deste: Viver no amor.

Aqui, o autor usa um texto das edições salesianas, e cria uma montagem que me parece bastante bem conseguida"¹⁰.

Estes comentários, e os diversos *links* para vários filmes produzidos por nós¹¹, e alguns artigos publicados, manifestam-nos a certeza de que o recurso à multimédia constitui uma estratégia que deve ser devidamente valorizada e desenvolvida. Apresentamos uma referência que demonstra a concretização desta comunidade virtual, da utilização do blogue como estratégia e como recurso de formação colaborativa e a distância.

O crescimento de um blogue é constatado não só pelo número de visitas, mas também pelo número de referências. Citamos uma, que foi feita a um artigo sobre formação de catequistas: "Semanalmente preparamos a catequese, procuramos fazer o nosso melhor, mas será que estamos no caminho certo? Não será importante repensar os nossos métodos?... Temos indicado aqui, vários sítios na *net* credíveis, que nos podem ajudar a reflectir e quem sabe a mudar... Hoje o tema é "experiência humana", deixo um cheirinho de um excelente artigo. Vamos ser curiosos..."¹².

Com o desenvolvimento do blogue, criámos mais do que uma página na Internet. Começámos a criar uma comunidade de interesses comuns, capaz de reflectir criticamente, formada por sujeitos de transformação e não objectos, capazes de projectar a educação dos valores para horizontes mais amplos e longínquos. As pessoas estão carentes deste tipo de recursos e estratégias, capazes de ajudar a cativar os educandos e de os ajudar a desenvolver competências de formação permanente e

¹⁰ Cf. site: http://www.edisal.salesianos.pt/index.php?option=com_fireboard&Itemid=27&func=view&id=752&catid=1&limit=6&limitstart=12 (consultado em 19/07/2008).

Outro fórum onde o "partilhar" é recomendado como ferramenta de apoio: <http://paroquias.org/forum/read.php?7,43314,43492,quote=1> (consultado em 19/07/2008).

¹¹ Citamos a título de exemplo: <http://meninasoina.blogspot.com/2008/07/o-amor.html>; <http://reflectircatequese.blogspot.com/2008/07/cntico-do-amor-s-paulo.html>;

¹² Artigo consultado no blogue <http://reflectircatequese.blogspot.com/2008/09/experincia-humana.html>, em 13/09/2008.

colaborativa, num espírito de flexibilidade da estrutura mental de cada um, evitando o pensamento convergente. Fomos criando uma comunidade que interage e partilha ideias e conteúdos.

Tornar-se comunidade, nas palavras de Dias (2007:33), “significa participar nas práticas culturais, interagir com os objectos e lugares do conhecimento, e aceder às representações da comunidade enquanto recursos de aprendizagem, gerando, deste modo, uma cultura de participação e construção colaborativa da rede de ideias e conhecimento do grupo”.

Neste sentido, sentimos que ainda nos falta um longo percurso, com novos objectivos e desafios, que iremos abordar nas conclusões e propostas de investigação futuras.

10. Limitações do estudo

Durante o tempo em que desenvolvemos este projecto de estudo, em que colocámos como objectivo verificar as potencialidades da integração das tecnologias associadas à Web 2.0 na educação para os valores, sentimos algumas dificuldades e limitações.

Vários estudos foram levados a cabo para a integração em ambientes curriculares. Os resultados apurados são muito positivos. Os alunos beneficiam desta inclusão, e os professores vêem os resultados das aulas amplamente amplificados. No decorrer deste mestrado, pudemos estudar este tema. No campo da educação para os valores, segundo as pesquisas que efectuámos, ainda nenhum estudo científico foi elaborado. Encontramos muitos blogues dentro desta temática, mas puramente de divulgação de trabalhos e algumas reflexões pessoais de alguns catequistas e movimentos juvenis. Mas nenhum que funcionasse como complemento formativo.

Como referimos ao longo desta dissertação, pretendíamos estudar a utilização desta tecnologia em contexto de educação para os valores, as vantagens da gestão em co-autoria, e a capacidade integradora dos elementos, dentro do grupo e fora dele, através do blogue.

Neste trabalho, deparámo-nos com alguns entraves, que passamos a referir:

1. Dificuldade dos jovens em aceder à Internet. Este foi o principal obstáculo com que nos deparámos. Alguns jovens apenas têm acesso na escola, o que torna muito difícil acompanhar o desenvolvimento do blogue por via electrónica. Estes jovens falam das dificuldades de aceder ao computador e da falta de tempo.

Este é um obstáculo para o qual desejamos encontrar solução: criar um posto de Internet na paróquia, onde haja mais facilidade de acesso às tecnologias. É um desafio a concretizar a médio prazo, pois pretendemos avançar com outras iniciativas que implicam o acesso à rede Web. Entre elas está a pesquisa na Internet para trabalhos, e a publicação de conteúdos resultantes dos encontros formativos. Desta forma, gostaríamos de criar uma comunidade de partilha de experiências, iniciativas e trabalhos.

2. Desconhecimento sobre a forma como esta tecnologia funciona, tanto por parte dos jovens dos dois grupos, como das duas animadoras. Constatámos que a maioria dos

jovens ainda não tinha ouvido falar de blogues, e que eles poderiam desempenhar um papel substancialmente distinto do de mero diário pessoal. Alguns conheciam a sua existência, mas ignoravam toda a tecnologia envolvente, tal como os *RSS feeds* e serviços de agregação.

As animadoras nunca tinham tido qualquer experiência de gestão de blogues e de como recorrer a este serviço como meio complementar de formação. Nesse sentido, foi necessário preparar documentos de formação técnica e proporcionar encontros para exemplificar.

3. O facto de ser a primeira experiência do género, onde tudo o que encontramos é novo. Estudámos várias teorias clássicas que serviram para fundamentar as diferentes estratégias e pedagogias aplicadas aos valores. No entanto, nenhuma delas aborda a integração das TIC na sua metodologia.

Pelas pesquisas efectuadas, constatámos que ainda nenhuma experiência foi levada a cabo no sentido da inclusão das tecnologias na educação para os valores, como meio complementar de formação. Ainda se olha este mundo com desconfiança, duvidando da sua eficácia e utilidade. E, como na dúvida é melhor manter o habitual, ainda pouco foi feito. No entanto, congratulamo-nos com a existência de diversos blogues dedicados à temática dos valores, embora nenhum que os rentabilize como meio de educação. São criados por pessoas individuais, para divulgação das suas experiências e trabalhos. Apesar disso, estas iniciativas constituem um passo positivo, pois é sinal de que as pessoas já se começam a familiarizar com estas ferramentas e serviços e a reconhecer as suas potencialidades.

4. O tempo disponível foi escasso para as tarefas que tivemos necessidade de desenvolver; em menos de um ano tivemos de dar a conhecer as tecnologias da Web 2.0, formar os jovens e formadores nas competências técnicas, a fim de saberem lidar com estes serviços, que para eles são mesmo “novas tecnologias”, e desenvolver o estudo de caso. Como já referimos anteriormente, constatamos que, há medida que o tempo foi avançando, e chegávamos ao termo do projecto, a motivação cresceu: maior participação, mais assiduidade, mais artigos publicados pelo grupo, em virtude de um maior número de elementos terem aderido ao regime de co-autoria do blogue.

A todas estas exigências, juntamos a dificuldade de encontrar dias disponíveis para estes encontros. Os jovens participam nestes encontros de uma forma voluntária. Não existe a componente da obrigatoriedade. No entanto, esta componente volitiva nem sempre joga a favor da motivação dos jovens. Efectivamente, no início, foi-nos bastante difícil motivar os jovens para esta nova forma de comunicarmos e fazermos caminho.

5. O desconhecimento das necessidades e da caminhada dos jovens, das suas motivações e preferências, dificultou a selecção das temáticas a serem lançadas a reflexão. Desde o início, e respeitando o princípio da auto-determinação dos jovens, optámos por uma postura de reacção - acção. Por outras palavras, dependendo do tipo de resposta e da interacção criada, refazíamos os temas a propor e as estratégias a utilizar. Embora de uma forma consciente, a estratégia utilizada poderá ter dado a entender uma certa improvisação, dando origem a um certo desinteresse, ao menos aparente. Evitámos adoptar uma postura de inculcação de valores e de formação do carácter. Inspirados na teoria da flexibilidade cognitiva, e num espírito humanista, optámos por deixar que fossem os jovens a escolher o seu próprio itinerário formativo. Esta pedagogia fez com que o centro dos encontros se deslocasse para os jovens. Sentimos uma grande dificuldade neste campo, visto eles não estarem preparados para a construção da sua escala de valores, da sua formação e de um estilo de aprendizagem colaborativo.

Estas dificuldades sentidas constituem para nós um desafio atractivo. Temos consciência de que a nossa experiência, sendo talvez pioneira, e por isso mesmo, revestida de uma dificuldade acrescida, nos forneceu pistas ricas que apresentaremos nas conclusões e propostas de investigação futura.

Conclusão e propostas de investigação futura

Ao longo desta investigação, identificamos e apreciamos diferentes teorias e estratégias sobre a educação para os valores. Posteriormente, analisámos os resultados obtidos pela integração da Web 2.0 no contexto de educação para os valores. Procurámos aproveitar as facilidades que o mundo contemporâneo coloca ao nosso dispor, canalizando-as para a construção de uma juventude com consciência crítica e activa. No entanto, procurámos que esta actividade se traduzisse em interactividade com o conhecimento, com o mundo e com os pares, nesta construção conjunta de saberes, sentimentos, vontades e experiências.

Os jovens precisam de se conhecer mais profundamente, a fim de terem mais consciência de si, das suas capacidades e limites, e do mundo em que se inserem. Este é o principal objectivo da educação para os valores. Para contribuir para esse objectivo, procurámos estratégias e ferramentas que optimizem este conhecimento, dando especial importância aos blogues, serviços da Web 2.0.

As tecnologias vieram trazer enormes potencialidades à construção partilhada do conhecimento. Mas não podemos responsabilizá-las por todo o processo de aprendizagem. Sem uma atitude de auto-educação, de responsabilização e autonomia, empenhados activamente no seu progresso pessoal, torna-se muito difícil atingir os fins a que nos propomos.

Mais do que remédio para todos dos males e solução para casos insolúveis, estes serviços da Web 2.0 constituem um verdadeiro desafio. Por isso mesmo, mais do que conclusões, pretendemos apresentar desafios que fiquem. Não pretendemos apresentar um caminho exclusivo dentro do processo de aprendizagem, mas deixar pistas para que cada indivíduo descubra e adapte continuamente o seu próprio percurso às suas necessidades e ao meio que o circunda.

Uma coisa é existirem possibilidades técnicas; outra é o uso efectivo e o tirar partido das ferramentas que a rede nos disponibiliza. Elas permitem gerir e apresentar novas propostas que criam uma nova tensão e um alargamento de campo no desenvolvimento cognitivo e dos valores. Para isso, precisamos de uma nova visão do conceito de aprendizagem, um novo paradigma de comunicação e formação. E isto não passa por uma simples maquilhagem dos métodos tradicionais. Exige-se uma verdadeira

reforma, aproveitando as apetências dos jovens para as tecnologias e para as ferramentas que elas nos disponibilizam. Há três características fundamentais que importa realçar: interactividade, multimedialidade e hipertextualidade. São três ferramentas que enriquecem, enormemente, o aprender e o ensinar.

A forma como o ser humano aprende está a sofrer alterações profundas. O professor já não é o único detentor da fonte de conhecimento, nem o aluno um simples depósito desses saberes, onde o que cada um sabe de nada aproveita. A aprendizagem colaborativa mostra-se mais eficaz que a tradicional. Envolvendo-se o aprendente no processo, o crescimento cognitivo torna-se muito mais significativo, desenvolvendo competências nos alunos no sentido de rentabilizar os saberes. Desta forma, novos caminhos podem ser trilhados com os conteúdos adquiridos previamente; de outra forma, talvez não conseguíssemos. Esta atitude, que tira partido das ferramentas do digital, torna a aprendizagem mais horizontal, com mais pólos de enunciação e mais vozes. Potencialmente, é mais participada e com maior capacidade de questionar os métodos tradicionais de aprendizagem.

Apresentamos alguns desafios que este estudo nos lançou, e que consideramos pertinente elencar:

- Consideramos que o blogue, ferramenta da Web 2.0, possui enormes potencialidades no universo de uma aprendizagem verdadeiramente significativa. No âmbito da educação para os valores, reconhecemos as enormes vantagens da sua integração.

Estas vantagens estendem-se à formação dos formadores e a um maior envolvimento dos formandos na construção pessoal e colaborativa dos valores.

Através do blogue, facilitamos a formação dos animadores dos grupos, o acompanhamento das suas actividades e a partilha de recursos. Uma das grandes dificuldades que acompanham os formadores reside na dificuldade de participar nos encontros formativos, devido às limitações do espaço e do tempo.

A formação pode significar uma sobrecarga para além do trabalho com os respectivos grupos, que se traduz na indisponibilidade para os frequentar. O modelo de funcionamento dessa formação deve ser questionado e adaptado no sentido de assegurar a participação de todos.

Com o recurso à Web, conseguimos atingir um maior número de objectivos: é possível abranger uma quantidade maior de formadores interessados na sua própria formação; não ficamos limitados ao espaço físico, evitando perda de tempo nas deslocações para os lugares onde a formação ocorre; não ficamos limitados ao tempo,

onde a falta de disponibilidade de cada indivíduo poderá impossibilitar o acesso, integral ou parcial, aos encontros que se circunscrevam a um espaço e tempo restritos; cada pessoa poderá fazer o seu próprio percurso, quando, onde e como pretender, de acordo com as suas necessidades e tempo disponível.

Quanto aos formandos, crianças ou jovens, que devem ter um papel activo na construção da sua própria escala de valores, o blogue é, também ele, portador de enormes potencialidades. Na interacção com os formadores e outros elementos, do seu grupo de pertença ou não, cada indivíduo vai construindo o seu percurso formativo, através da partilha de descobertas, conhecimentos e sentimentos pessoais. Verificamos que a publicação dos conteúdos e textos na Internet provoca um maior cuidado na sua produção. Desta forma, as nossas crianças e jovens irão ser muito mais co-responsáveis na produção dos recursos. Desta forma, envolvem-se mais na sua própria formação, tornando-a verdadeiramente significativa, eficaz e duradoira.

- Vivemos num tempo que pode ser caracterizado pela mobilidade constante, que fragiliza o contexto da educação para os valores. Quando falamos de mobilidade, estamos a referir-nos a diversas situações: a “emigração” dos locais habituais de residência, para outros locais, durante os fins-de-semana: é nesta altura que ocorrem, normalmente, os encontros; a situação de famílias desagregadas, que “obrigam” as crianças e jovens a dividirem, periodicamente, a estada entre o pai e a mãe; a diversidade de focos de atenção de que as nossas crianças são alvo, esgotando o tempo e energias disponíveis para outras actividades, muitas vezes consideradas de menor importância, tal como a formação do carácter.

Estes factos provocam ausências continuadas aos encontros formativos, limitados ao espaço e ao tempo. Estão circunscritos a um local específico e a uma determinada hora. Desta forma, a falta de acompanhamento, as ausências continuadas, e o conceito de justiça em relação aos que participam periodicamente, provocam desmotivação e o consequente desligamento do grupo de pertença e do formador.

Com a intenção de combater esta situação, reconhecemos, no blogue, uma alternativa viável e com enormes potencialidades. Se aproveitado e integrado na aprendizagem, com uma pedagogia que lhe sirva de suporte, é capaz de nos fornecer alternativas potenciadoras de integrar as crianças e jovens no processo formativo, mantendo o grupo de pertença e o acompanhamento educativo. Desta forma, mesmo que impossibilitados da presença física, manterão o contacto frequente e o acompanhamento das temáticas, através da Internet, conforme a disponibilidade de

cada pessoa. O espaço e o tempo deixam de ser barreira intransponível e impeditiva do processo educativo.

O blogue pode e deve ser encarado como um forte aliado, com enormes potencialidades, capazes de maximizar o processo educativo. Por meio da tecnologia, podemos amplificar os efeitos e as vantagens educativas: interactividade; acompanhamento constante; construção colaborativa de conhecimento; maior disponibilidade; possibilidade de revisão e aprofundamento temático; maior responsabilização na produção e publicação *online* dos recursos; utilização de novas linguagens; novas formas de aprender e de partilhar conhecimentos; possibilidade de construir soluções actuais e pertinentes, que se adaptem à situação individual e específica de cada um e de cada caso; construir uma comunidade virtual, que partilhe dos mesmos interesses, pertencendo, ou não, ao grupo de pertença.

- O recurso à utilização das tecnologias coloca questões à pedagogia e metodologias de ensino que vêm sendo adoptadas nos encontros presenciais. Nesse sentido, consideramos pertinente a necessidade de as questionar e adaptá-las de forma a facilitar a integração e aplicação das TIC no processo educativo no universo dos valores.

Não se trata de uma operação cosmética às metodologias adoptadas nos encontros presenciais, mas de uma verdadeira revolução na forma de pensar, planear e desenvolver os programas e actividades. Não se trata, apenas, de utilizar o computador nos encontros de jovens e catequese das crianças, como recurso. As utilizações do computador em sessões presenciais, para a apresentação de umas apresentações, não são suficientes. Exige-se uma profunda reforma na linguagem a utilizar, nos recursos a produzir, nas estratégias a delinear, que contemple as ferramentas da Web 2.0. Urge estruturar a forma de aprender/ensinar alicerçada nas potencialidades que as tecnologias nos oferecem.

Consideramos importante que se repense os papéis que vêm sendo desempenhados, quer pelos formadores, quer pelos formandos. Esta alteração passa por encarmos o formador como um facilitador, orientador, afastando-se de um papel directivo e unidireccional do saber que tem de ser transmitido. E de olharmos para o aprendiz como alguém portador de conhecimentos, livre, que aprende mais, e melhor, em colaboração e interacção com os seus pares e com pessoas externas ao seu grupo de pertença, que deve adquirir competências no respeito pelas diferenças e na construção de um espírito crítico e colaborativo.

É preciso tomar consciência da importância que o aprendente tem na construção da sua identidade, assumindo um papel activo no processo, da influência positiva da interacção, e das vantagens de o formador se considerar mais um facilitador do processo, do que detentor de todas as verdades a transmitir, de uma única forma, considerando o aluno como um depositário estático e um seguidor acrítico dos saberes inculcados de uma forma unívoca e inquestionável.

É necessária uma atitude de abertura e cooperação, a fim de conseguirmos envolver os aprendentes na construção dos valores. Utilizamos uma metáfora para explicar a nossa ideia: para eu conservar a areia na palma da mão, não a posso fechar; tenho de a manter aberta. Quanto mais eu fechar a mão, com medo de perder a areia, mais ela se escapa por entre os dedos.

Lançamos, por isso, uma proposta de investigação científica, para futuro desenvolvimento: questionar e avaliar a metodologia e estratégias utilizadas, no sentido de as adaptar ao novo contexto vivencial, às novas teorias da educação, e às tecnologias disponíveis, com todas as competências que nos oferecem e exigem. Lançamos o desafio de se estudar o impacto nas crianças que frequentam a catequese, nos diversos níveis, destacando a adolescência. Propomos que se refaça o programa do 10º ano de catequese, no sentido de integrarmos o blogue como recurso e como estratégia pedagógica.

Falámos das vantagens e das potencialidades de que a Internet é portadora no contexto da educação para os valores. Apesar de as reconhecermos, pretendemos responder à questão dos riscos que as tecnologias também podem envolver. Esta é uma questão que parece justificar uma atitude de afastamento e rejeição por parte de muitos responsáveis e formadores.

Evidentemente que a utilização das tecnologias são portadoras de coisas menos positivas e, muitas vezes, muito negativas. Efectivamente, “as TIC não representam a alvorada de um novo mundo sem problemas. Pelo contrário, como penosamente já todos sabemos, elas são fonte permanente de problemas, individuais e colectivos” (Ponte, 2001:90).

Esta constatação não nos deve levar a fazer, apenas, afirmações deste género: “Claro que os computadores e a Internet podem ser úteis para o desenvolvimento de algumas áreas da inteligência. Mas um computador não critica, não rejeita, não pressiona, não provoca ansiedade ou frustrações existenciais, enfim, não estimula o sistema ‘auto-imune’ da psique” (Cury, 2007:28).

Estes riscos apresentados, podem e devem ser vistos como desafios permanentes de formação. O computador, enquanto objecto físico, não tem as competências que Cury enumera. No entanto, a produção de software apropriado, e a criação de páginas, de Internet, atractivas e com conteúdo educativo, constituem um forte aliado com potencialidades educativas, desde que não se descure a componente pedagógica que lhe sirva de apoio e acompanhamento.

Não é o computador, em si mesmo, que constitui a solução para as carências educativas, mas a forma como é utilizado e rentabilizado ao serviço de um projecto educativo. Neste sentido, a Web 2.0 vem otimizar os esforços: ela permite um acompanhamento eficaz; fomentar o espírito crítico e questionar, rejeitar e “pressionar”; provocar ansiedades e estimular, desde que formadores e aprendentes estejam preparados e queiram abraçá-la como aliada na educação. Por outro lado, não pretendemos utilizar as TIC em substituição do acompanhamento pessoal e personalizado, mas simplesmente como complemento educativo, otimizando as competências que permite desenvolver, facilitadoras do processo educativo, seja por parte dos formadores como dos formandos.

As tecnologias são consideradas, muitas vezes, promotoras do isolamento social. Argumenta-se que as crianças hoje não brincam, porque passam horas em frente do computador, a visitar *sites*, muitas vezes pouco recomendados, a conversar com amigos e pessoas estranhas, a ver filmes, a jogar, etc., etc. Desta forma não interagem com os amigos.

Utilizamos as palavras de Amante (2007:105) como resposta: “os computadores têm demonstrado não só não isolar as crianças, como parecem constituir-se como catalisadores da interacção e do trabalho colaborativo, criando, portanto, oportunidades acrescidas para o desenvolvimento de competências sociais e cognitivas”. Desta forma, as tecnologias não substituem a interacção humana, antes a podem estimular.

Os riscos são evidentes, sobretudo quando se cria interacção com pessoas estranhas e com objectivos pouco claros e nada edificantes. A desinformação também é uma constante. No entanto, a consciência destes factos não pode servir de desculpa para afastar as tecnologias da esfera das crianças, mas para as ver como dilemas que devem ser resolvidos. “A solução não passa, pois, por afastar as crianças dos *media*, mas, antes, por desenvolver bons programas e bons sites. Ou seja, passa por desenvolver uma cultura de qualidade dos *media* que promova experiências educacionais relevantes e

contribua igualmente para formar consumidores (crianças, pais e educadores/professores) críticos e responsáveis” (Amante, 2007:108).

Sabemos que a Internet e as ferramentas da Web 2.0 não constituem solução para todos os males e insuficiências do processo educativo. No entanto, é preciso não diabolizar estes serviços e retirar todas as potencialidades e oportunidades que elas nos proporcionam. Estamos perante uma realidade que precisa de ser estudada e compreendida antes de ser julgada e condenada. Está em causa o homem do nosso tempo, que navega nestes oceanos onde encontra sereias e adamastores, mas, também, a circulação da própria vida.

A investigação disponível aponta para resultados favoráveis à utilização das tecnologias na aprendizagem; os resultados na nossa investigação apontam no mesmo sentido, no que concerne à educação para os valores. Melhorar a qualidade da educação passa, também, por saber tirar todas as vantagens das tecnologias e colocá-las ao serviço de um projecto educativo renovado, onde se aprende, e se aprende a aprender, numa atitude verdadeiramente colaborativa.

No final deste estudo, podemos afirmar que o blogue, dentro de um processo de formação dos valores, contribuiu para que os jovens adquirissem algumas competências pessoais e sociais, a saber: maior familiaridade com as tecnologias da Web 2.0; aumento da reflexão crítica, que se traduziu na produção e publicação de conteúdos multimédia; maior interacção entre o grupo, verificado nos comentários aos artigos, e também no contacto pessoal e presencial com o grupo; o respeito pelo outro, como ser pensante e autónomo, que interage comigo, também foi uma competência desenvolvida; pela possibilidade que o blogue operacionalizou ao facilitar a integração de um elemento do grupo que emigrou; por tudo o que foi dito, verifica-se que a motivação foi aumentando, fruto, também, dos incentivos que os elementos lançavam de uns para os outros.

A educação para os valores deve acordar para as potencialidades da Web. Caso contrário, corremos o risco do isolamento, e consequente afastamento por parte do público-alvo da sua formação. Devemos procurar ver as vantagens e optimizá-las, e não estarmos sempre a contemplar os riscos, medos e incertezas. Quem não aderir à integração das TIC na aprendizagem ficará para trás.

Tendo em conta todos os desafios, e ponderando os riscos inerentes, podemos afirmar que existem maiores vantagens na utilização da Web 2.0 na educação para os valores, do que riscos. Estes, comparados com as enormes potencialidades que a

tecnologia nos presenteia, ficam minimizados, e são incluídos nas fileiras dos desafios colocados e destinados a vencer.

Diante dos riscos, não devemos refugiar-nos na tradição, com medo da incerteza do futuro, mas encontrar alternativas e soluções para cada situação, criando oportunidades onde antes havia dúvidas e medos.

O estudo que desenvolvemos, e agora apresentamos, não pretende ser um fim em si mesmo. Constitui uma oportunidade para estimular a discussão científica, e educativa, acerca das opções que tomamos em relação às novas gerações. Somos levados a assumir que o blogue é potencialmente criador de ambientes pedagógicos capazes de produzir experiências ricas no universo da educação para os valores.

Os estudos desenvolvidos, as pesquisas efectuadas e a reflexão científica, contribuíram para o nosso crescimento pessoal e para uma visão diferente da educação para os valores e sobre a forma como pode ser operacionalizada. Nesse sentido, pretendemos contribuir para uma tentativa de alteração das metodologias aplicadas, no âmbito da educação dos valores, contemplando a integração das tecnologias das Web 2.0.

Enquanto responsáveis pela educação para os valores, em duas paróquias, pretendemos continuar a desenvolver esforços na formação de agentes educativos, e na reestruturação pedagógica, a fim concretizarmos e aprofundarmos as conclusões apuradas no decorrer deste estudo. Essa transformação começa pela capacitação técnica e pedagógica dos agentes formadores. Outra iniciativa passa pela criação de blogues para cada ano, em regime de co-autoria, como recurso e estratégia educativa. Essa renovação já começou com a criação de um blogue para o grupo do 8º ano (<http://grupo8ano.blogspot.com/>).

Desta forma, esperamos envolver mais os formandos na construção da sua identidade e crescimento pessoal, de uma forma colaborativa, autónoma e responsável, potenciadora de experiências ricas e significativas, capazes de ajudar a enfrentar a vida.

Bibliografia

- AFONSO, M. R. (s.d.). *Educação para a Cidadania em Portugal*. Em http://www.cidadania-educacao.pt/Nova%20pasta/material/flexibilidae_curricular.pdf (Consultado a 31/10/2007).
- ALBERICH, E. (2001). *La catechesi oggi. Manual di cathechetica fondamentale*. Ed. Elledici, Torino.
- AMANTE, L. (2007). *Infância, escola e novas tecnologias*. In COSTA, F. A.; PERALTA, H.; VISEU S. (orgs.) (2007). *As TIC na educação em Portugal. Concepções e Práticas*, "Mundo dos Saberes" 40, Porto Editora.
- ARANTES, V. A. (2007). *Educação e valores: pontos e contrapontos*. Summus editorial.
- BELTRÃO, L.; NASCIMENTO, H. (2000). *O desafio na Escola*. Lisboa: ed. Presença, citado por MARCHAND, H. (s.d.). *A educação dos valores nas escolas - ou "devem as escolas ensinar valores?, "que valores deve a escola desenvolver nos seus alunos?", "de que modo fazê-lo?"*. Em <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/hmarchand.Pdf> (Consultado a 27/05/2007).
- BENTO, P. T. (2001). *Do lugar da educação para a cidadania no currículo*. Revista Portuguesa de Educação, vol. 14, nº 1, Universidade do Minho Braga.
- BRUXARRAIS, M. R. (1997). *Formación del Profesorado en Educación en Valores: Proposta y Materiales*. Bilbao: Desclée, citado por MARQUES, R. (2003). *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Edidorial Presença.
- CABANAS, J. M. Q. (2001). *Las creencias y la educación. Pedagogia cosmovisional*. Barcelona: ed. Herder.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (2006), *Para que acreditem e tenham vida*.
- CORREIA, C.; TOMÉ, I. (2007). *O que é o e-Learning. Modalidades de ensino electrónico na Internet e em disco*. Lisboa: Plátano Editora.
- COUTINHO, C. P.; JUNIOR, J. B. B. (2007). *Blog e Wiki: Os Futuros Professores e as Ferramentas da Web 2.0*. Em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIE.pdf> (Consultado a 28/03/2008).

- CRUZ, S. C. S; CARVALHO, A. A. A. (s.d.). *Weblog como Complemento ao Ensino Presencial no 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico*. Em http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/4_sonia_cruz_e_ana_amelia_carvalho_prisma.pdf (Consulta-do a 15/06/2007).
- CURY, A. (2007). *Maria, a maior educadora da História*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- FREIRE, P. (1979). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 28ª edição.
- FREIRE, P. (1977). *Extensão ou comunicação?*. Colecção "O mundo, hoje", vol.24. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 12ª edição.
- FERREIRA, P. T. (1994). *Reinventar a criatividade. Dirigentes em tempo de mudança*. Lisboa: Editorial Presença.
- GAMA, S. (2003). *Diário de Sebastião da Gama. Pequena história da minha vida de professor*. Sintra: Edições Arrábida, 12ª edição.
- GOERGEN, P. (2005). *Educação e valores no mundo contemporâneo*. Em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a13.pdf> (Consultado a 21/11/2007).
- GOMES, M. J.; LOPES, A. M (2007). *Blogues escolares: quando, como e porquê?*. Em <http://repositotium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6487/1/gomes2007.pdf> (Consultado a 2-11-2007).
- GOMES, M. J.; SILVA, A. R. (s.d.). *A blogosfera escolar portuguesa: contributos para o conhecimento do estado da arte*. Em http://prisma.cetac.ip.pt/artigospdf/16_maria_joao_gomes_e_ana_rita_silva_prisma.pdf (Consultado a 2/11/2007).
- GOMES, M.J. (2005). *Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica*. In MENDES, A.; PEREIRA, I.; COSTA, R. (editores). *Actas do VII Simpósio Internacional de informática Educativa*. Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria, pp. 311-315. Em <http://pwp.netcabo.pt/mj.gomes/supervisao/Blogs-final-nome.pdf> (Consultado a 31/03/2008).
- GRANIERI, G. (2006). *Geração Blogue*. Lisboa: Editorial Presença.
- GUTIERREZ, S. (2005). *Weblogs e educação: contribuição para a construção de uma teoria*. Em www.cinted.ufrgs.br/remote/maio2005/artigos/a15_welogs.pdf (Consultado em 10/03/2008).
- HUANN, T.; JONH, O.; YUEN, J. (2005). *"Weblogs in Education"*. Singapura. Em http://www.moe.gov.sg/edumall/rd/litreview/weblogs_in_education.pdf (Consultado a 22/01/2007).

- JARDIM, J.; PEREIRA, A. (2006). *Competências Pessoais e Sociais. Guia prático para a mudança positiva*. Edições ASA.
- JUSTE, R. P. (2007). *Seminário sobre sociedad valores y educación*. Em <http://www.mec.es/cesces/ramon/html> (Consultado a 10/11/2007).
- LARA, T (2005). *Blogs para educar. Usos de los blogs en la pedagogia construtivista*. Em <http://www.Compurred.net/telos/articulocuaderno.asp?idarticulo=2&ver=65> (Consultado a 17/09/2007).
- LIMA, J. R.; CAPITÃO, Z. (2003). *E-learning e E-conteúdos : aplicações das teorias tradicionais e modernas de ensino e aprendizagem à organização e estruturação de e-cursos*. Lisboa: ed. Centro Atlântico.
- MAGLIORI, R. F. (2004). *Educação em Valores Humanos: O resgate da Construção do Indivíduo Ético*. Em <http://www.eduquenet.net/etica01.htm> (Consultado a 21/05/2007).
- MARCHAND, H. (s.d.). *A educação dos valores nas escolas - ou "devem as escolas ensinar valores?, "que valores deve a escola desenvolver nos seus alunos?", "de que modo fazê-lo?"*. Lisboa. Em <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/hmarchand.pdf> (Consultado a 27/05/2007).
- MARQUES, R. (2003). *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARQUES, R. (s.d.). *Educar em valores*. Em http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/EDUCAR%20EM%20VALORES.pdf (Consultado a 8/06/2007).
- MARQUES, R. (s.d.a). *Modelo não directivo*. Em <http://www.eses.pt/usr/ramiro/Rogers.htm> (Consultado a 22/09/2007).
- MEDINA, J. R. (2000). *Educación moral: un estudio crítico de la "clarificación de valores"*. Em <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/medina.pdf> (Consultado a 27/05/2007).
- OXFAM, I. (2005). *Hacia una Ciudadanía Global*. Em <http://www.educacionenvalores.org/IMG/pdf/EducacionDesarrollo.pdf> (Consultado a 21/05/2007).
- PERES, P. (2006). *Edublogs como mediadores de Processos educativos*. Em http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/11_paula_peres_prisma.pdf (Consultado a 11/05/2006).
- PINTO, M. (2000). *As pessoas que moram nos alunos. Ser jovem, hoje, na escola portuguesa*. Colecção Perspectivas Actuais. Porto: Edições Asa.
- PINTO, M. L. S. (2002). *Práticas educativas numa sociedade global*. Colecção Horizontes da Didáctica. Porto: Edições Asa.

- PONTE, J. P. (2001). *Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios para a comunidade educativa?*. Citado por SILVA, A. A. (2007). *Professores utilizadores das TIC em contexto educativo: estudo de caso numa escola secundária*. In COSTA, F. A.; PERALTA, H.; VISEU S. (orgs.) (2007). *As TIC na educação em Portugal. Concepções e Práticas*. "Mundo dos Saberes", 40. Porto Editora.
- ROGERS, C. (1985). *Tornar-se pessoa*. Coleção Psicologia e Pedagogia. Lisboa: Ed. Moraes, 7ª edição.
- ROJAS, E. (1994). *O homem light. Uma vida sem valores*. Ed. Gráfica de Coimbra.
- SANCHEZ, C. M. (2004). *EducaMadrid. Las Tecnologías de la Información y la Comunicación en Educación Infantil y Primer Ciclo de Educación Primaria. Reflexiones y propuestas*. Comunidad de Madrid Consejería de Educación. Em http://www.educacionenvalores.org/IMG/pdf/libro_TIC.pdf (Consulta-do a 21/05/2007).
- SANTOS, B. A. (2006). *Ciberleitura. O contributo das TIC para a leitura no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Ed. Profedições.
- SILVA, P. (2003). *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada - Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto: Edições Afrontamento.
- SOUSA, A. (2001). *Educação em valores na Pré-escolaridade e no 1º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: ESSE João de Deus. Citado por MARQUES, R. (2003) *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- UNESCO (2008). *ICT Competency Standards for teachers. Competency Standards Modules*. Em <http://cst.unesco-ci.org/sites/projects/cst/default.aspx> (Consultado a 4/09/2008).
- VALENTE, M. O. (2006). *A Educação para os Valores*. Em http://www.educacionenvalores.org/IMG/pdf/educacao_valores.pdf (Consultado a 18/05/2007).

ANEXOS

Índice de anexos

Anexo A: Netvibes

Anexo B: Gestão de um blogue

Anexo C: Alojamento e partilha de documentos (box.net)

Anexo D: Questionário um

Anexo E: Questionário dois

Anexo F: Questionário da avaliação do Blogue

Anexo G: Análise ao Questionário um

Anexo H: Análise ao Questionário dois

Anexo I: Análise ao Questionário de avaliação do blogue

Anexo J: Entrevista à animadora do grupo “Folhas livres”

Anexo L: Mail do F.

Anexo M: Conversa com o F. pelo Meebo

Anexo N: Avaliação da animadora do grupo “Por amor a Deus”

Anexo O: Conversa no blogue com um grupo de catequese

Sindicância

RSS

Agregação

Netvibes



Blogues



O que são blogues

Parece estar na moda falar de blogues. Mas o que é isso de blogues? E podem ser utilizados num contexto de aprendizagem?

Para responder a isso, deixo aqui um texto de Suzana Gutierrez (http://praticasdevida.blogspot.com/2004_02_08_praticasdevida_archive.html#10762152): “A meu ver, os weblogs terão cada vez maior importância, especialmente na comunicação e na educação. Atualmente, o formato weblog, vem sendo usado em diversos tipos de publicação. Entre elas, encontram-se páginas pessoais, páginas temáticas, diários de pesquisa, ambiente colaborativo, clipping jornalístico, etc.

De expressão unicamente individual tornou-se uma forma de publicação em co-autoria. O contínuo fluxo de informação entre blogueiros deu origem a verdadeiros webring6. Estas comunidades de weblogs interligadas confirmam a polifonia e a intertextualidade já constatadas em ambientes virtuais.

Por todas estas razões, os weblogs vêm se consolidando como ambientes de construção cooperativa do conhecimento. Neles, o processo de construção ocorre de forma livre e aberta, promovendo o uso social da informação e do conhecimento, colocando estes como direito de todos.

Penso que os weblogs, usados em projectos educacionais, podem desencadear entre os participantes o exercício da expressão criadora escrita, artística, hipertextual. Pela sua estrutura, permitem o exercício do diálogo, da autoria e co-autoria, inclusive na alteração da própria estrutura. Eles possibilitam, também, o retorno à própria produção, a reflexão crítica, a re-interpretação de conceitos e práticas.

Professores e alunos, parceiros de aprendizagem, podem retroagir sobre seu trabalho, revendo etapas e processos, tomando consciência de sua prática. O weblog regista de forma dinâmica todo o processo de construção do conhecimento e abre espaço para a pesquisa.

Deste modo, os weblogs contribuem para a consolidação de novos papéis para alunos e professores no processo educativos, com uma actuação menos directiva destes e mais participante de todos. Uma parceria num processo em que todos ensinam e aprendem. (FREIRE, 2002).

Os weblogs registram todas as fases do projecto, sua criação, seu detalhamento e desenvolvimento até sua finalização. Tornam-se adjuvantes do ensino-pesquisa, facilitam a implementação de projetos inter e transdisciplinares, dando visibilidade, alternativas interativas e suporte a projetos que envolvam a escola como um todo e, até, as famílias e a comunidade.”

Precisamos de ter em conta que a simples utilização destas ferramentas não é, só por si, garantia de sucesso no campo da motivação e da educação para os valores. Elas só serão uma mais-valia se tivermos em atenção a sua utilização pedagógica. “A utilização de uma tecnologia da comunicação não representa, em si mesma, uma acção educativa; é necessário integrar o seu uso em programas educativos bem fundamentados” (Yuste, 2007:168).

Componente técnica

Para podermos tirar melhores vantagens da utilização dos blogues em contexto educativo, é necessário socorrer-nos de outras ferramentas que facilitem a consulta e nos ajudem a criar mais interacção entre todos os participantes nos blogues.

Os blogues usam uma tecnologia de sindicância, que fornece fontes (*feeds*). Uma das características destes sites é a sua actualização regular. Para se poder acompanhar esta actualização, o servidor fornece esses feeds que juntamente com um serviço de agregação de *feeds* nos informam das novas actualizações.

Como utilizar

Vamos primeiro conhecer um serviço de agregação de fontes. Vamos utilizar o Netvibes. O endereço é o seguinte: www.netvibes.com. Para se poder utilizar este site é necessário fazer um registo.

Para isso, vamos ao site, e clicamos em entrar (cf. figura 1).

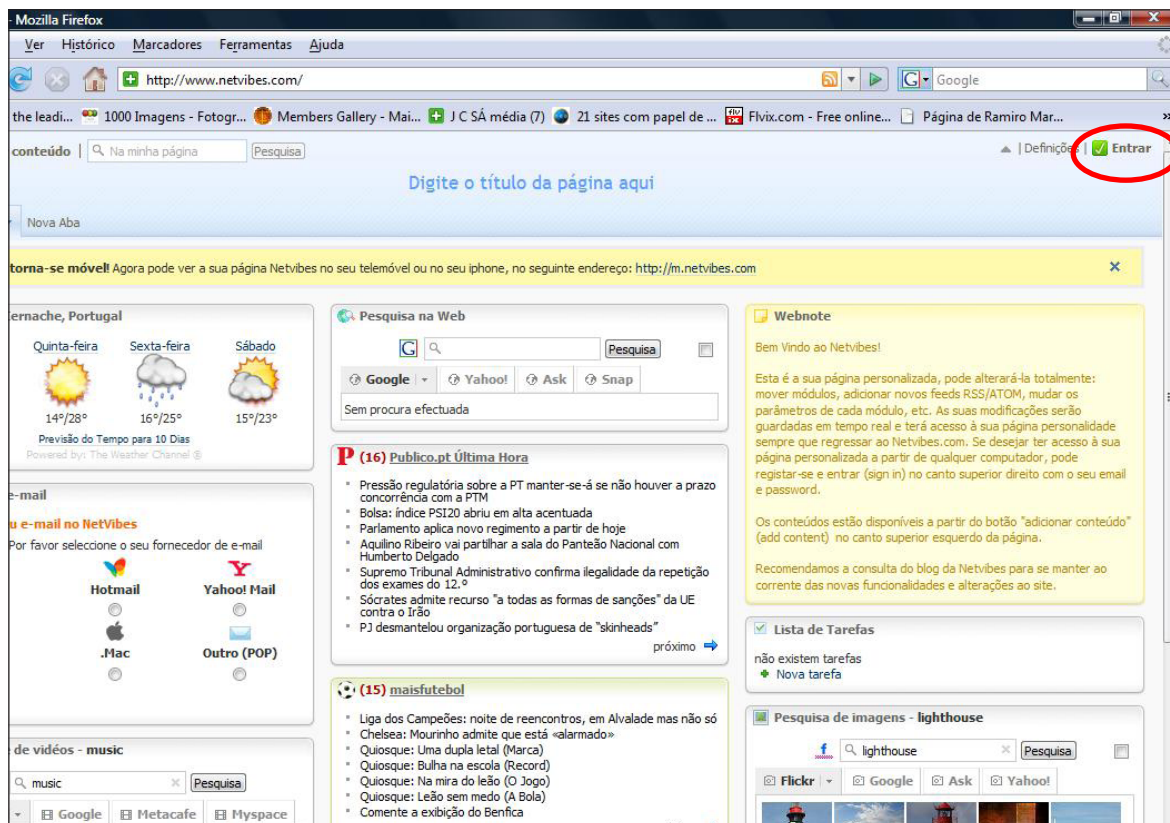


Figura 1



Figura 2

Depois é necessário fazer o registo. Para isso, clicamos em “Registe-se agora” (cf. figura 2). Irá aparecer uma janela para preencher (cf. figura 3)

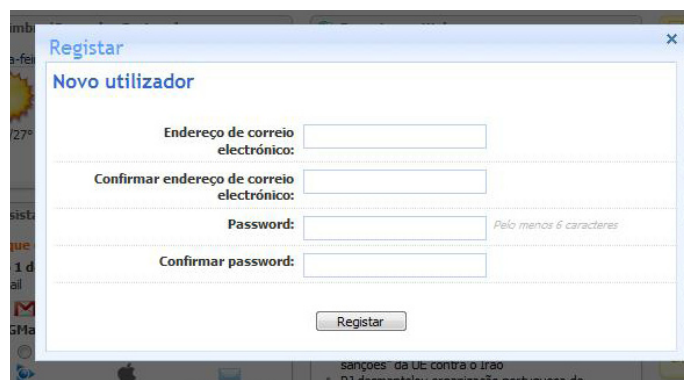


Figura 3

Depois de efectuado o registo, é preciso entrar no site colocando o endereço de e-mail e a password escolhidos aquando o registo (cf. figura 4).

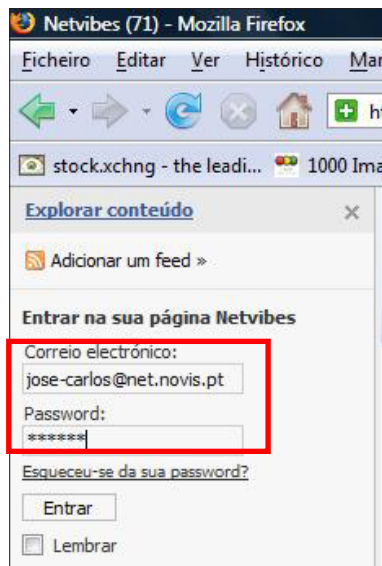


Figura 4

De seguida vamos configurar a nossa página do netvibes com os feeds que queremos agregar. Neste caso vamos utilizar os feeds do blogue partilhar. Para isso, vamos ao blogue, e clicamos em RSS Entradas (cf figura 5). Isto vai fornecer o endereço que nos irá informar sempre que haja novas entradas nesse blogue. Copiamos o endereço (cf figura 6).



Figura 5



Figura 6

De seguida, vamos à nossa página do netvibes e vamos adicionar um feed, onde colocaremos o endereço copiado anteriormente (cf. figura 7).

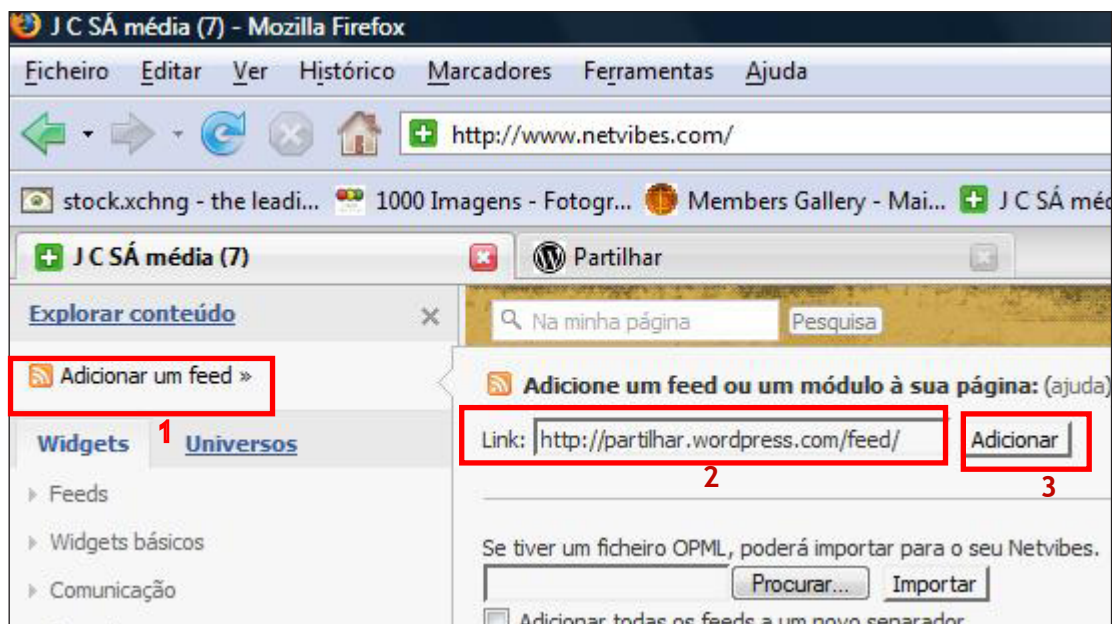


Figura 7

Depois deve fazer os mesmos passos para agregar feeds dos comentários, a fim de poder ser informado sobre os novos comentários que vão surgindo, poder reflectir e expressar a sua opinião, criando interacção (cf. figura 7).

Se clicar em cima do comentário, pode visualiza-lo sem ter de ir ao blogue. Se pretender comentar, então clica no título e será encaminhado directamente para o comentário no respectivo blogue (cf figura 8)

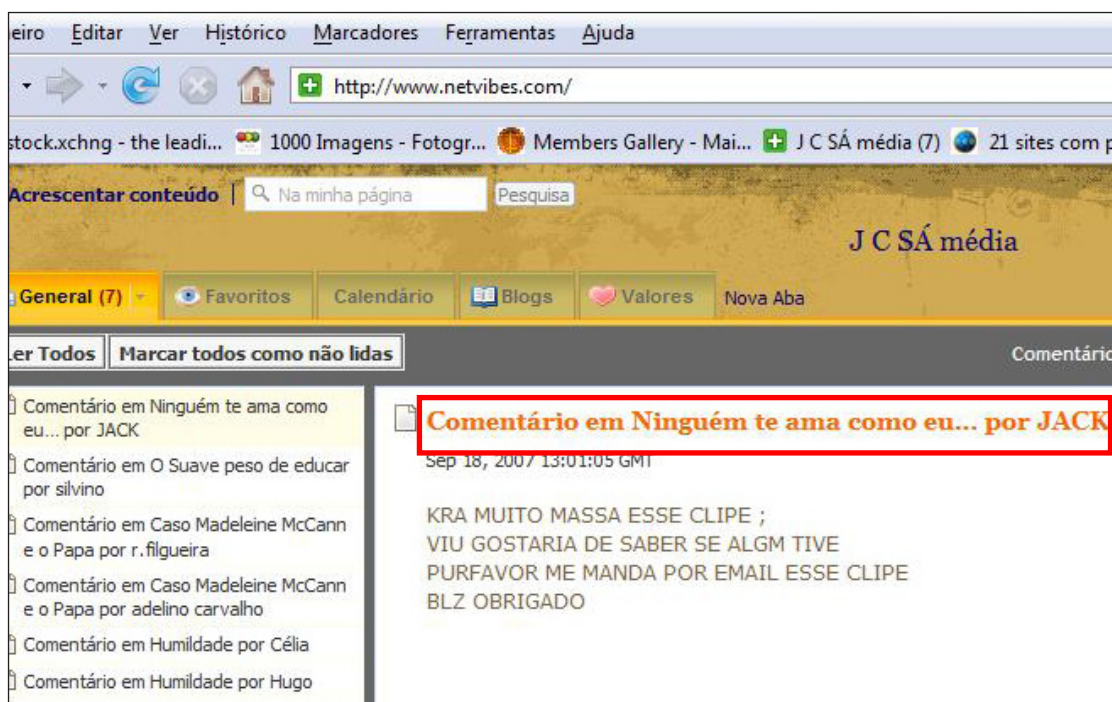


Figura 8

O netvibes não serve só para acompanhar blogues. Podemos colocar e organizar os nossos favoritos, tendo-os assim sempre disponíveis onde quer que estejamos. Até agora, a lista de favoritos ficava exclusivamente no nosso computador. Podemos também colocar outros *feeds*, tais como a meteorologia, notícias, as contas mail, colocar notas e até colocar documentos on-line. Para este último serviço é necessário a inscrição em outro site (www.box.net).

Para acrescentar mais *feeds*, deve clicar onde diz “acrescentar conteúdo” e procurar o que pretende.

A nossa página do netvibes pode ser personalizada, organizando as várias janelas como nós queremos, arrastando-as para a posição mais desejada, e abrindo várias abas para uma melhor organização (cf. figura 9).

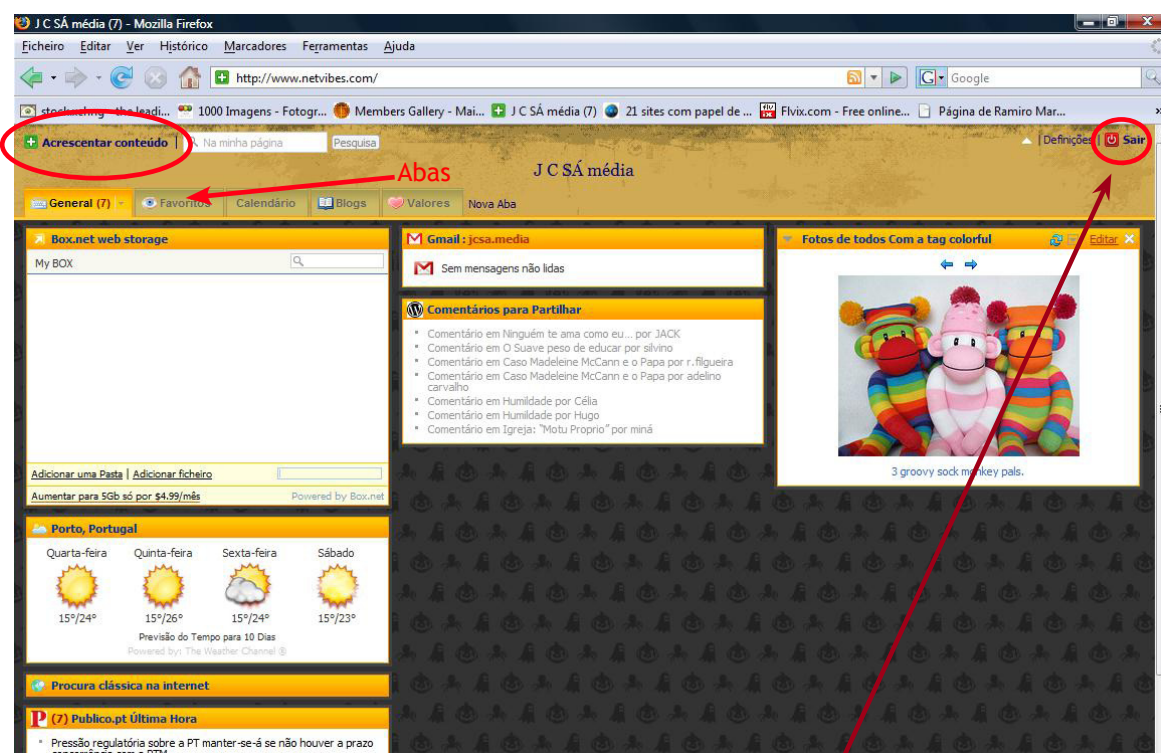


Figura 9

Uma última recomendação: se utilizar este serviço num computador que não o seu, ou em um a que mais pessoas tenha acesso, é recomendável, antes de sair da página que clique em “sair”. Não chega clicar no tradicional **X** para fechar as páginas. Caso não o faça, se alguém aceder a esta página, tem acesso aos seus dados.

Hipertexto

Gestão

Link

Blogue



Cooperação

Partilha



Gestão de um blogue

Neste projecto queremos que todos participem. E isso não se aplica apenas aos comentários que podem e devem fazer às entradas que alguém coloca no blogue. Pode também colocar entradas para que outros comentem. Assim criamos interacção entre todos.

Mas para isso acontecer, é necessário que haja um registo que nos dará o *username* e a *password*.

Isso irá dar-nos a possibilidade de colocar e editar entradas, editar os comentários, consultar as estatísticas.

Como se pode fazer este registo?

O primeiro passo consiste em manifestar o desejo de participar no blogue deixando um comentário. Depois, o administrador do blogue, irá enviar um mail a formular um convite a ser colaborador do seu blogue.

Ao receber o *mail*, deve clicar no *link* que se encontra lá, e este irá transportá-lo para o site da wordpress onde começará o seu registo (cf. fig.1).

fig.1

De seguida, irá preencher os campos com o seu *username* (nome de registo); *password* (código de acesso); confirmar a *password*; seleccionar a caixa a dizer que concorda com as condições (*I have read....*); seleccionar a caixa "*Just a username, please*"; clicar em *next*.

Observação:

Também pode escolher a língua do site. O Inglês aparece por defeito. Mas pode escolher o Português.

Se tudo estiver bem, isto é, não houver mais nenhum *username* igual e também com a *password*, aparecerá uma janela a informar que o seu registo está feito e pode colaborar com o blogue. Caso contrário, surgirá uma janela, onde os campos a vermelho terão de ser alterados (cf. fig. 2)

fig.2

fig.3

Agora já pode entrar no blogue como colaborador. Vá ao endereço do blogue "*www.conviveronline.wordpress.com*" e clique em "*entrar*" no campo *meta* do blogue (cf. fig. 3). De seguida irá aparecer uma janela onde irá colocar a sua *username* e o código (cf. fig 4).

fig.4



fig.5

Agora está no blogue mas em condições de colaborar. Para isso, vá novamente ao campo *Meta* e clique em “Administração do site” (cf. fig 5).

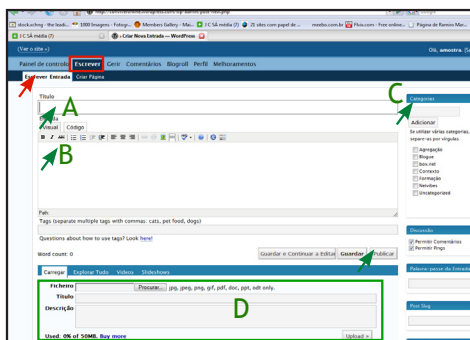


fig.6

Agora sim, já poderá executar algumas tarefas antes não autorizadas (tais como escrever entradas, editar comentários e consultar as estatísticas do blogue) (cf. fig 6).

Para isso, basta clicar nos separadores que indicam o pretende fazer. Poderemos também verificar que dentro de cada separador existem outros separadores relacionados com o anterior (cf. fig 6).

Para escrever uma entrada, deve dar um título, escrever a entrada, escolher as categorias e finalmente clicar em *Submit for Review*, para publicar. Se por ventura tem de abandonar temporariamente o que está a fazer e para não perder o que já escreveu, pode guardar um rascunho, clicando não em “*Submit*” mas em “guardar”. Também pode colocar uma imagem na entrada (cf. letra D, fig. 6) (*atenção: a imagem não convém que seja muito pesada*).

Se pretender colocar um *link* para algum site ou para *download* de algum ficheiro, escolha o separador “código” (cf. fig. 7, letra A), seleccione a palavra que pretende que seja o *link* (letra B), e clique em *link* (letra C). Irá aparecer uma janela onde colocará o *link* do que pretende partilhar (letra D).

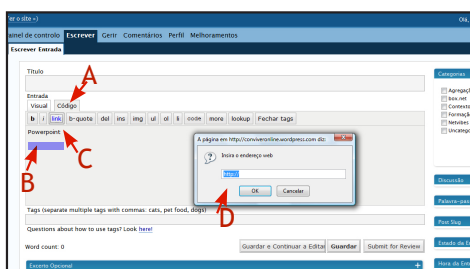


fig.7

Também pode, no campo visual, depois de seleccionar a palavra que vai servir de *link*, clicar no icon simbolizado no cadeado, e preencher os campos da janela que irá surgir (cf. fig. 7a).

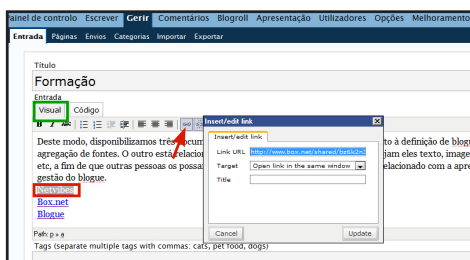


fig.7a

Caso queiram partilhar um video do youtube, por exemplo, devem escrever o *link* precedido de `[youtube=` e terminar com `]` (fica desta forma: `[youtube=http://www.youtube.com/watch?v=dsG7iZDHBNo]`), tudo isto no campo “código”.

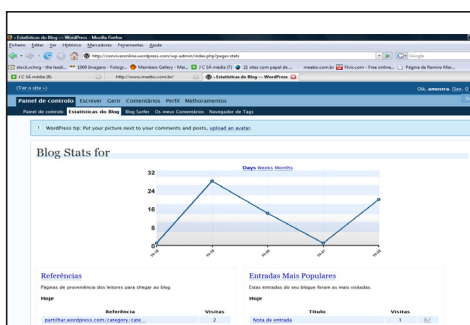


fig.8

No separador “Painel de controlo”, “Estatísticas do Blog”, poderá consultar as estatísticas gerais como por entradas (cf. fig. 8).

Observação:
para fazer comentários não é necessário entrar na administração do blogue.

Bom trabalho e boas partilhas.

Upload

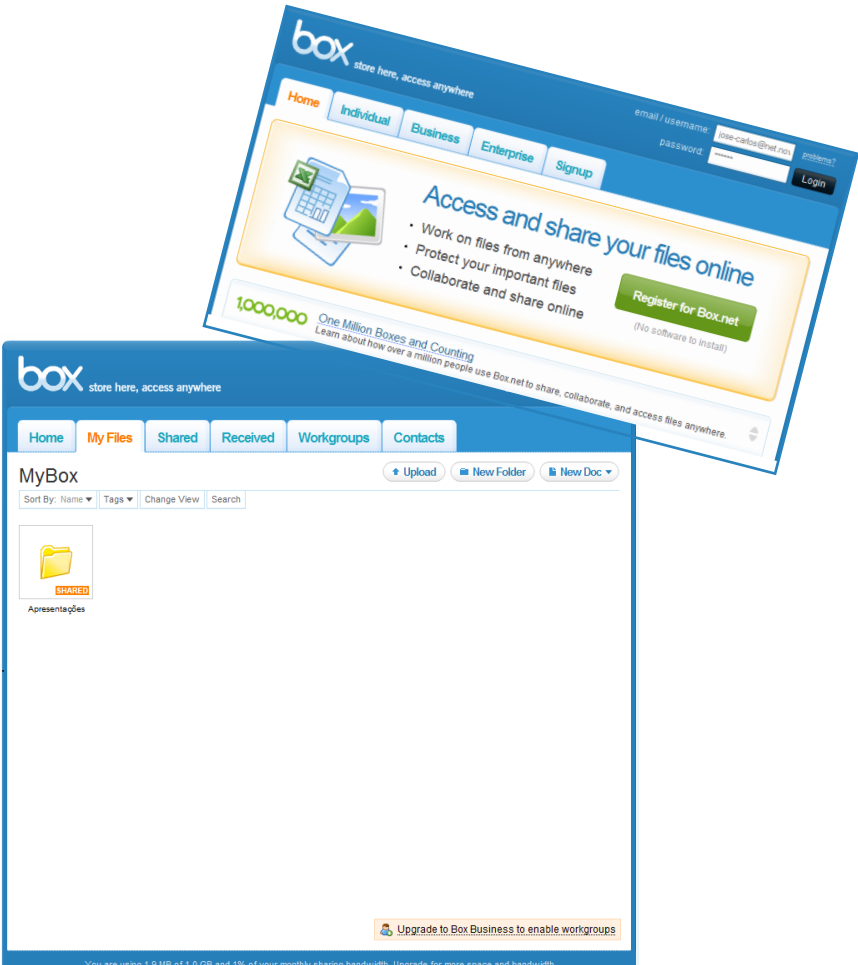
Download

box.net



Share

MyBox



Alojar e partilhar documentos

www.box.net

Neste documento, vamos aprender a colocar ficheiros *online*, uma espécie de *pen* virtual. Desta forma terei os meus documentos sempre disponíveis, desde que tenha acesso à internet. Para além disso, este serviço cria um *link* para cada ficheiro, a fim de o podermos partilhar, seja por *mail* seja para colocar no blogue. Pelo link, qualquer pessoa poderá fazer o *download* do mesmo.

Qual a vantagem? Se pretendo colocar um ficheiro no blogue, este vai ocupar muito espaço no blogue. Por meio deste serviço, o blogue fica mais leve e os documentos que queremos partilhar estão lá para o efeito.

Vamos agora aprender, passo a passo, o que fazer para utilizarmos este serviço.

O primeiro passo é o registo no site www.box.net (cf. fig. 1) e preencher os campos que aparecem na janela (cf. fig. 2).

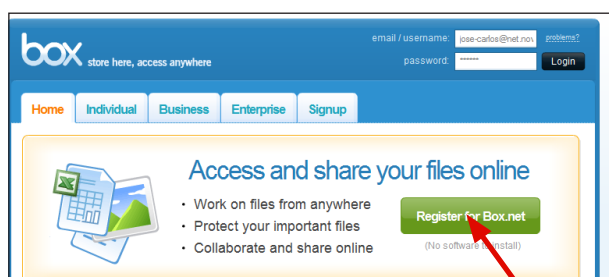


fig. 1

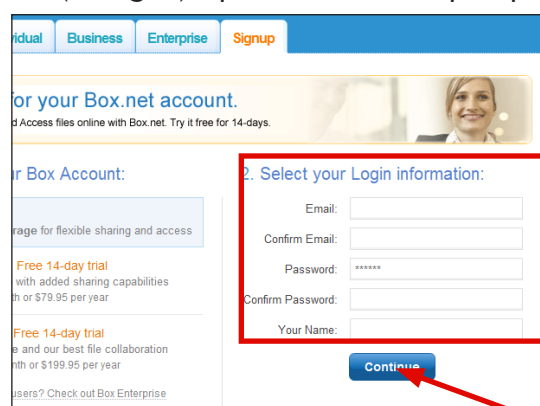


fig. 2

Depois destes passos, já tem o seu login para entrar na sua conta. Agora é só colocar os seus ficheiros. Pode criar pastas para uma melhor organização. Para isso, clica em *upload* (cf. fig. 3), e então surgirá uma janela para adicionar o ficheiro que pretende carregar (cf. fig. 4). Clica em Add files e aparecerá a janela para que localize o ficheiro em causa.

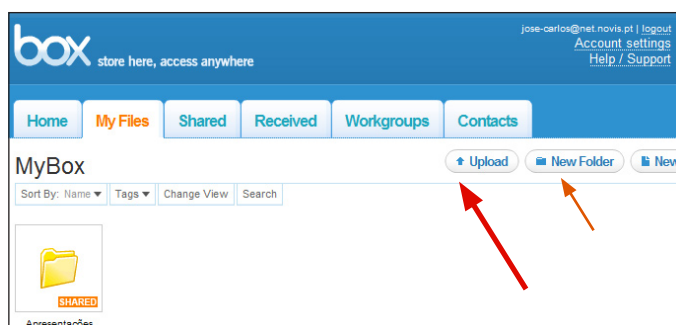


fig. 3

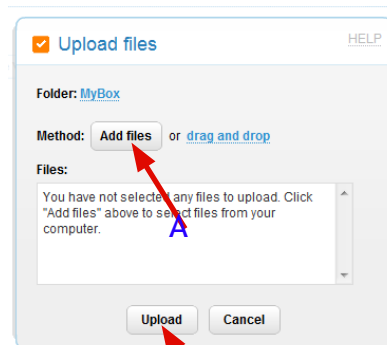


fig. 4

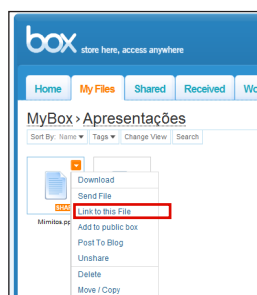


fig. 5

Com o ficheiro carregado, clicando na seta laranja que aparece no canto superior direito do ficheiro, clicarmos em *link to this file* (cf fig. 5). O serviço irá fornecer um link que deverá ser copiado e colocado no blogue para que os interessados possam descarregar o ficheiro (cf fig. 6)

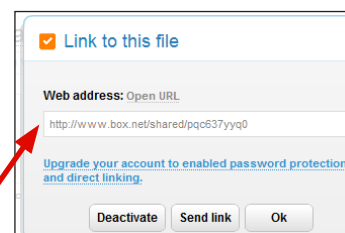


fig. 6

Questionário um

As questões que se seguem destinam-se a um estudo sobre a utilização da internet na educação para os valores. Este estudo é realizado no âmbito do Mestrado em Multimédia em Educação, da Universidade de Aveiro, sobre o tema: “A Web 2.0 na educação para os valores: problema ou desafio?”.

Responda com sinceridade com a certeza de que os dados fornecidos permanecerão confidenciais.

Público-alvo:

Todos os indivíduos que frequentem aulas no âmbito da Educação para os Valores.

Objectivo geral:

Conhecer o interesse dos adolescentes no recurso à internet como meio de educação para os valores

*Observação: As questões que começam com * podem ser de resposta múltipla.*

1. Sexo:

M ☐ F ☐

2. Idade:

6-8 ☐ 9-11 ☐ 12-14 ☐ 15-17 ☐ 18... ☐

3. Ano escolar que frequentas:

1 ciclo ☐ 2 ciclo ☐ 3 ciclo ☐ Secundário ☐

4. Tipo de escola que frequentas:

privada ☐ pública ☐

5. Na escola, costumas utilizar o computador?

Sim ☐ Não ☐

6. Tens computador pessoal em casa?

Sim ☐ Não ☐

7. * Com que finalidades utilizas o computador?

Jogar ☐ Word ☐ Powerpoint ☐ Internet ☐ Comunicar: msn ☐ Mail ☐ Ouvir música ☐ Ver filmes ☐
Fazer os TPC ☐ Estudar ☐ Ver cd's sobre as disciplinas ☐

8. * Costumas navegar na internet?

Não utilizo ☐ Sim, na escola ☐ Sim, em casa ☐

9. * Porque vais para a internet?

Divertimento ☐ Jogar ☐ Pesquisar ☐ Falar com outras pessoas ☐ Consultar a Wikipedia ☐
Tirar dúvidas sobre matérias da escola ☐ Fazer downloads ☐ Fazer os TPC ☐

10. Utilizas o mail?

Sim ☐ Não ☐

11. Já alguma vez ouviste falar de blogues?

Sim ☐ Não ☐

12. Sabes o que é um blogue?

Sim ☐ Não ☐

13. Já visitaste algum blogue?

Sim ☐ Não ☐

14. * Se sim, que tipo de blogues visitas?

Generalistas ☐ Pessoais ☐ Relacionados com a escola ☐

Relacionados com as TIC ☐ Relacionados com os Valores ☐

15. Se sim, que mais gostas de ver?

Texto ☐ Filmes ☐ Apresentações de Powerpoint ☐ Histórias com mensagem ☐

16. Já fizeste algum comentário em algum blogue?

Sim ☐ Não ☐

17. Tens algum blogue?

Sim ☐ Não ☐

18. E sobre o blogue “Partilhar?”

Nunca visitei ☐ Já visitei mas não comentei ☐ Já fiz comentários ☐

Tem coisas interessantes ☐ Não tem muito interesse ☐ Não tem interesse nenhum ☐

19. Se já visitaste o “Partilhar”, que mais gostas?”

Filmes ☐ Histórias com mensagem ☐ Opiniões ☐ Comentários ☐

As animações de Powerpoint ☐

20. Que achas dos blogues?

Não tenho opinião ☐ Não consigo acompanhar os comentários e desisto ☐ São interessantes ☐

Pode aprender-se muitas coisas ☐ Não servem para nada ☐

21. Nas tuas aulas, os professores costumam utilizar o computador?

Sim ☐ Não ☐

22. Os professores costumam mandar pesquisar conteúdos na internet?

Sim ☐ Não ☐

23. Achas que a utilização do computador nas aulas ajudaria a participares mais nas aulas?

Sim ☐ Não ☐

24. O teu professor de Moral costuma utilizar o computador nas aulas?

Muitas vezes ☐ Poucas vezes ☐ Nunca ☐

25. A tua catequista costuma utilizar o computador nos encontros/aulas?

Muitas vezes ☐ Poucas vezes ☐ Nunca ☐

26. Gostavas que o professor de Moral utilizasse o computador nas aulas?

Sim ☐ Não ☐

27. Porquê?

Ajuda a estar mais atento ☐ É mais motivador ☐ Compreendo melhor os assuntos ☐

28. Gostavas que a tua catequista utilizasse o computador nas aulas/encontros?

Sim ☐ Não ☐

29. Porquê?

Ajuda a estar mais atento ☐ É mais motivador ☐ Compreendo melhor os assuntos ☐

30. Que achas da ideia de os catequistas utilizarem um blogue para os apresentar os temas?

Boa ideia ☐ Não gosto da ideia ☐ Não sei responder ☐

Obrigado pela tua colaboração.

Envia para o meu mail: jcsa.media@gmail.com

Questionário dois

As questões que se seguem destinam-se a um estudo sobre a utilização da internet na educação para os valores.

Este estudo é realizado no âmbito do Mestrado em Multimédia em Educação, da Universidade de Aveiro, sobre o tema: “A Web 2.0 na educação para os valores: problema ou desafio?”.

Responda com sinceridade com a certeza de que os dados fornecidos permanecerão confidenciais.

Público-alvo:

Adolescentes do 9º e 10º ano da formação dos valores (catequese).

Grupos de jovens.

Objectivo geral:

Conhecer o interesse dos adolescentes no recurso à internet como meio de educação para os valores

*Observação: As questões que começam com * podem ser de resposta múltipla.*

Email:	Idade:	Sexo: M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Freguesia de residência:	Concelho:	
Que ano frequentas na escola	e na catequese	
Profissão do pai	Profissão da mãe	
Formação académica do pai ...	Formação académica da mãe ...	

1. Tens computador pessoal?

Sim ☐ Não ☐

2. * Que costumás fazer no computador?

Jogar ☐ Trabalhos de casa ☐ Estudar ☐ Apresentações de Powerpoint ☐ Navegar na Internet ☐

Ver filmes ☐ Ouvir música ☐ Conversar com outras pessoas ☐

3. Tens alguma formação em TIC?

Não ☐ Sim, fiz um curso ☐ Sim, tenho/tive aulas de TIC ☐

4. * Que programas costumás utilizar no computador?

Jogos ☐ Word ☐ Exel ☐ Powerpoint ☐ Edição de imagem (Paint, Photoshop,...) ☐

Edição gráfica (Corel, Illustrator,...) ☐ Animação (flash...) ☐ Edição de filmes (Premiere, MovieMaker...) ☐

Ver cd's rom sobre as disciplinas ☐ Outros ☐

5. * Costumas navegar na internet?

Não tenho acesso ☐ Sim, em casa ☐ Sim, na escola ☐

6. * Que costumavas fazer na internet?

Jogar ☐ Pesquisas para TPC ☐ Wikipedia ☐ Participar em blogues ☐ Conversar ☐ Enviar mail ☐
Procurar imagens ☐ Fazer downloads de músicas ☐ Pesquisas para as aulas ☐
Partilhar coisas que encontro ☐ Descobrir novos amigos ☐ Ver filmes no Youtube ☐
Tirar dúvidas sobre matérias da escola ☐ Outros ☐

7. * Costumas utilizar o mail?

Não utilizo ☐ sim, com os amigos ☐ Sim, com os professores ☐ Sim, com os colegas da escola ☐
Sim, com outras pessoas ☐

8. * Costumas utilizar o Messenger, ou outro programa de comunicação síncrona?

Não sei o que é ☐ Não utilizo ☐ Sim, utilizo para conversar com os amigos ☐
Utilizo para tirar dúvidas com os professores ☐ Utilizo para tirar dúvidas com os colegas ☐
Utilizo para desabafar um pouco os meus problemas ☐

9. Já alguma vez ouviste falar de blogues?

Sim ☐ Não ☐

10. Se sim, já alguma vez fizeste comentários em algum?

Sim ☐ Não ☐

11. * Se respondeste sim à pergunta anterior, que género de blogues visitas?

Generalista ☐ Pessoais ☐ Relacionados com a escola ☐ Relacionados com as TIC ☐ Relacionados com os Valores ☐

12. Que temas mais gostas de ver nos blogues?

Texto ☐ Filmes ☐ Apresentações de Powerpoint ☐ Histórias com mensagem ☐

13. Achas que a tua opinião pode interessar a outras pessoas?

Não ☐ Sim ☐

14. Se o teu trabalho (*cartaz, apresentação, texto,...*) fosse para colocar na internet, terias mais cuidado ao fazê-lo?

Sim ☐ Não ☐

15. Sabes o que são *feeds* ou fontes dos blogues?

Nunca ouvi falar ☐ Sei ☐

16. Sabes o que são ferramentas de agregação de fontes?

Nunca ouvi falar ☐ Sei, mas não utilizo ☐ Sei e tenho já um registo ☐

17. Consideras importantes as aulas de Educação para os Valores (*Moral, catequese, Formação cívica*)?

Não ☐ Sim ☐

18. Frequentas as aulas, porque?

Não frequento ☐ Sou obrigado ☐ Gosto ☐ Acho que fazem falta para a vida ☐
Por causa dos colegas ☐ Porque gosto do professor ☐

19. Quais as razões que te levaram a dar essa resposta?

Não têm interesse nenhum ☐ Ajudam na vida ☐ Ajudam a resolver os problemas ☐
Podemos debater assuntos da actualidade ☐ Ajudam-nos a pensar nos outros ☐
Aprendemos com as opiniões dos outros ☐

20. Costumas participar oralmente nas aulas de Educação para os Valores?

Não, tenho vergonha ☐ Sim, gosto de dizer a minha opinião ☐

21. Se não tivesses de “dar a cara” nas aulas, achas que participarias mais?

Sim ☐ Não ☐

22. Como consideras a catequese?

Maçadora ☐ Pouco motivadora ☐ Motivadora ☐ Muito motivadora ☐

23. * Como gostarias que a catequese fosse dada?

Só o catequista a falar ☐ Os alunos poderem participar ☐ Trabalhos de grupo ☐
Com apresentações de powerpoint e/ou filmes ☐
Seremos nós a descobrir, procurando os temas na internet ou noutros locais ☐
A catequista contar histórias que ajudem a pensar ☐ Mais dinâmicas (jogos, actividades, ...) ☐

24. Consideras que a catequese está relacionada com a vida?

Nada ☐ Pouco ☐ Relacionada ☐ Muito relacionada ☐

25. Achas que a utilização da internet pode favorecer a educação para os valores?

Sim ☐ Não ☐

26. * Se sim, porquê?

Mais atractiva ☐ Mais motivadora ☐ Passar melhor o tempo ☐ Aprende-se melhor ☐
Tem a ver com a vida ☐ Ajuda a fixar melhor ☐ Mais fácil, porque não precisamos de mostrar a cara ☐
Conhecemos outras pessoas ☐ Pensamos mais ☐

Obrigado pela tua colaboração.

Envia para o meu mail: jcsa.media@gmail.com

Questionário de avaliação do Blogue

Este questionário serve para avaliar a importância do blogue “conviveronline” no processo de educação para os valores, como forma de suporte e complemento de desenvolvimento de competências pessoais e sociais.

Inserir-se no âmbito de dissertação de mestrado em Multimédia em Educação de José Carlos Azevedo Sá.

O público-alvo: os grupos de jovens que integraram o projecto da Educação para os valores com recurso ao blogue.

Quanto mais as respostas se aproximarem da verdade, maior será a qualidade da análise científica do projecto. Este questionário é confidencial. Pedimos a vossa colaboração a fim de avaliar o que foi feito e de corrigir estratégias.

Obrigado pela colaboração.

1. Nome do grupo a que pertences:

2. Em média, quantas vezes, por semana, visitaste o blogue?

Todos os dias ☐ 3 a 4 vezes ☐ 1 a 2 vezes ☐ Nenhuma vez ☐

3. Porque sim ou porque não?

Sim, tinha interesse ☐ Não tinha acesso ☐

Não me interessei ☐ Não gostei da ideia ☐

4. O blogue era em regime de co-autoria: todos poderiam ter direitos de edição.

Publicaste alguma entrada no blogue?

Sim ☐ Não ☐

5. Se respondeste não: porque não quiseste ter acesso ao blogue como administrador?

Não me apeteceu ☐ Não tenho interesse nestas coisas ☐

Não tinha acesso à internet ☐ Não sabia como fazer ☐

6. Para melhor acompanhar a evolução de um blogue, é de muita utilidade a utilização de um leitor de *feeds* (fontes). Usaste algum, como, por exemplo, o Netvibes?

Sim ☐ Não ☐

7. Se respondeste não, diz porquê.

Não sabia a utilidade ☐ Tive dificuldade em fazer o registo ☐

Não vi interesse ☐ Não tinha acesso à internet ☐

8. No início das actividades, foram divulgados três documentos de apoio à utilização do blogue, bem como alguma formação. Como os consideras?

Úteis ☐ Não li ☐ Não entendi ☐ Não sabia ☐

9. Como consideras a utilização do blogue na vossa caminhada de formação e no vosso trabalho de grupo?

Muito útil ☐ Útil ☐ Inútil ☐ Sem opinião ☐

10. A utilização do blogue alterou, em alguma coisa, a tua forma de pensar e trabalhar?

Sim ☐ Não ☐

11. Publicaste algum comentário?

Sim ☐ Não ☐

12. Se respondeste não, diz porquê.

Não tinha acesso ☐ Considerei as "entradas" sem interesse ☐

Achei que não tinha nada a dizer ☐ Não sabia que responder ☐

O que pretendia escrever já alguém o tinha feito ☐

13. Quando publicaste comentários no blogue, sentiste que:

Estavas à vontade ☐ Estavas pouco à vontade ☐

14. Partilhamos o que sabemos e aprendemos sempre alguma coisa. Também podemos exprimir a nossa opinião no blogue.

Sim ☐ Em Parte ☐ Não ☐ Sem opinião ☐

15. Tinha consciência de que o blogue era vosso e para vocês?

Sim ☐ Não ☐

16. A criação do blogue foi uma experiência:

Desafiante ☐ Nem desafiante nem aborrecida ☐ Aborrecida ☐ Sem opinião ☐

17. És de opinião que o blogue deve continuar a existir, como meio de comunicação, publicação de ideias, formação e divulgação de actividades e trabalhos?

Sim ☐ Não ☐

18. De 1 a 10, que nota dás à tua participação no blogue?

1 a 4 ☐ 5 a 7 ☐ 8 a 10 ☐

19. Que tens a dizer sobre o blogue no teu processo de formação?

Obrigado pela tua colaboração

Análise ao Questionário um

1	Sexo							
	M	F	S/ resp					
	47	33						80
	58,8%	41,3%						100,0%
2	Idade							
	6 a 8	9 a 11	12 a 14	15 a 17	18...	S/ resp		
	30	22	28	0	0			80
	37,5%	27,5%	35,0%	0,0%	0,0%			100,0%
3	Ano escolar							
	1 ciclo	2 ciclo	3 ciclo	sec.	S/ resp			
	44	17	19	0				80
	55,0%	21,3%	23,8%	0,0%				100,0%
4	Tipo de escola							
	privada	pública	S/ resp					
	27	53						80
	33,8%	66,3%						100,0%
5	Usa o pc na escola							
	S	N	S/ resp					
	22	58						80
	27,5%	72,5%						100,0%
6	Tem pc em casa							
	S	N	S/ resp					
	54	26						80
	67,5%	32,5%						100,0%
7	Finalidade de utilização do pc (resposta múltipla)							
	jogar	TPC	estudar	PPT	Net	Filmes	Música	Msn
	47	26	11	8	32	23	40	11
	58,8%	32,5%	13,8%	10,0%	40,0%	28,8%	50,0%	13,8%
	mail	cd'rom	Word					
	7	7	16					
	8,8%	8,8%	20,0%					
8	Navegas na net? (resposta múltipla)							
	Não tem acesso	Sim, em casa	Sim, na escola					
	38	27	17					
	47,5%	33,8%	21,3%					
9	Porquê? (resposta múltipla)							
	divertimento	jogar	pesquisar	falar	wikipedia	tirar dúvidas	downloads	tpc
	21	22	24	14	4	7	6	7
	26,3%	27,5%	30,0%	17,5%	5,0%	8,8%	7,5%	8,8%

10	Utilizas o mail?							
	S	N	S/ resp					
	20	60						80
	25,0%	75,0%						100,0%
11	Já ouviste falar de blogues?							
	S	N	S/ resp					
	28	52						80
	35,0%	65,0%						100,0%
12	Sabes o que são blogues?							
	S	N	S/ resp					
	22	58						80
	27,5%	72,5%						100,0%
13	Visitaste algum blogue?							
	S	N	S/ resp					
	15	65						80
	18,8%	81,3%						100,0%
14	Se sim, que tipo de blogues visitas? (resposta múltipla)							
	generalista	pessoal	escola	tic	valores	S/ resp		
	1	11	1	1	1			15
	1,3%	13,8%	1,3%	1,3%	1,3%			18,8%
15	Que mais gostas de ver nos blogues?							
	textos	filmes	ppt	histórias	S/ resp			
	2	21	3	1				27
	2,5%	26,3%	3,8%	1,3%				33,8%
16	Já fizeste algum comentário em algum blogue?							
	S	N	S/ resp					
	5	69	6					80
	6,3%	86,3%	7,5%					100,0%
17	Tens blogue pessoal?							
	S	N	S/ resp					81
	2	71	7					100,0%
	2,5%	88,8%	8,8%					
18	Sobre o "Partilhar"							
	N visitei	visitei, n/ comentei	comentei	interessante	pouco intere.	sem int.	S/ resp	
	51	6	0	5	0	3	15	80
	63,8%	7,5%	0,0%	6,3%	0,0%	3,8%	18,8%	100,0%
19	Que mais gostas de visitar no Partilhar?							
	Filmes	Histórias	opiniões	comentá-	PPT	S/ resp		
	7	0	0	0	4	69		80
	8,8%	0,0%	0,0%	0,0%	5,0%	86,3%		100,0%

20	Que achas dos blogues?							
	Não opinião	não acompa- nho e desisto	interes- santes	aprende- se	não servem para nada	S/ resp		
	52	0	7	0	2	19		80
	65,0%	0,0%	8,8%	0,0%	2,5%	23,8%		100,0%
21	Nas aulas, o professor utiliza o pc?							
	S	N	S/ resp					
	25	55						80
	31,3%	68,8%						100,0%
22	O professor manda pesquisar na net?							
	S	N	S/ resp					
	31	49						80
	38,8%	61,3%						100,0%
23	O pc nas aulas ajudaria a participar mais?							
	S	N	S/ resp					
	60	20						80
	75,0%	25,0%						100,0%
24	O professor de EMRC usa o pc nas aulas?							
	Mt V	P. vezes	nunca	S/ resp				
	3	2	64	11				80
	3,8%	2,5%	80,0%	13,8%				100,0%
25	Na catequese, a catequista utiliza o pc?							
	Mt. vezes	P. vezes	nunca	S/ resp				
	2	39	36	3				80
	2,5%	48,8%	45,0%	3,8%				100,0%
26	Gostavas que o professor utilizasse mais o pc?							
	S	N	S/ resp					
	59	11	10					80
	73,8%	13,8%	12,5%					100,0%
27	Porquê?							
	Mais atento	motiva- dor	compre- nder melhor	S/ resp				
	0	59	0	21				80
	0,0%	73,8%	0,0%	0,0%				73,8%
28	Gostavas que a catequista utilizasse o pc na catequese?							
	S	N	S/ resp					
	69	11						80
	86,3%	13,8%						100,0%

29	Porquê?							
	Mais atento	motiva- dor	compreen- der melhor	S/ resp				
	8	36	22	14				80
	10,0%	45,0%	27,5%	17,5%				100,0%
30	Que achas da utilizaçãop de um blogue na catequese?							
	boa ideia	não gosto	não sei responder	S/ resp				
	26	8	46					80
	32,5%	10,0%	57,5%					100,0%
	Nº de respostas	80						

Análise ao questionário dois

	Sexo								
	M	F							
	15	10							
	60,0%	40,0%							
	1 Tem pc pessoal?								
	Sim	Não							
	23	2							
	92,0%	8,0%							
	2 Que fazes no pc? (resposta múltipla)								
	Jogar	TPC	Estudar	PPT	Net	Filmes	Música	Msn	
	17	14	9	14	15	18	23	11	
	68,0%	56,0%	36,0%	56,0%	60,0%	72,0%	92,0%	44,0%	
	3 Tens formação em TIC?								
	Não	Sim, curso	Sim, aulas						
	0	4	21						
	0,0%	16,0%	84,0%						
	4 Programas que mais utilizas (resposta múltipla)								
	Jogos	Word	Exel	PPT	Imagem	Gráfica	Animações	Filmes	CD'rom
	15	24	8	19	13		3	6	4
	60,0%	96,0%	32,0%	76,0%	52,0%	0,0%	12,0%	24,0%	16,0%
	Outros								
	8								
	32,0%								
	5 Navegas na net? (resposta múltipla)								
	Não tem acesso	Sim, em casa	Sim, na escola						
	3	7	12						
	12,0%	28,0%	48,0%						
	6 Que costumás fazer na internet? (resposta múltipla)								
	Jogos	Pesqui-sa para tpc	Wikiped-ia	Blogues	Msn	Mail	Imagens	Downlo-ads de musi-cas	Pesquisa para aulas
	14	12	12	5	14	8	17	12	16
	56,0%	48,0%	48,0%	20,0%	56,0%	32,0%	68,0%	48,0%	64,0%
	Partilhar coisas	Descobrir amigos	Ver filmes no youtube	Tirar dúvidas	Outro				
	3	3	12	4	8				
	12,0%	12,0%	48,0%	16,0%	32,0%				

7 Utiliza mail? (resposta múltipla)									
	Não	Sim, amigos	Sim, professores	Sim, colegas	Sim, outras pessoas				
	6	18	7	12	8				
	24,0%	72,0%	28,0%	48,0%	32,0%				
8 Utilizas o Msn? (resposta múltipla)									
	Não sei o que é	Não	Sim, c/ amigos	Sim, c/ prof	Sim, tirar duvidas	Sim, desabafar			
		6	19	3	4	4			
	0,0%	24,0%	76,0%	12,0%	16,0%	16,0%			
9 Ouviste falar de blogues?									
	Sim	Não							
	25	0							
	100,0%	0,0%							
10 Já fizeste algum comentario em algum blogue?									
	Sim	Não							
	8	17							
	32,0%	68,0%							
11 Que género de blogues visitas? (resposta múltipla)									
	Generalista	Pessoais	Escola	TIC	Valores				
	1	4	5	1	2				
	4,0%	16,0%	20,0%	4,0%	8,0%				
12 Que temas mais gostas nos blogues?									
	Texto	Filmes	PPT	Histórias					
	1	8	3	3					
	4,0%	32,0%	12,0%	12,0%					
13 Achas que a tua opiniao interessa?									
	Sim	Não							
	21	4							
	84,0%	16,0%							
14 Se os trabalhos fossem publicados, terias mais cuidado a faze-los?									
	Sim	Não							
	22	3							
	88,0%	12,0%							
15 Sabes o que são Feeds?									
	Não	Sim	S/resp.						
	18	6	1						
	72,0%	24,0%	4,0%						
16 Sabes o que são ferramentas de agregação?									
	Não	Sim, não utilizo	Sim, utilizo	S/resp.					
	19	3	1	2					
	76,0%	12,0%	4,0%	8,0%					

17	Consideras importante as aulas de ed. Valores?								
	Sim	Não							
	25	0							
	100,0%	0,0%							
18	Frequentas as aulas, porque?								
	Não frequente	Sou obrigado	Gosto	Fazem falta	Pelos colegas	Pelo prof.			
	1	0	24	0	0	0			
	4,0%	0,0%	96,0%	0,0%	0,0%	0,0%			
19	Quais as razões da resposta anterior?								
	Sem interesse	Ajudam vida	Resolver proble- mas	Assuntos actuais	Pensar nos outros	Apren- der c/ os outros			
	0	17	15	16	14	13			
	0,0%	68,0%	60,0%	64,0%	56,0%	52,0%			
20	Costumas participar oralmente nas aulas?								
	Não, vergonha	Sim							
	0	25							
	0,0%	100,0%							
21	Se não tivesses de "dar a cara", participarias mais?								
	Sim	Não	S/resp.						
	12	11	2						
	48,0%	44,0%	8,0%						
22	Como consideras a catequese?								
	Maçadora	Pouco motiva- dora	Motiva- dora	Mt motiva- dora					
	1	3	18	3					
	4,0%	12,0%	72,0%	12,0%					
23	Como gostarias que a catequese fosse dada? (resposta múltipla)								
	Apenas catequista a falar	Participaçã o alunos	Trabalho grupo	PPT/fil- mes	Auto- desco- berta	Históri- as	Dinâmicas		
	0	14	17	18	13	12	0		
	0,0%	56,0%	68,0%	72,0%	52,0%	48,0%	0,0%		
24	Consideras a catequese relacionada com a vida?								
	Nada	Pouco	Relacio- nada	Mt relacio- nada					
	0	0	15	10					
	0,0%	0,0%	60,0%	40,0%					
25	Achas que a internet pode ajudar na ed. Valores?								
	Sim	Não							
	25	0							
	100,0%	0,0%							

26	Se sim, porquê? (resposta múltipla)								
	Atractiva	Motiva- dora	Passar o tempo	Aprendem elhor	Ligada c/ vida	Fixar melhor	Não dar a cara	Conhe- cer outros	Reflecti- mos mais
	15	16	6	12	5	3	5	5	5
	60,0%	64,0%	24,0%	48,0%	20,0%	12,0%	20,0%	20,0%	20,0%
	Nº de respostas	25							

Análise ao questionário de avaliação do Blogue

2	Quantas visitas por semana				
	Todos dias	3 a 4	1 a 2	Nenhuma	
	0	1	7	7	
	0,0%	6,7%	46,7%	46,7%	
3	Porque sim e porque não				
	Tinha interesse	Não tinha acesso	Não me interessei	Não gostei da ideia	
	9	3	3	0	
	60,0%	20,0%	20,0%	0,0%	
4	Publicaste alguma entrada?				
	Sim	Não			
	3	12			
	20,0%	80,0%			
5	Se não, porquê?				
	Não apeteceu	Sem interesse	Sem acesso net	Não sabia fazer	Não respondeu
	4	0	3	4	4
	26,7%	0,0%	20,0%	26,7%	26,7%
6	Utilizaste o Netvibes?				
	Sim	Não			
	5	10			
	33,3%	66,7%			
7	Se não, porquê?				
	Não sabia	Não soube registar	Sem interesse	Sem acesso internet	Não respondeu
	3	4	1	2	5
	20,0%	26,7%	6,7%	13,3%	33,3%
8	Opinião sobre os 3 Documentos de formação				
	Úteis	Não li	Não entendi	Não sabia	
	8	5	2	0	
	53,3%	33,3%	13,3%	0,0%	
9	Consideras o blogue				
	Mt útil	Útil	Inútil	Sem opinião	
	3	10	1	1	
	20,0%	66,7%	6,7%	6,7%	
10	Alterou a forma de ver as coisas?				
	Sim	Não	Não respondeu		
	5	9	1		
	33,3%	60,0%	6,7%		

11	Comentaste?				
	Sim	Não			
	8	7			
	53,3%	46,7%			
12	Se não, porquê?				
	Sem acesso	Entradas sem interesse	Nada a dizer	Não sabia que responder	la repetir
	3	0	1	2	1
	20,0%	0,0%	6,7%	13,3%	6,7%
13	Quando comentaste, sentiste...				
	à vontade	pouco à vontade	Não respondeu		
	7	2	6		
	46,7%	13,3%	40,0%		
14	No blogue partilhamos, aprendemos, opinamos				
	Sim	Em parte	Não	Sem opinião	
	12	3	0	0	
	80,0%	20,0%	0,0%	0,0%	
15	Tinham consciência que blogue era vosso?				
	Sim	Não			
	15	0			
	100%	0%			
16	A utilização do blogue, foi uma experiência...				
	desafian-te	nem desafiante nem aborrecida	aborrecida	sem opinião	
	8	6	0	1	
	53,3%	40,0%	0,0%	6,7%	
17	O Blogue deve continuar a existir?				
	Sim	Não			
	15	0			
	100%	0%			
18	Nota pessoal de participação				
	1 a 4	5 a 7	8 a 10		
	13	2			
	86,7%	13,3%	0,0%		

Total de respostas

15

Entrevista à animadora do grupo "Folhas Livres"

Já alguma vez tinhas ouvido falar de blogues? Já tinhas comentado em algum?

Sim. Não, porque nenhum me tinha despertado interesse.

Como consideras a experiência de ser gestora do blogue? Como te sentiste?

Considero uma experiência de responsabilidade sobre o que possa transmitir e ao mesmo tempo facilita a comunicação entre as pessoas. Senti-me bem ao aderir a esta experiência, porque tentei cativar os jovens

A utilização do blogue deu maior amplitude aos encontros presenciais?

Sim deu.

Achas que poderias ter publicado mais entradas? Porquê?

Sim, porque um blogue sem entradas não se torna activo e sinto que podia ter dinamizado mais o blogue.

Porque será que os jovens comentaram pouco? Desinteresse? Falta de acesso?

Alguns por falta de acesso, outros porque não consegui que eles ficassem motivados e ainda alguns por desinteresse.

O blogue poderá ser uma ferramenta de inclusão, isto é, de fazer com que pessoas que não estejam presentes em todos os encontros continuem a integrar o grupo e a inteirar-se do seu desenvolvimento?

Sim, acho muito interessante, tivemos um caso no grupo de um elemento que foi para o estrangeiro e mesmo assim mantinha-se assim em contacto com o nosso blogue participando com os seus comentários.

Achas que o blogue deve continuar? Que sugestões dás?

Sim, deve continuar.

Mail do F.

(14/04/2008)

Boa tarde, P^e. José Carlos, antes de mais deixe-me apresentar-lhe as minhas mais sinceras felicitações pelo excelente blog que possui. Pois os conteúdos são excelentes e uma perfeita ajuda para o trabalho pastoral.

Mas o motivo do meu contacto serve, para além das felicitações, para termos um contacto mais próximo, pois pelo que pude perceber o P^e. José Carlos frequenta o mestrado aqui da UA numa temática que me é muito querida.

Passo a apresentar-me, o meu nome é F. C. M. e sou leigo casado, catequista, dirigente do CNE e mais alguns "tachos" que para aqui não são chamados. Profissionalmente trabalho na universidade de ... como analista / programador informático no ... (Gabinete de Gestão de Informação) que entre outras coisas como deve saber gere o ..., o sistema dos serviços académicos, etc. Mas além desta minha profissão sempre tive e cada vez mais tenho o gosto por esta nossa Igreja e como razão de aprofundar as minhas razões de fé e porque sentia que poderia dar mais licenciiei-me recentemente em Teologia pela Universidade P. de C. - M. com a tese de final de curso intitulada "Lançai as redes: A comunicação cristã da Diocese de Aveiro na sociedade em rede, à luz dos documentos do magistério e do conselho pontifício das comunicações sociais" sendo que com este nome pomposo pretendia estudar e apresentar pistas de reflexão acerca da relação "Igreja e Novas Tecnologias".

Pois bem descobri agora que em Portugal não sou o único a reflectir sobre esta temática e o mais engraçado é que o P^e. pelo que posso saber deve deslocar-se de quando em vez a Aveiro, certo?

Pretendia então, caso fosse possível, partilharmos alguma informação e algumas ideias, dado que actualmente sou o responsável por nomeação Episcopal da Diocese de Aveiro pelo sector das novas tecnologias. Para já fica com os meus contactos e fique com a ideia que pretendia consigo discutir e quem sabe criarmos algo de interessante dentro desta temática, dado que em Portugal como deve saber não existe nada pensado.

Despeço-me com um abraço em Cristo e com votos de uma Santa Páscoa.

Conversa com o F. pelo Meebo

(no blogue "partilhar")

(em 17/04/2008)

F. C. M. diz:

Ora viva mais uma vez :)

F. C. M. diz:

Parabéns pelo blog, está muito bom ;)

F. C. M. diz:

então podemos combinar uma almoçarada na cantina da UA no dia 23 ?

José Carlos diz:

sim

José Carlos diz:

horas

F. C. M. diz:

por mim pode ser quando lhe der jeito

F. C. M. diz:

às 13h ?

José Carlos diz:

ok

F. C. M. diz:

no snack da UA

José Carlos diz:

Espere um pouco

F. C. M. diz:

ok

F. C. M. diz:

eu vou sair, depois falamos melhor amanhã pode ser?

José Carlos diz:

pode ser

F. C. M. diz:

eu vou adiciona-lo depois ao meu email lá da universidade e quando tiver online combinamos melhor

José Carlos diz:

ok

F. C. M. diz:

continuação de um bom dia, e desculpe se lhe estou a ocupar demasiado tempo

José Carlos diz:

De nada.

José Carlos diz:

já estou disponível

José Carlos diz:

só por curiosidade...

José Carlos diz:

como encontrou o blogue?

José Carlos diz:

falamos então depois.

F. C. M. diz:

nas minhas pesquisas que efectuo sobre religião, catequese, internet.

Avaliação da animadora do grupo "Por amor a Deus"

Blogue "Conviver" (em 05/05/2008)

J. P. para jose-carlos

Olá Padre José Carlos!

Como o prometido é devido, aqui vai a minha opinião relativo ao blogue com um grande pedido de desculpas pelo atraso, mas a minha vida académica nestas semanas sobrepõem-se à mim mesma.

O blogue...bem, tenho imensa pena que os jovens não tenham, nem estejam aproveitá-lo da maneira que se esperava; julgo que da minha geração, na idade deles, se algo como tal tivesse surgido, teria sido muito bem "espremido", pela escassez deste tipo de informação ser ainda superior à vivida, hoje em dia, e pelo facto de uma grande parte de nós frequentar o colégio. Vivia-se na altura o espírito de quem quer procura e quem não procura acaba por se perder um pouco na sua ("forçada") existência. Custa-me entender que na actualidade os jovens tenham quase tudo a este nível e isso não suscite neles uma procura pessoal deles próprios; atrevo-me a dizer, como eles, isto "não é nada", "não me motiva/cativa". O blogue abrange um grande leque de assuntos, sempre com um tema central e actual, com o intuito de os fazer pensar e desenvolver competências e faculdades escondidas ou por revelar e que eles ainda não conseguiram interpretar; são sobretudo os de fora que mais valor dão ao que temos cá dentro. Tenho igualmente pena por algumas pessoas não terem acesso às tecnologias em casa e do tempo que dispõe na escola, não o aproveitem em 5 minutos para deixar um comentário no blogue; a partir do momento em que senti que isto feria algumas susceptibilidades, deixei de insistir com eles sobre o blogue, optando por outras formas de o fazer chegar até eles...penso que mesmo assim, por estarem restritos às condições de uma reunião, por vezes, isso não congregava as melhores circunstâncias para eles interiorizarem cada palavra das entradas colocadas.

Como gestora do blogue, até então, foi uma experiência única. Penso que se houvesse uma maior adesão dos jovens para gestores, talvez isso os cativasse mais, talvez isso os fizesse procurar algo para eles e para os outros, talvez isso fizesse com que abrissem o seu mundo e o horizonte de pensamento, talvez isso nos fizesse entender algumas coisas...o condicionalismo de espectadores (des)atentos, não permite a quem gere entender as necessidades deles; esta foi sem dúvida uma das coisas que

mais senti e me levou à “paralisação” na gestão. Fica a esperança que a inexistência de comentários, seja sinal de que pelo menos visitaram e interiorizaram algo que não conseguiram, ou não quiseram exprimir, partilhar ou CONVIVER on-line.

PARABÉNS pela iniciativa que é de louvar e a luta pelos nossos jovens continua...

A próxima reunião está agendada para 6ª feira, dia 9, às 21h e gostaria que estivesse presente, porque alguns ainda estão incrédulos. Conto consigo!

Até lá, JC

Conversa no blogue com um grupo de catequese

Em 2 de Fevereiro

[17:12] meeboguest10471: ola

[17:12] meeboguest10471: senhor padre

[17:12] jose.sa: olá!

[17:13] jose.sa: quem tecla?

[17:13] meeboguest10471: somos o 6º ano da lama

[17:13] jose.sa: muito bem.

[17:13] jose.sa: Estão na catequese?

[17:13] meeboguest10471: estamos a falar sobre fé. O que é para si??

[17:13] meeboguest10471: sim

[17:14] jose.sa: a fé é o centro da vida.

[17:14] jose.sa: nós precisamos acreditar,

[17:14] jose.sa: quer seja em Deus,

[17:14] jose.sa: quer nas pessoas.

[17:14] jose.sa: se nós não tivermos ninguém em quem confiar,

[17:14] jose.sa: não podemos ser felizes.

[17:14] jose.sa: ter fé é confiar.

[17:15] jose.sa: neste caso é confiar em Deus,

[17:15] jose.sa: e confiamos nos verdadeiros amigos.

[17:15] jose.sa: para confiar nos amigos

[17:15] jose.sa: é preciso conhecê-los.

[17:16] jose.sa: o credo ajuda-nos a conhecer esse amigo especial, que é Deus.

[17:17] meeboguest10471: Por vezes é difícil, a vida não nos ajuda...dá-nos outras alternativas mais fáceis mas não as melhores. Vamos nesta quaresma tentar melhorar neste sentido. Obrigado pela sua partiha.

[17:18] jose.sa: obrigado eu.

[17:18] jose.sa: Por a vida ser tão difícil

[17:18] jose.sa: é que precisamos de aprender a confiar em Deus

[17:18] jose.sa: e essa confiança será maior

[17:18] Mensagem do Meebo: meeboguest10471 abandonou a sua página